

Eliane Silveira

A aventura de Saussure

EDITORA DA **ABRALIN**

Palavras dos Editores

Esta publicação, digital e gratuita, compõe o catálogo de livros digitais da Editora da ABRALIN, uma editora *open access*, criada em 2020, que busca oferecer mecanismos efetivos de publicação e circulação de obras de Linguística no país. A ideia que norteia seu funcionamento encontra melhor expressão nas palavras de seu idealizador, Prof. Dr. Miguel Oliveira Jr., então presidente da ABRALIN: “acreditamos que dar acesso livre à produção intelectual de excelência, que é fruto – na maioria das vezes – de investimento público, é o caminho mais democrático no contexto socioeconômico em que vivemos”. Sem dúvida, essas palavras foram definitivas para o nosso engajamento na criação da Editora da ABRALIN. Queremos contribuir para fazer da Editora da ABRALIN um canal permanente de apoio à divulgação da sólida pesquisa feita nas muitas áreas da Linguística no Brasil.

Como todos sabemos, a ABRALIN desempenha papel fundamental na consolidação dos estudos linguísticos no Brasil, contribuindo de maneira crucial para a criação e a preservação de espaços de acolhimento da diversidade de ideias linguísticas, algo que tem urgência ética e é – no nosso entendimento – atitude necessária para manter o indispensável diálogo entre a sociedade e a comunidade científica. A Editora da ABRALIN nasce dentro desse contexto e com esse desígnio maior.

A excelência do trabalho da Editora e das obras por ela publicadas será garantida – disso temos certeza – pela esperada contribuição dos associados da ABRALIN. Tal contribuição constantemente vem em atendimento aos editais e aos critérios tornados públicos periodicamente, na forma de propostas de publicação, na colaboração junto ao Conselho Editorial e com as demais atividades envolvidas no funcionamento da Editora.

Nossa expectativa é que a Editora da ABRALIN possa fornecer obras de qualidade, acessíveis gratuitamente ao público-leitor interessado, fomentando, assim, a pesquisa em Linguística, contribuindo com o diálogo constante entre pesquisadores e sociedade.

Valdir do Nascimento Flores
Gabriel de Ávila Othero
Editores

A aventura de Saussure

EDITORA DA **ABRALIN**

Quem se aventura no evento, certamente ama, treme e se emociona – mas mesmo que possa se encontrar no final, nele, só pode se perder, com leveza e sem reservas. (Agamben)

Sumário

16 APRESENTAÇÃO

PRIMEIRA PARTE: A(S) AVENTURA(S)

23 CAPÍTULO 1 - AVENTURA E LINGUAGEM

25 1.1 A aventura segundo Saussure

33 1.2 A aventura segundo Agamben

39 CAPÍTULO 2 - A(S) POTÊNCIA(S)

41 2.1 Tyche

43 2.2 Anache

45 2.3 Daimon

47 2.4 Eros

49 2.5 Elpis

SEGUNDA PARTE: O MANUSCRITO

52 CAPÍTULO 1 - DE L'ESSENCE DOUBLE DU LANGAGE

71	CAPÍTULO 2 - SIGNO LINGUÍSTICO
93	CAPÍTULO 3 - FORMA E SUBSTÂNCIA
118	CAPÍTULO 4 - SINCRONIA E DIACRONIA
141	CAPÍTULO 5 - LÍNGUA, LINGUAGEM E FALA
163	CONSIDERAÇÕES FINAIS
167	REFERÊNCIAS

LISTA DE FIGURAS

- 24 **Figura 1** - Reprodução da página 494 do *Cahier de L'Herne: Saussure*, imagem do manuscrito *Les Aventures de Polytychus*, conservado na BGE, sob a inscrição Ms. Fr. 3974/a
- 25 **Figura 2** - Reprodução da folha 5 do manuscrito *Récit autobiographique de sa jeunesse et de ses études*, conservado na BGE, sob a inscrição Ms. Fr. 3957-1
- 26 **Figura 3** - Reprodução da folha 5 do manuscrito *Récit autobiographique de sa jeunesse et de ses études*, conservado na BGE, sob a inscrição Ms. Fr. 3957-1
- 27 **Figura 4** - Reprodução da folha 5 do manuscrito *Récit autobiographique de sa jeunesse et de ses études*, conservado na BGE, sob a inscrição Ms. Fr. 3957-1
- 51 **Figura 5** - Reprodução de folha do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372
- 52 **Figura 6** - Reprodução de folha do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372
- 55 **Figura 7** - Reprodução de folha 3 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372
- 57 **Figura 8** - Reprodução da folha 20 do manuscrito *Notes écrites en vue d'un article sur W. D. Whitney*, conservado na BGE, sob a inscrição Ms. Fr. 3951-10
- 74 **Figura 9** - Reprodução de folha 8 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372
- 77 **Figura 10** - Reprodução da folha 17 do manuscrito *Notes "Item" Sôme et sème*, conservado na BGE, sob a inscrição Ms. Fr. 3951-15
- 79 **Figura 11** - Reprodução de folha 73 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372
- 81 **Figura 12** - Reprodução de folha 74 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372
- 84 **Figura 13** - Reprodução de folha 79 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372
- 86 **Figura 14** - Reprodução de folha 80 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372
- 88 **Figura 15** - Reprodução da página 151 do tomo 1 do *Cours de linguistique générale*: édition critique par Rudolf Engler

- 94 **Figura 16** - Reprodução da folha 06 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372
- 95 **Figura 17** - Reprodução da folha 29 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372
- 96 **Figura 18** - Reprodução da folha 8 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372
- 98 **Figura 19** - Reprodução da folha 8 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372
- 99 **Figura 20** - Reprodução da folha 32 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372
- 101 **Figura 21** - Reprodução da folha 36 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372
- 102 **Figura 22** - Reprodução da folha 36 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372
- 103 **Figura 23** - Reprodução da folha 36 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372
- 103 **Figura 24** - Reprodução da folha 36 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372
- 104 **Figura 25** - Reprodução da folha 36 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372
- 105 **Figura 26** - Reprodução da folha 37 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372
- 107 **Figura 27** - Reprodução da folha 55 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372
- 108 **Figura 28** - Reprodução da folha 56 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372
- 110 **Figura 29** - Reprodução da folha 150 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372
- 113 **Figura 30** - Reprodução da folha 195 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372
- 118 **Figura 31** - Reprodução da folha 12 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372

- 120 **Figura 32** - Reprodução da folha 18 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372
- 121 **Figura 33** - Reprodução da folha 18 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372
- 122 **Figura 34** - Reprodução da folha 18 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372
- 124 **Figura 35** - Reprodução da folha 19 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372
- 125 **Figura 36** - Reprodução da folha 19 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372
- 126 **Figura 37** - Reprodução da folha 19 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372
- 128 **Figura 38** - Reprodução da folha 19 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372
- 130 **Figura 39** - Reprodução da folha 76 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372
- 131 **Figura 40** - Reprodução da folha 77 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372
- 139 **Figura 41** - Reprodução da folha 13 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372
- 140 **Figura 42** - Reprodução da folha 153 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372
- 140 **Figura 43** - Reprodução da folha 3 do manuscrito *Première Conferência*, conservado na BGE, sob a inscrição 3951-1
- 144 **Figura 44** - Reprodução da folha 22 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372
- 145 **Figura 45** - Reprodução da folha 46 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372
- 146 **Figura 46** - Reprodução da folha 46 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372
- 149 **Figura 47** - Reprodução da folha 46 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372

- 151 **Figura 48** - Reprodução da folha 154 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372
- 153 **Figura 49** - Reprodução da folha 183 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372
- 154 **Figura 50** - Reprodução da folha 213 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372
- 155 **Figura 51** - Reprodução da folha 212 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372
- 158 **Figura 52** - Reprodução da folha 215 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372

ABREVIACOES E CONVENOES

CLG - SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de linguística geral. Organização de Charles Bally e Albert Sechehaye, com a colaboração de Albert Riedlinger. 5. ed. Tradução de Antnio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1973. Original publicado em 1916.

EDL - SAUSSURE, Ferdinand de. De l'essence double du langage. Manuscrito arquivado na Bibliothque de Genve, nos Archives de Ferdinand de Saussure, 372: Les Manuscrits. 1891.

ELG - SAUSSURE, Ferdinand de. Escritos de linguística geral. Organização e edição de Simon Bouquet e Rudolf Engler, com a colaboração de Antoinette Weil. Tradução de Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lcia Franco. São Paulo: Cultrix, 2004. Original publicado em 2002.

BGE - Bibliothque de Genve.

CONVENÇÕES DE TRANSCRIÇÃO

(xxxxxxx) - letras x entre parênteses: palavra ou trecho ilegível

aaaaaaaaaa - tachado simples: palavra ou trecho rasurado

aaaaaaaaaaaaaaaaaa - sobrescrito simples: palavra ou trecho à margem ou acima da linha

aaaaaaaaaaaaaaaaaa - sobrescrito tachado: palavra ou trecho à margem ou acima da rasurado

xxxxxxxxxxxxxxx - subscrito simples: palavra ou trecho abaixo da linha

aaaaaaaaaaaaaaaaaa - subscrito tachado: palavra ou trecho abaixo da linha rasurado

Apresentação

O livro que agora trazemos a público foi, originalmente, uma tese para professor titular que, portanto, é fruto de uma pesquisa com fins de alcançar uma titularidade acadêmica, mas desde o início pensada para um público maior: o estudioso da linguagem. É por isso que a escolha dos caminhos de escrita esteve sempre ligada a uma expectativa de recepção que se desdobrava entre uma banca de altos especialistas da área e um público mais geral. Este último é composto daqueles interessados nos estudos da linguagem e, talvez, até mesmo especializados, que procurem um aprofundamento na área. O sucesso dessa empreitada, que não é modesta, nós deixaremos ao leitor a tarefa de julgar.

O que trazemos neste livro, portanto, é a experiência do suíço Ferdinand de Saussure (1857-1913), que, na passagem do século XIX para o século XX, ficou marcada na história do conhecimento. A sua inquietude diante da linguagem, uma das produções humanas mais instigantes, que gerou uma efervescência intelectual digna de nota entre os seus contemporâneos, o acompanhou a vida toda. Conhecer as línguas, as suas histórias, as suas origens, as relações entre elas, as curiosidades e também as suas estruturas gramaticais era uma atividade que reunia em torno de si boa parte daqueles que tinham acesso ao que era considerado educação e cultura na sociedade suíça, mas também a intelectualidade das melhores universidades daquele período. Tal mobilização em torno dos estudos da linguagem, conhecida por Saussure desde a infância – seu avô era um etimologista –, não escondia a ânsia pelo estatuto de cientificidade que os ventos

do século XIX espalhavam também por Genebra. A própria família de Saussure era constituída de pesquisadores em vários domínios da ciência há algumas gerações. A experiência de Saussure é única, singular, mas ocorre num terreno fértil de interlocução, cheio de hipóteses, com respostas variadas e muitas demandas novas para uma das curiosidades mais antigas da humanidade.

Quem lê Saussure no século XXI precisa ser advertido do grande horizonte que um estudioso da linguagem tinha a sua frente naquele momento. Não que hoje o horizonte seja menor; porém, atualmente, a categoria de “estudioso da linguagem” é subdividida, parcelando também esse horizonte de conhecimento e demandando uma verticalização que desemboca na conhecida hiperespecialização de nossos tempos. Saussure e os seus contemporâneos não conheciam, por exemplo, a subdivisão entre linguística e literatura, que polariza os estudantes de Letras há mais de um século, embora esses dois campos já fossem conhecidos. Visitar as obras dos irmãos Grimm, de Humboldt ou de Saussure nos permite vislumbrar uma ampla atenção aos fenômenos da linguagem em geral, sem obedecer aos limites desses dois campos que conhecemos hoje e, em alguns casos, mesmo de outras áreas de conhecimento.

O Saussure que trazemos neste livro é efeito do seu tempo, mas não em sintonia com ele. Por isso mesmo buscaremos acompanhar Saussure em uma das suas experiências que, aqui, junto com Agamben (2018), chamaremos de aventura enquanto indissociável da palavra. Para o filósofo italiano, “todo homem encontra-se preso à aventura” (AGAMBEN, 2018, p. 61) “que ele deve saber reconhecer para estar a sua altura” (AGAMBEN, 2018, p. 54). Esse parece ser o caso de Saussure, que escreveu sobre questões de linguagem desde muito jovem – estima-se que o seu primeiro manuscrito sobre o tema tenha sido produzido entre 14 e 15 anos – e escreveu até a sua

morte, aos 56. Foram décadas de escrita sobre o mesmo tema, que, no século XIX, era bastante amplo. Porém, Saussure marcou um percurso particular por entre as possibilidades de abordá-lo: havia o conhecimento próprio do século XIX, mas não uma resignação às respostas que os seus contemporâneos já haviam dado para as questões da área. Além disso, ele era capaz de se desvencilhar das questões unânimes e caminhar por outras, que o seu tempo ainda não havia enfrentado, embora não as desconhecesse. Esse era o caso em relação à demanda por cientificidade própria aos estudos da linguagem e às dificuldades de delimitação do objeto específico dessa ciência que, embora já tivesse sido histórica e também darwinista, ainda não lograva um estatuto comum de ciência entre seus próprios pares ou entre as outras ciências.

Saussure ainda era dono de uma especificidade que faz a sua produção ser, sem dúvida, um espaço onde se possa situar e seguir uma grande aventura. Ele dificilmente deixava uma questão de lado sem antes resolvê-la ou mesmo refazê-la a partir de outras bases que o permitissem avançar em seu percurso. Não é incomum, portanto, que as questões tomem formas diferentes diante das suas pesquisas sobre a poesia francesa, grega ou latina ou, ainda, das lendas germânicas ou dos falares da Lituânia. Dessa forma, a experiência dos pesquisadores em sua numerosa produção tem mostrado que há questões – e não são poucas – que o perseguiram durante toda a sua vida e encontraram diferentes pontos de elaboração ao serem tocadas pelos temas mais variados.

É assim que nos pareceu bastante óbvio tomar um grande manuscrito de Saussure na sua dimensão de aventura languageira, trilhá-lo e, ao seguir o fio da escrita do genebrino, acompanhar sua elaboração na última década do século XIX, porém sem esquecer que somos do século XXI e, por isso, profundamente marcados

pela experiência com o *Curso de linguística geral* (1916) nas diversas instâncias em que ele está presente: na formação de um linguista, bem como no seu percurso profissional.

O manuscrito que é objeto desta nossa empreitada é conhecido como *De l'essence double du langage*¹ e constitui um conjunto de mais de duas centenas de folhas escritas pelo linguista no século XIX, cujo conteúdo, na sua totalidade, é especificamente sobre o objeto dos estudos da linguagem em seus aspectos constitutivos. O manuscrito foi editado e publicado por Simon Bouquet e Rudolf Engler.² Além disso, é digno de nota que, em muitos pontos, o manuscrito se aproxima do conteúdo do *Curso de linguística geral*³ embora, evidentemente, um e outro sejam muito diferentes em diversos aspectos.

Assim, na primeira parte do livro – “A(s) aventura(s)” – teremos dois capítulos. No primeiro capítulo, “Aventura e Linguagem”, apresentaremos a aventura, seja naquilo que o próprio Saussure enuncia enquanto tal ou enquanto se pode depreender da sua própria narrativa da travessia que empreendeu nos estudos da linguagem. Em seguida, apresentamos *A aventura*, ou seja, uma noção de aventura estabelecida por Agamben no livro com o mesmo título, publicado inicialmente em 2015, na Itália, e traduzido para o português em 2018. Procuraremos elencar aspectos da aventura – seja por Saussure ou por Agamben – que favoreçam a compreensão de que ela já é íntima ao trabalho de Saussure, assim como propícia para acompanhar a sua escrita no movimento de elaboração teórica em que ele se coloca. No segundo capítulo, “A(s) Potência(s)”, traremos

1 Sempre que nos referirmos a ele, conforme sua disposição no Archive 372 constante da Biblioteca Pública de Genebra e com cópia adquirida por nós em 07/2012, usaremos a sigla EDL.

2 Essa edição, publicada pela Gallimard na França em 2002 e pela Cultrix no Brasil em 2004, será referida neste trabalho pela sigla ELG.

3 Doravante CLG.

uma parte considerável da formulação de Agamben sobre a aventura, que implica as cinco potências que a regem, em que os conceitos não personificados para as potências são Daimon, Tyche, Ananche, Eros e Elpis. Ao introduzi-los, faremos sempre alguma articulação com a recepção da produção saussuriana com o objetivo de indicar os lugares em que elas já foram, de alguma forma, situadas pelos seus leitores.

Abraçamos a hipótese de que o manuscrito de Saussure, EDL, possa ser tomado como a aventura saussuriana e, portanto, que possamos recuperar traços do movimento do linguista na sua elaboração teórica a partir do modo como ele mantém relação com essas potências, tal qual se pode ler da sua própria escrita. Contudo, para além das luzes que essas potências podem jogar ao movimento de Saussure, o que sustenta a nossa reflexão é a perspectiva de Agamben de que a aventura se dá na linguagem, o que faz do manuscrito um dado talhado para a articulação com a aventura, que, nesse caso, é teórica e tem consequências para as ciências que tomam a linguagem como objeto ou dependem dela de alguma maneira.

A segunda parte – “O manuscrito” – partirá de um primeiro capítulo no qual faremos uma apresentação detalhada deste material e de seu histórico e contará com quatro capítulos que representam um loteamento conceitual do EDL, cuja totalidade resiste em ser apreendida em função de diversos fatores: a sua extensão, a quantidade de questões ali tratadas e as suas complexidades, aliadas às do próprio manuscrito enquanto materialidade específica. Dessa forma, no capítulo 1, o manuscrito *De l'essence double du langage* será apresentado ao seu leitor a partir de elementos da sua história e da sua materialidade para que o primeiro contato com ele ofereça uma imagem à altura da sua importância e complexidade. Nesse caminho escolhido para expô-lo, será possível tratar, também, de algumas informações importantes a respeito da sua produção,

descoberta e recepção, favorecendo uma compreensão do desafio que ele representa ao pesquisador. Além disso, apontaremos alguns princípios a partir dos quais concebemos a abordagem de um manuscrito e que nortearão a maneira como nós o trazemos nos capítulos que se seguem nessa segunda parte. No capítulo 2, “Signo linguístico”, percorreremos o manuscrito com o objetivo de surpreender Saussure na sua escrita tortuosa a respeito do que, no CLG, ficou conhecido como signo linguístico. Quase duas décadas antes das aulas que deram origem ao livro póstumo, Saussure estava em qual ponto da sua aventura com o conceito que ora conhecemos? Qual a potência que regia a sua escrita naquele momento? O leitor deve esperar um caminho acidentado e deveras diferente do que encontra no CLG. No capítulo 3, “Forma e substância”, o recorte é uma dupla conceitual não raramente evitada na produção saussuriana, embora a sua frequência seja constante. O desvio é compreensível: os conceitos em questão são dos mais difíceis, por um lado, pela extensa literatura na filosofia e pouca presença na linguística do século XIX e, por outro, porque eles são pensados concomitantemente à constituição do objeto da linguística, o que lhes oferece uma relevância que os faz aparecer nos estudos, apesar da dificuldade. Além disso, o EDL é farto em referências a esses conceitos.

Todos os capítulos estão interligados porque a aventura de Saussure não secciona esses conceitos; ao contrário, ela os imbrica definitivamente. No entanto, pode-se dizer que a relação entre os dois últimos capítulos é de uma dependência inexorável, como veremos. No capítulo 4, “Sincronia e diacronia”, acompanharemos Saussure na sua relação com a linguística histórica de seu tempo e a necessidade que ele se impunha de apontar um novo caminho. No capítulo 5, “Língua, linguagem e fala”, abordaremos o tríptico

conceitual mais famoso do CLG. Embora talvez ele não encontre a sua formulação no EDL, isso não implica que não deva muito à aventura de Saussure na escrita do EDL, especialmente quando ele indica um outro caminho para a linguística muito além da linguística histórica.

Ao final dessa jornada, esperamos que o leitor tenha sentido o peso da aventura saussuriana pelos meandros da sua escrita, neste mergulho pelas rasuras, pelos incisos, diante da frase inacabada, em todas as repetições e também em cada formulação que nem sempre é facilmente situável entre tantos caminhos e descaminhos dos seus traços. Mas, supomos que, ao abordar a elaboração do linguista por esse viés, estamos contribuindo para a compreensão sobre a constituição da linguística enquanto ciência a partir do trabalho de Saussure, o que talvez nos permita pensar o linguista em geral no seu trabalho de pesquisa e construção da área, graças ao que ela já não é mais a mesma desde Saussure.

Um efeito pedagógico deste trabalho seria a possibilidade de que o seu leitor, ao apreender os conceitos no próprio movimento de elaboração, os compreendesse melhor, assim como perceber a necessária rede de relações que há entre eles. Mas não estaríamos satisfeitos se o leitor, antes de tudo, não vislumbrasse a necessária implicação do linguista nessa aventura – que, de início, ele não pode saber onde acabará (mesmo que não termine) – e, ainda assim, ele reconhecesse o seu pertencimento a ela, à aventura do linguista.

Primeira parte: A(s) aventura(s)

CAPÍTULO 1 - AVENTURA E LINGUAGEM

Ferdinand de Saussure (1857-1913) é conhecido como o fundador da linguística moderna graças a sua obra póstuma, o Curso de linguística geral, cuja edição foi possível pela junção das anotações dos cadernos de alguns alunos que frequentaram suas aulas entre 1907 e 1911 e alguns poucos dos seus manuscritos. Ele mesmo havia anunciado muitas vezes um livro que tratasse dos problemas gerais da área de estudos da linguagem, e tal estatuto científico foi francamente perseguido no século XIX, mas nunca alcançado de maneira efetiva.

A publicação do CLG acontece imediatamente após a sua morte, dada a rápida iniciativa da sua esposa, Marie Faesch de Saussure (1867-1950), que chama três grandes interlocutores do seu marido para conversar sobre a possibilidade de publicar as ideias de Saussure, consideradas geniais por tantos dos seus colegas, e que poderiam se perder com a sua morte. É assim que Antoine Meillet (1866-1936), Albert Sechehaye (1870-1946) e Charles Bally (1865-1947) se encontram na casa de Saussure, em 1913, ano da morte do linguista, para – com o apoio de Marie de Saussure, que coloca à disposição deles os manuscritos de Saussure de que dispunha – pensarem a melhor forma de efetivar a proposta de Saussure, que não havia se cumprido e era esperada por muitos: a publicação de um livro de linguística geral. Como se lê no prefácio dos editores a essa obra, “todos que tiveram o privilégio de acompanhar tão fecundo ensino deploraram que dele não tivesse surgido um livro” (BALLY;

SECHEHAYE apud SAUSSURE, 1973 [1916], p. 1).

O resultado é conhecido. O CLG foi traduzido em dezenas de línguas e é considerado um clássico, embora as polêmicas a respeito da edição não cessem de se renovar, muitas delas contrastando os manuscritos de Saussure à publicação póstuma. Foi, no entanto, nesse primeiro momento, logo após a morte de Saussure, que seus manuscritos tiveram uma primeira abordagem. Contudo, haveria muito mais a se testemunhar do percurso teórico de Saussure, conforme sublinha Fehr (1996), em um excelente apanhado sobre as produções de Saussure em torno da sua obra:

Cette première conception a été changée de fond en comble par les travaux de Robert Godel et l'avalanche de publications qu'il ont déclenchée. En effet, depuis le début des années soixante, les publications posthumes de notes inédites sur les sujets les plus divers, de lettres et de documents saussuriens ne cessent de s'accumuler (FEHR, 1996, p. 180).

Assim, um novo capítulo na recepção saussuriana é escrito na segunda metade do século XX, justamente porque uma grande quantidade de manuscritos de Saussure começa a ser descoberta depois da morte de Marie de Saussure, Charles Bally e Albert Sechehaye. Marchese resume a chegada desses documentos:

É evidente que, depois da edição do *Curso de linguística geral* por Bally e Sechehaye, os quais viram – se supõe – os manuscritos de seu mestre ainda reunidos, os manuscritos saussurianos não seguiram um percurso unitário. Os manuscritos de Ferdinand de Saussure legados pela sua família à Biblioteca Pública de Genebra em janeiro de 1955 formam um notável conjunto, que não constitui, contudo, a totalidade dos inéditos do linguista genebrino. Em novembro de 1955 Mme. Bally, a exemplo da família de Saussure, remete à BGE, os manuscritos que seu marido tinha guardado com ele. A Houghton Library da Universidade de Harvard recebe, em 1968, um outro

grupo importante de manuscritos que estavam em mãos dos filhos de F. de Saussure; em 1996 se descobre, em uma dependência da casa de campo da família de Saussure em Genebra, manuscritos de um 'livro de linguística geral', que se acreditava definitivamente perdido, e que são conservados na Biblioteca Pública e Universitária de Genebra (MARCHESE, 2003, p. 338, grifo da autora).

Giram muitas hipóteses em torno das motivações da entrega parcelada desse material e mesmo sobre as condições em que os manuscritos foram entregues às bibliotecas. Supõe-se, por exemplo, que a esposa de Saussure e os editores do CLG eram contrários à circulação de seus manuscritos, por isso eles chegaram a público apenas após a morte de todos os três, assim como é corrente a informação de que os filhos de Ferdinand de Saussure teriam vendido, por intermédio de Roman Jakobson, os manuscritos que chegaram à Harvard. Além desse fato, há uma infinidade de cartas que Saussure enviou aos seus inúmeros interlocutores e que, vez ou outra, chegam à BGE; especula-se que ainda há cartas a surgir.

Ao lado das informações sobre as suas atividades intelectuais e de pesquisa, o imaginário sobre a produção e circulação dos manuscritos de Saussure contribui, para um amplo espectro que constitui a recepção da sua obra, que não cessa de ser reinterpretada à luz de novas informações ou mesmo do amadurecimento das áreas de trabalho que se ocupam da produção teórica do genebrino e favorece que ela seja tomada na dimensão de uma aventura na e sobre a linguagem. Como veremos, o próprio Saussure franqueia essa entrada, mas é Agamben que nos fornece os elementos necessários para seguirmos adiante.

1.1 A aventura segundo Saussure

A ideia de uma aventura saussuriana chega a nós através do

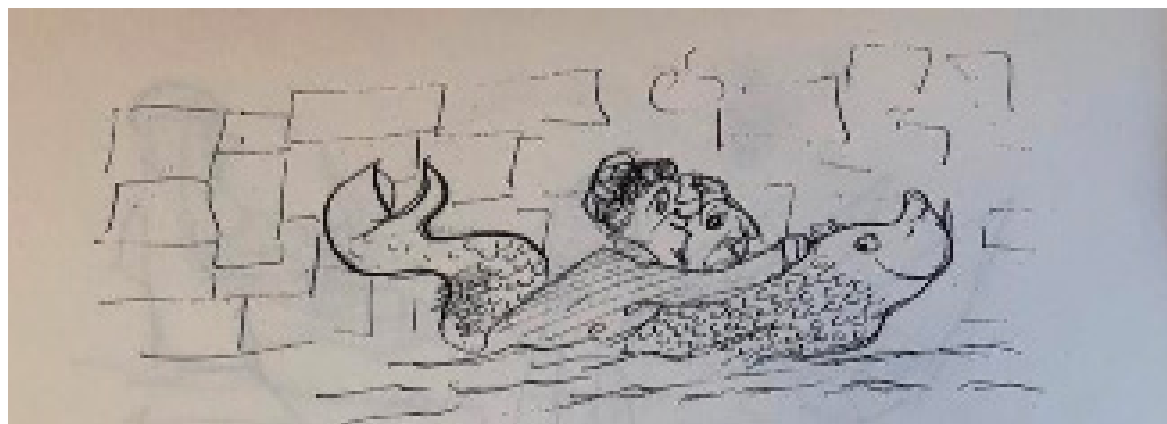
próprio linguista, que nos mostra algumas possibilidades de pensar a aventura. Talvez a mais precoce seja a sua história em quadrinhos *Les Aventures de Polytychus* [As aventuras de Polytychus], arquivada na Biblioteca de Genebra, sob a rubrica Ms. Fr. 3974, produzida em 1875, quando o genebrino contava com 17 anos. Ela foi apresentada por Sèmir Badir em 2003, na edição *Saussure* do *Cahier de L'Herne*. Badir a resume da seguinte forma:

Les amateurs auront plaisir à reconnaître dans les dessins d'un étudiant de dix-sept ans quelques-unes des problématiques qui préoccuperont le savant: les étymologies populaires, la transcription oraculaire, le parcours de l'interprétation, et même le thème de la valeur qui reçoit ici un traitement primitif (BADIR, 2003, p. 474).

Alguns temas sobre a linguagem aparecem sub-repticiamente enquanto o jovem genebrino narra as peripécias do seu personagem principal Polytychus, que, diante de um grande tédio em Atenas, é chamado pelo amigo Picrate a cumprir uma de suas obrigações, que se transformam numa série de acontecimentos imprevistos. Nesse percurso, feito com um outro companheiro– o seu funcionário Hipurgo –, a juvenil noção de aventura se espraia pelos quadrinhos enquanto Polytychus, inadvertidamente, se coloca em situações de risco e, por mérito do acaso e de sua perspicácia, escapa não só ileso, mas com algum ganho.

Com um ritmo de aventura policial e plena de humor, essa ficção sobre as peripécias que tiraram Polytychus, o cidadão ateniense, do tédio e lhe mostraram a sua capacidade de vencer os obstáculos tem como tema principal uma série de aventuras, bem ilustrada pela imagem de Polytychus e Hipurgo, como vemos abaixo:

Figura 1 - Reprodução da página 494 do *Cahier de L'Herne: Saussure*; imagem do manuscrito *Les Aventures de Polytychus*, conservado na BGE sob a inscrição Ms. Fr. 3974/a



Fonte: Saussure (1875 *apud* BADIR, 2003, p, 494)

A legenda dessa imagem, escrita por Saussure e transcrita por Badir (2003, p. 494), dá o tom da aventura em questão: “Sem dúvida Polytychus e Hipurgo teriam perecido miseravelmente neste calabouço se Netuno não tivesse enviado um golfinho salvador que os resgatasse.”¹ Os companheiros salvam-se fantasticamente. É preciso notar que os vários episódios pelos quais o personagem principal passa na trama são, cada um, chamados de aventura, daí o título no plural: “As aventuras de Polytychus”.

Saussure, de forma surpreendente, oferece, ao linguista que o conhece apenas pelo *Curso de linguística geral*, uma história em quadrinhos totalmente produzida por ele, com uma narrativa que nos permite iniciar a reflexão a qual nos propomos neste trabalho. Porém, é com o seu testemunho de 1903, também relativamente desconhecido do grande público, que passamos a conhecer uma perspectiva mais madura e sensível do que ele considera uma aventura.

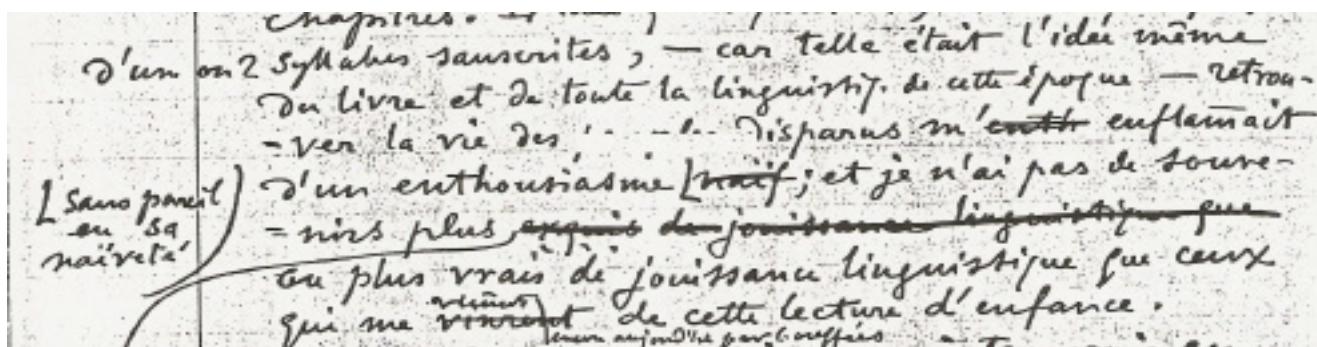
Cerca de dez anos antes de morrer, Saussure produz uma espécie de memorial que ele escreve com o objetivo de enviar a um amigo:

¹ No original: “Sans doute Polytychus et Hipurgo auraient péri misérablement dans cette oubliette si Neptune ne leur envoyé un dauphin sauver emmena tous deux.”

*Récit autobiographique de sa jeunesse et de ses études*². Esse texto, nunca enviado e agora arquivado na Biblioteca Pública de Genebra, nos deixa entrever o autorretrato intelectual de Saussure, o qual ele se dá ao trabalho de fazer com o intuito de registrar o ponto de origem de um percurso que o levaria ao seu único livro publicado em vida: o *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*³.

Nessa escrita da sua aventura, lhe ocorre uma passagem indelével da sua infância, quando relembra as sensações que uma leitura lhe imprimiu: tratava-se de um livro do vizinho da casa de férias, o linguista Adolf Pictet:

Figura 2 - Reprodução da folha 5 do manuscrito *Récit autobiographique de sa jeunesse et de ses études*, conservado na BGE, sob a inscrição Ms. Fr. 3957-1



Fonte: Saussure (1903, p, 5)

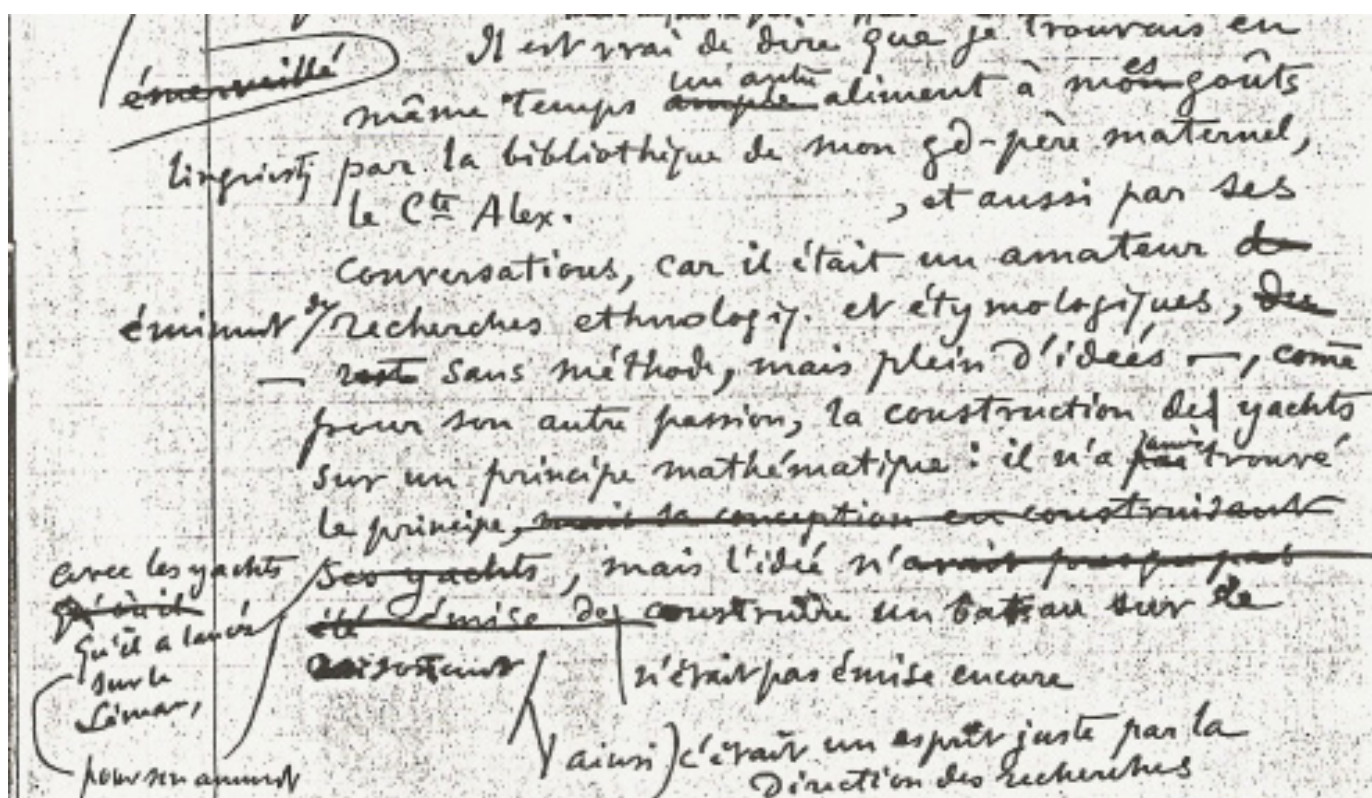
[...] - pois tal era a ideia mesmo do livro e de toda a linguística da época - descobrir a vida dos povos desaparecidos, me inflamava de um entusiasmo ^{ingênuo} incomparável em sua ingenuidade; e não tenho lembranças mais deliciosas de prazer linguístico que mais verdadeiras de prazer linguístico do que aquelas que me vieram ^{ainda} hoje me vêm dos sopros dessa leitura de infância

2 Escrito em 1903, foi assim nomeado pelo seu catalogador, Robert Godel, na década de 1950 e arquivado na Biblioteca Pública de Genebra sob a rubrica Ms. Fr. 3957-1. É mais conhecido por *Souvenirs*, forma como nos referiremos a ele neste trabalho.

3 Doravante *Mémoire*.

Essa memória que lhe toma de forma sensorial, “em sopros” ou “em baforadas”, lhe evoca imediatamente outra, na qual lhe ocorre que o gosto pela aventura, propriamente dito, não havia sido descoberto por ele na vizinhança, com um amigo da família, mas em sua própria casa, com o avô materno:

Figura 3 - Reprodução da folha 6 do manuscrito *Récit autobiographique de sa jeunesse et de ses études*, conservado na BGE, sob a inscrição Ms. Fr. 3957-1



Fonte: Saussure (1903, p. 6)

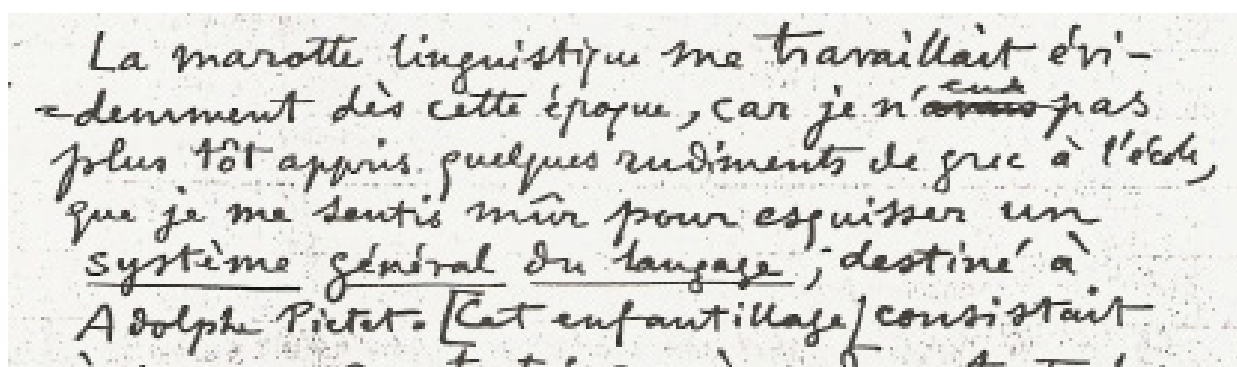
É verdade dizer que encontrei ao mesmo tempo ^{um outro} alimento para meus^s gostos linguísticos na biblioteca do meu avô materno, o Cte. Alex. , e também por suas conversas, pois ele era um eminente amador de ^{eminente de} pesquisas etnológicas e etimológicas, de resto sem método, mas cheio de ideias –, quanto a sua outra paixão, a construção de iates sobre um princípio matemático: ele ^{nunca} não encontrou o princípio, ~~mas sua concepção na construção~~ seus iates, ^{com os iates que ele lançou no Leman, para sua diversão}, mas a ideia não tinha sido proposta ^{não tinha sido proposta ainda} de construir um barco com base

nesse raciocínio. Por isso era um espírito propício à condução de pesquisas 4

Saussure retoma a imagem da biblioteca do seu avô no reconhecimento do que se pode chamar de “*punctum*” com Barthes (1984, p. 69): “esse acaso que, nela (imagem), me punge”. Esse ponto desde onde, para ele, a sua aventura se inicia ao testemunhar a aventura do avô, que buscava descobrir uma maneira específica de construir barcos e os lançava ao lago Lemán, em Genebra, para descobrir até onde havia logrado sucesso. É importante notar que Saussure destaca alguns aspectos da aventura do avô: i) a incompletude: “ele nunca encontrou o princípio”; ii) o lúdico: “para sua diversão”; iii) a falta de método e o princípio matemático que falha; iv) o inacabado: “não deixar de lado [a ideia de construir o barco naqueles princípios]” e, fundamentalmente, iv) a narrativa: “suas conversas” -- o avô narrava para o pequeno as suas aventuras.

Mesmo que Saussure tenha localizado esse ponto no qual a sua aventura tem um início (um determinado momento da sua infância), ainda não é claro para ele o que se passava no nível desse seu interesse precoce, diriam alguns, pelos estudos da linguagem. Ele confessa:

Figura 4 - Reprodução da folha 6 do manuscrito *Récit autobiographique de sa jeunesse et de ses études*, conservado na BGE, sob a inscrição Ms. Fr. 3957-1



Fonte: Saussure (1903, p. 6)

4 No original: “Il est vrai de dire que je trouvais en même temps un autre aliment à mes goûts linguistiques par la bibliothèque de mon grand-père maternel, le Cte. Alex [...] et aussi par ses conversations, car il était un amateur éminent de recherches ethnologiques et étymologiques — sans méthode, mais plein d'idées — comme pour son autre passion, la construction de yachts sur un principe mathématique: il n'a jamais trouvé le principe avec les yachts qu'il a lancés sur le Léman pour son amusement, mais l'idée n'était pas émise encore de construire un bateau sur le raisonnement. Ainsi c'était un esprit juste par la direction des recherches.”

A paixão desmedida [pela] linguística tomava conta de mim, evidentemente, desde esta época, porque eu ainda não tive-tinha aprendido nenhum rudimento de grego na escola, mas senti-me maduro para esboçar um sistema geral de linguagem, destinado à Adolphe Pictet.⁵

Optamos por traduzir a palavra “marotte”, do início da sua afirmação, por “paixão desmedida”. A expressão em português nos parece em consonância com o termo em francês e adequada ao tom que Saussure emprega no seu manuscrito, já que, em seguida, ele diz que ela “tomava conta de mim”, ou seja, sugere que ela é algo que pode fugir ao domínio do sujeito, a despeito da sua vontade, poderíamos completar, sem falsear a direção da sua afirmação.

Não obstante, quando olhamos os dois conectivos usados um pouco adiante na sua argumentação: porque (não havia tido aulas de grego), mas (sentia-se maduro para elaborar uma teoria), percebemos que eles introduzem informações que confirmam um ímpeto que não tinha sustentação no seu conhecimento sobre as línguas e seu funcionamento. Assim, com pouco conhecimento para o que se propôs, ele precisou se apoiar em uma paixão para esboçar um sistema geral da linguagem.

Stefan Zweig, escritor austríaco contemporâneo de Saussure, ao escrever sobre os afetos em estado limite, alguns anos depois da morte do genebrino, afirma que

a maior parte das pessoas tem a fantasia embotada. O que não as toca diretamente, o que não atinge duramente seus sentidos com sua ponta afiada quase não as excita. Mas se [algo] acontece diante de seus olhos, bem perto da sua emoção, ainda que seja algo insignificante,

⁵ No original: “La marotte linguistique me travaillait évidemment dès cette époque, car je n'eus pas plus tôt appris quelques rudimentos de grec à l'école, que je me sentis mûr pour esquisser un système général du langage, destiné à Adolphe Pictet.”

logo desencadeia nelas uma paixão desmedida (ZWEIG, 2007 [1922], p. 11).

Essa paixão desmedida foi desencadeada em Saussure, conforme o seu testemunho escrito, ainda na infância, quando foi tocado pela leitura do livro do vizinho e/ou na convivência com o avô. Isso, que aconteceu “bem diante dos seus olhos, bem perto da sua emoção”, para retomar Zweig, foi lembrado por Saussure já na maturidade e elevado à causa da aventura que o sustenta na linguística.

Todavia, é importante lembrar que a escrita dessa espécie de memorial é motivada por um constrangimento vivenciado por ele na juventude, que o persegue durante todo o seu percurso na linguística, como demonstra a escrita do *Souvenirs*. Nele o linguista trata, pela primeira e única vez, da suspeita de plágio que recai sobre o *Mémoire*, escrito na juventude, único livro que Saussure publicou em vida.

Assim, entre a angústia de retomar uma experiência que o constrangia e restaurá-la a partir da sua íntima aventura iniciada com a paixão infantil, ele encontrou essa imagem na biblioteca do avô. Não é surpreendente que o assentimento desse *punctum*, que ele elege como o ponto inicial da sua aventura, sucedesse num *a posteriori*, ou seja, depois de reconhecer a sua própria aventura como linguista. A partir de então, com a sua pena, ele abre uma espécie de caixa de pandora que, na escrita, libera as potências que comandaram a sua aventura.

Apesar de podermos identificar, com Saussure, uma aventura em curso, é Agamben quem nos traz uma formulação específica e detalhada sobre a aventura que nos permite acompanhar o manuscrito de Saussure por essa ótica. Vejamos como o filósofo italiano toma essa noção, a subverte e a especifica de maneira a assegurarmos que ele tem uma concepção própria que nos serve como dispositivo de

leitura do movimento de Saussure em seus manuscritos.

1.2 Aventura segundo Agamben

Giorgio Agamben (1942-), filósofo italiano, tem uma obra vasta, com uma considerável diversidade temática que a faz ser discutida em muitos outros campos para além da filosofia. Ainda, ele atrai para o debate problemas contemporâneos e autores das mais variadas áreas, não somente da filosofia, para compreendê-los. O seu livro *L'avventura*, publicado originalmente na Itália em 2015, traz consigo essas marcas presentes no conjunto da sua obra, com uma abordagem particular da linguagem que é um tema recorrente nos seus trabalhos.

Nesse pequeno livro, Agamben apresenta uma abordagem cuidadosamente focada do tema aventura, que parece ter sido inspirado por uma obra de Goethe (1749-1832): *As palavras originárias*, de 1817. Desse ponto de partida, o filósofo italiano segue com um número considerável de autores para perscrutar o sentido da aventura. Mas o primeiro capítulo, “Demônio”, é dedicado a tratar do que está em jogo na breve aventura da vida humana que a une às cinco divindades/potências de Macróbio e de Goethe: Daimon, o Demônio; Tyche, a Sorte; Eros, o Amor; Ananche, a Necessidade; e Elpis, a Esperança.

Ele começa a tratar, explicitamente, da aventura no segundo capítulo do livro, depois de ter exposto as cinco potências que presidem a existência humana. Apesar de os três capítulos seguintes terem como título o nome de uma das potências, eles não são dedicados unicamente a elas; ao contrário, Agamben continua a se dedicar à aventura e a observar em que ela é presidida por uma e/ou outra potência.

A partir de então, nos deparamos, certamente, com uma concepção de aventura muito singular, embora não unitária. Se, por um lado, ele exclui alguns dos sentidos já consagrados para o termo, indicando aspectos fundamentais para caracterizar a experiência da aventura que lhe interessa nessa reflexão, por outro lado, o sentido da aventura não se fecha sob o risco, inclusive, de desqualificar o seu cerne. Assim, o seguiremos, brevemente, para desfrutar da aventura em um sentido qualificado.

Agamben ancora a sua concepção de aventura em uma interpretação específica que faz das novelas de cavalaria da Idade Média, em contraposição à interpretação moderna desse termo, que também tem a sua interpretação da literatura do período medieval. É por um poema típico das novelas de cavalaria de Chrétien de Troyes que Agamben nos leva além da associação semanticamente autorizada e historicamente repisada entre a sorte e o acaso na literatura e apresentar uma noção de aventura constituída na linguagem.

O poema traz a busca de Yvain, o protagonista, pela aventura, termo que, segundo Agamben, nas novelas de cavalaria, pode ter muitos sentidos, e designar tanto o acaso quanto o destino, o evento inesperado ou a cadeia de fatos. Porém, ele observa: “Decisiva é, porém sempre a irresistível implicação do sujeito na aventura que lhe acontece” (AGAMBEN, 2018, p. 29).

Agamben destaca do poema o verbo “trouver”⁶, que lá se encontra associado à aventura, e alerta para o significado desse verbo no francês antigo: “compor poesia”. Assim, o significado atual do verbo, “procurar”/“encontrar”, permitiria, também, visto a época do poema,

⁶ Citamos o poema de Chrétien de Troyes (*apud* AGAMBEN, 2018, p. 25, grifos nossos), em francês, no original: “Je sui, fet il, uns chevaliers/qui quier ce que **trover** ne puis;/assez ai quis, et rien ne truis./Et que voldroies tu **trover**? /**Aventure**, por esprover/ma proesce et mon hardement. /Or te pri et quier et demant,/ se tu sez, que tu me conseil/ou de **aventure** ou de mervoille/A ce, fet Il, faudras tu bien; /d’**aventure** ne sai rien/n’onques mès n’en oi parler.”

“compor” a aventura, no sentido de compor uma poesia oralmente ou por meio da escrita. Dessa forma, “a aventura do cavaleiro é a mesma aventura do poeta” (AGAMBEN, 2018, p. 27).

É a partir da perspectiva do romance de cavalaria, então, que Agamben aponta para algo que é muito importante na sua definição de aventura, a qual implica tomar o acaso para si e, mais ainda, explicita a intrínseca relação da aventura com a palavra.

Entretanto, é com um contemporâneo de Saussure que Agamben dá um passo decisivo no seu percurso de redimensionamento da interpretação do termo “aventura”. Ele sublinha o duplo significado do termo alto-alemão “àventiure”, derivado do francês antigo “aventure”, que foi primeiramente observado por Grimm⁷: “Ao lado do significado de evento e acontecimento, aventure ganhou o de narrativa. [...] designa não apenas o que aconteceu, mas também a narrativa disso” (GRIMM, 1942, p. 6, apud AGAMBEN, 2018, p. 30). O filósofo italiano verifica que nem sempre é fácil distinguir entre “o evento e sua transposição em palavras” (AGAMBEN, 2018, p. 30) e, além disso, que, “[...] entre os possíveis significados do termo figura também o de destino” (AGAMBEN, 2018, p. 31). Essas instâncias do significado da aventura lhe permitem apostar que “aventura e palavra, vida e linguagem se confundem, e o metal que resulta de sua fusão é o do destino” (AGAMBEN, 2018, p. 32).

É nessa direção que ele aborda o trabalho de Maria de França⁸, no qual “aventura” toma a forma de um termo técnico, que ainda mantém toda “a riqueza semântica e toda ambiguidade descrita por Grimm” (AGAMBEN, 2018, p. 32). Agamben destaca, do seu trabalho, os versos lais, uma série de poemas narrativos curtos. Mais

7 Jacob Ludwig Karl Grimm (1785-1863) foi um dos responsáveis pela Lei de Grimm, que estabelece a regularidade das leis fonéticas, elaboração teórica importante para os estudos da linguagem do século XIX, ambiente intelectual formador de Saussure.

8 Assim conhecida em função de como se apresenta em um de seus trabalhos, os quais foram escritos em francês antigo, em fins do século XII, na Inglaterra.

especificamente, ele cita o Guigemar, no qual declara que ouviu as aventuras; no entanto, embora as tenha escutado, elas na verdade já são sempre narrativas escritas. O poeta conclui, assim, que, no trabalho da poetisa, é possível admitir que “[...] a aventura não precede a narrativa como evento cronológico, mas permanece desde o início inseparável dela” (AGAMBEN, 2018, p. 32).

No sentido de instaurar essa instância da aventura indissolúvel da linguagem, Agamben assevera que “ela não é um evento situado em um passado cronológico, mas já sempre evento de palavra” (AGAMBEN, 2018, p. 33). Um pouco adiante, ele é explícito ao dizer que, na narrativa de Maria de França, não há aventura-evento e aventura-narrativa, na qual a segunda deve corresponder à primeira, já que “aventura e verdade são indiscerníveis, porque a verdade advém e a aventura não é senão o advir da verdade” (AGAMBEN, 2018, p. 34).

De fato, na escrita da poetisa, Agamben nos mostra como aventure e verité se intercambiam, mas alerta que a verdade, ali, não é aquela da coincidência entre fatos e palavras, a histórica ou a lógica, mas a verdade poética. Na prática, “aventura” era “um termo técnico essencial do vocabulário poético medieval” (AGAMBEN, 2018, p. 37), de caráter performativo. No entanto, Agamben recolhe, dessa perspectiva da aventura na Idade Média, tanto a unidade entre evento e narrativa quanto entre a coisa e a palavra.

Apresentamos, dessa maneira, uma entrada possível do termo “aventura” tal qual preconiza Agamben, justamente porque ele vai opô-la a outra interpretação do termo que, segundo ele, obscurece o seu sentido. Ele situa o fim da Idade Média e o início da Idade Moderna como um período no qual há “um eclipse e uma desvalorização da aventura” (AGAMBEN, 2018, p. 39). Lembra que os irmãos Grimm, em seu vocabulário, atestam um exemplo pejorativo do termo em

Lutero, mas ressalta que “é em Hegel que a condenação da aventura é sancionada sem reservas” (AGAMBEN, 2018, p. 39). Agamben diz que, para Hegel, a aventura amorosa da cavalaria permanece externa ao sujeito. O filósofo italiano é categórico: “É difícil imaginar uma compreensão mais completamente equivocada da intenção medieval” (AGAMBEN, 2018, p. 41).

Agamben introduz, então, Simmel⁹, cuja concepção de aventura está diretamente ligada ao contexto da existência comum. Ele diz que “a vida no seu conjunto possa ser sentida como uma aventura [...] por isso, não é necessário sermos aventureiros, nem levar a cabo muitas aventuras singulares [...]” (SIMMEL apud AGAMBEN, 2018, p. 42). No entanto, Agamben observa que Simmel não dá conta de um aspecto duplo da aventura que consiste em, ao mesmo tempo, ser apenas uma parte da existência e, ainda assim, conferir a ela uma unidade superior. Simmel interpreta isso como uma contradição da aventura, enquanto Agamben vê como um aspecto constitutivo. Apesar de Simmel entender o nexo da aventura com o amor, por exemplo, ele continua compreendendo-a, segundo Agamben, como “um tempo roubado” do processo dos eventos que constituem a existência. Sobretudo, o filósofo italiano nota que, se Simmel tivesse levado em consideração os poemas cavalheirescos nos quais a aventura tinha aparecido pela primeira vez nas literaturas europeias, ele teria percebido que ela se identifica com o sujeito para o qual advém não porque ele investe nela, mas também porque ela o transforma e que a relação da aventura com Eros não acontece porque aquela dê sentido a este, mas porque “somente uma vida que tem a forma da aventura pode encontrar verdadeiramente o amor” (AGAMBEN, 2018, p. 45).

O filósofo ainda acrescenta à discussão sobre a concepção

9 Georg Simmel (1958-1918), sociólogo alemão.

moderna de aventura, Backer, a quem devemos, segundo ele, uma tentativa de construir uma teoria filosófica da aventura que se caracteriza pelo “ser levado”, no sentido de uma “absoluta falta de peso” (AGAMBEN, 2018, p. 46). Afinal, a desconhecida aventura se faz na sua própria narrativa, por um sujeito totalmente envolvido nessa experiência que deve ao acaso o seu percurso, ou seja, que é capturado pela aventura na condição de que a sinta como sua.

A configuração que Agamben oferece à aventura favorece uma associação com o processo pelo qual passa Saussure durante a escrita de aproximadamente 30 mil folhas e nos parece bastante vantajosa para nos aproximarmos da aventura do linguista, ao qual é reputado fundar a linguística moderna.

Por fim, é importante notar a observação do tradutor brasileiro de Agamben, Cláudio Oliveira, que joga luz sobre a sua leitura da literatura medieval e enfatiza (na nota 25, na página 27) esse duplo sentido autorizado tanto pelo francês antigo como pelo italiano, que comporta pensar que o escritor-poeta (trovador) encontra (trouve) nos seus versos à medida que os entoa-enuncia-compõe (trouve). Destacamos a leitura do filósofo, iluminada pela do tradutor, porque é precisamente esse o processo que a nossa experiência com os manuscritos do linguista suíço revela. Saussure não escreve o que sabe. Escreve para saber. Aliás, se nos atentarmos para a distinção entre os verbos “saber” e “conhecer” poderemos dizer que ele escreve para conhecer o que sabe. É enquanto Saussure escreve que a sua aventura de linguista é realizada. Ele não conta a aventura, ele a experiencia na escrita.

Agamben inicia seu livro sobre a aventura nos dizendo, a partir de Goethe e de Macróbio, que Daimon, Tyche, Eros, Ananche e Elpis presidem o nascimento de cada homem, cuja vida deve pagar o seu tributo a cada uma dessas divindades sem procurar evitá-las ou enganá-las, e conclui que ainda mais decisivo na existência humana

é considerar “o modo como cada um se mantém em relação com essas potências define a sua ética” (AGAMBEN, 2018, p. 12). A aventura é, portanto, nessa perspectiva, o terreno no qual essas potências têm iluminação privilegiada e se deixam entrever, não sem sombras, mas com a textura que evidencia a complexidade de cada uma. Vejamos, então, como compreender cada uma delas.

CAPÍTULO 2 - A(S) POTÊNCIA(S)

Em outra perspectiva da aventura que apresentamos no capítulo anterior, Agamben expõe as potências Daimon, o Demônio; Tyche, a Sorte; Eros, o Amor; Ananche, a Necessidade; e Elpis, a esperança, sob o princípio que “a vida de cada homem deve pagar tributo a essas quatro divindades” (AGAMBEN, 2018, p. 12). É assim que ele abre a sua proposição sobre a aventura, pautando-a a partir da leitura que faz da obra de Goethe, *As palavras originárias*, escrita no início do século XIX, no qual ele traz Macróbio, em *Saturnais* (370 d.C.), que lhe oferece o prisma das quatro primeiras divindades, sendo a quinta incluída pelo próprio escritor.

O filósofo italiano serve-se dessa formulação como um farol para a sua concepção de aventura, mas alerta que as divindades representam conceitos não personificados para as potências que regem a vida humana e desenvolve a sua argumentação no sentido de apresentá-las como constitutivas da aventura.

Ao sustentar essa perspectiva, Agamben nos apresenta as cinco potências, estabelecendo uma estreita ligação com a sua noção de aventura que se encontra imbricada à linguagem. Nesse percurso, ele se dedica mais a Daimon. Às outras, ele reserva menor espaço. Sem dúvidas, Tyche é a potência mais sedutora; Eros é o mais potente, ultrapassando inclusive a aventura; Ananche é ambígua, oscila entre potência e ruína da aventura; já Elpis merece poucas linhas do autor.

Mas, sem elas, a compreensão da aventura, segundo Agamben, seria incompleta como a epígrafe do primeiro capítulo, dada por Warbung (apud AGAMBEN, 2018, p. 11): “Quem poder ter certeza, na subida até o éter, de que saberá dominar um veículo puxado pelos cinco: Daimon, Tyche, Eros, Ananche, Elpis?”

O manuscrito *De l'essence double du langage* é exemplar para uma reflexão que contemple a proposta de aventura de Agamben por vários motivos. Ele contém aproximadamente 300 folhas, e estima-se que tenha sido escrito em fins do século XIX, na terra natal de Saussure, a fria, isolada e conservadora Genebra, para onde voltara depois de mais de uma década de experiências variadas fora de casa. Da Alemanha à Lituânia, passando decisivamente por Paris, o retorno à Genebra o levou ao acirramento de uma escrita caudalosa e constante que só foi interrompida pela sua morte em 1913. O manuscrito sobre o qual nos debruçamos agora, portanto, pertence ao período inicial do seu retorno à Genebra e abarca, em estado germinal, os conceitos fundantes da linguística moderna.

Sabemos que muitos estudiosos de Saussure alegariam que essa não é uma abordagem esperada da produção do linguista, certamente. Contudo, talvez não seja um tratamento totalmente inusitado, como veremos a seguir. No entanto, embora haja um certo reconhecimento do trágico e aventureiro no percurso de Saussure, iremos além. Dada a recente publicação da proposição de Agamben sobre a aventura, não houve ainda nenhum pesquisador que estabelecesse algum elo entre essa reflexão e o movimento teórico do linguista; todavia, as quatro divindades/potências, enunciadas por Macróbio, assim como a quinta, trazida por Goethe, apresentadas pelo filósofo italiano, para discutir a aventura de um sujeito, rondam a produção saussuriana. Isso se recolhe seja da sua própria pena em elaborações teóricas ou comentários epistolares, seja das análises históricas e/ou teóricas dos estudiosos da sua produção. Apresentaremos, portanto,

a concepção de Agamben de cada uma dessas divindades/potências e também mostraremos que elas não são de todo desconhecidas do percurso saussuriano e sua recepção.

2.1 Tyche

Pegue um Mestre, coloque-o em um navio que está naufragando e imagine o lance de dados. Ele está nas mãos do destino. É o último desafio que lança ao céu. Mas será ele mais forte do que o acaso?
(Mallarmé)

Tyche, na mitologia grega, correspondia à roda da fortuna, e Fortuna, por sua vez, era a deusa romana do acaso que, enquanto imprevisibilidade, instiga a racionalidade humana. Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.), em Física I e II, já discutia a questão¹⁰.

Mallarmé, Baudelaire e Saussure foram contemporâneos, e a questão do “acaso” se colocou para os dois primeiros, cujos trabalhos marcaram o tema de tal forma que os mesmos foram chamados muitas vezes, no decorrer do século seguinte, por meio dos seus poemas, a contribuírem para a discussão sobre o estatuto do “acaso”¹¹. O terceiro, Saussure, um pensador da linguagem, pagou seu tributo ao “acaso” com o arbitrário do signo, como Milner (2012 [1987], p. 37) nos indica: “O arbitrário, nesse sentido, só faz nomear o encontro: o que Lacan nomeia melhor de contingência, e também o que Mallarmé nomeava Acaso”.

Embora o genebrino não tenha tematizado a questão do acaso diretamente, a concepção de arbitrariedade do signo – seja a arbitrariedade entendida na relação interna ao signo, como advogam

10 Mais especificamente no livro II, capítulos 4-6 há uma reflexão sobre o acaso e a espontaneidade.

11 Cf. as obras, de Stéphane Mallarmé, *Les Fleurs du mal*, publicada originalmente em 1857, em Paris, pelos editores Poulet-Malassis e De Broise, e *Un coup de dés jamais n'abolira le hasard*, publicada pela primeira vez na revista *Cosmópolis*, em Paris, no ano de 1897, pela Ed. Armand Colin.

alguns autores, ou na relação do signo com o objeto designado, não importa – não pode dela ser desvinculada. A não motivação da relação entre os elementos do signo linguístico demanda a possibilidade do acaso como intrínseca à existência da língua. Sabemos que a arbitrariedade é reconhecida como um dos princípios da teoria saussuriana sobre a língua, senão o mais importante. As discussões sobre as dimensões da arbitrariedade do signo são antológicas. O próprio Saussure as previu no CLG: “O princípio da arbitrariedade do signo não é contestado por ninguém; às vezes, porém, é mais fácil descobrir uma verdade do que assinalar o lugar que lhe cabe. O princípio enunciado acima domina toda a linguística da língua; suas consequências são inúmeras” (SAUSSURE, 1973 [1916], p. 82).

O arbitrário, como Milner lembra, tem muitos nomes – contingência e acaso, pelo menos –, e Saussure assevera a potência desconhecida desse princípio maior da língua. Se associarmos essas colocações, próprias da recepção de um conceito saussuriano na linguística, com as formulações de Agamben, poderíamos dizer que, neste caso, Tyche, enquanto potência, não rege a ação de Saussure, mas o próprio funcionamento da língua.

A questão do acaso, no século XX, não foi restrita à poesia. Mesmo a ciência em geral teve que se haver com ele: “O acaso é uma base de independência, de liberdade, no fundamento da matéria [...]. Lidar com esse acaso é parte da lógica da ciência – e não negar esse acaso” (MENEZES, 1995, n. p.). Talvez por isso, entre outras coisas, Saussure seja considerado fundador, não da linguística propriamente dita, mas da chamada linguística moderna, cujo termo qualificador é preciso observar¹². Saussure sustenta o encontro com Tyche na língua.

Tyche era tomada, por Macróbio, como na tradição, que, a partir

12 Um estudo aprofundado sobre a questão encontra-se em *Introdução a uma ciência da linguagem*, de Jean-Claude Milner (2021 [1989]).

do século IV, a percebia como muito importante; Édipo definia-se a si mesmo como “filho da Tyche”. Agamben alerta que esse estatuto se traduz em um alargamento de suas competências. Ela não é só o acaso, “ela é a potência de muitos nomes que governa, em cada âmbito, a vida e o destino dos homens” (AGAMBEN, 2018, p. 22), Tyche é destino, mas também necessidade.

2.2 Ananche

Ananche, a necessidade, segundo Macróbio, era a deusa grega da inevitabilidade, da necessidade impreterível. A etimologia da palavra assim orienta. Portanto, Ananche é necessidade, mas também destino, ou seja, o inverso de Tyche, que é destino, mas também necessidade. Se, em Tyche, o destino enquanto acaso é incontornável, em Ananche, a necessidade, o que está em jogo é a incontornabilidade do acaso.

O tema não é simples, e muitos autores que se interessaram pela natureza humana o abordaram. É célebre a presença de Ananche na obra de Freud, que tantas vezes fez da mitologia uma forma de aproximação do sujeito. Ao tratar do artista italiano no texto “Leonardo Da Vinci e uma lembrança de sua infância”, ele retoma o termo ao indicar que “[...] as frases em que Da Vinci depositou a sabedoria de seus últimos anos respiram a resignação do homem que se submete à Ananche, às leis da natureza, e não espera da bondade ou da graça divina atenuação alguma” (FREUD, 1994 [1910], p. 225). Ao associar Ananche às leis da natureza, Freud dá a dimensão da sua força: ela é imprevisível e necessária; é inevitável, em suma. É interessante notar que, sobre esse texto, Freud afirmou que é “a única coisa bela que escrevi”; Ferencsi foi o destinatário da carta em que o austríaco confessa a sua preferência.

As epístolas de Saussure também são espaços das confissões do genebrino, assim como de uma rica discussão teórica com seus pares e, muitas vezes, do mesmo modo que as cartas de Freud, revelam a impressão do linguista a respeito dos seus trabalhos. Retomamos Saussure, lá onde ele se questiona sobre as suas atividades em uma carta endereçada à Meillet, quando fala da “nécessité de la réforme” (SAUSSURE apud BENVENISTE, 1964, p. 95). A necessidade, Ananche, é caracterizada por Goethe como a lei, o inexorável. Essa necessidade é sentida por Saussure e comunicada ao colega parisiense como implacável. Ele nos diz: “Cela finira malgré moi par un livre où, sans enthousiasme ni passion, j’expliquerai [...]” (SAUSSURE apud BENVENISTE, 1964, p. 95).

Além disso, ela não é pequena: trata-se de resolver a terminologia corrente em linguística, que ele considera absolutamente inconsistente. Ademais, ele assegura que a área não sabe sequer que espécie de objeto é a língua em geral. Ou seja, “ao duro devo se dobram vontade e capricho” (GOETHE apud AGAMBEN, 2018, p. 19). Curvando-se, portanto, a essa necessidade da área, ele se propõe a suspender as outras potências às quais a vida humana é submetida e dedicar-se a essa tarefa imperativa, a de tomar para si a necessidade da área.

Agamben (2018, p. 19) chama Ananche de “a última e obscura divindade de Macróbio”, essa que, segundo ele, designa a mesma força astral que a lei e também nos lembra que “a arte de viver consiste também em curvar-se, na justa medida, àquilo de que não se pode, em nenhum caso, escapar” (AGAMBEN, 2018, p. 12). Curva-se à Tyche, a língua; curva-se à Ananche, o linguista. No entanto, Daimon é a potência mais reconhecida no trabalho de Saussure, certamente.

2.3 Daimon

Quando a aventura se lhe revela como demônio a vida lhe parece maravilhosa, quase como se uma força estranha o sustentasse e o guiasse em cada situação e em cada novo encontro. (Agamben)

Na década de 1950, chegam à Biblioteca de Genebra muitos manuscritos do genebrino. Os trabalhos sobre a produção de Saussure, para além da publicação do CLG, começam a circular com grande entusiasmo na década seguinte. Starobinski responsabiliza-se pela catalogação das pesquisas de Saussure sobre os anagramas nas poesias gregas e latinas. As análises imediatas que se seguem ao conhecimento desse material dão origem a uma interpretação particular da produção saussuriana, que ficou conhecida como “dois Saussures: o diurno e o noturno”. O primeiro se voltava à ciência, e o segundo, à poesia. Nesse caso, de acordo com os seus métodos obsessivos de análise e receio de divulgar os resultados, escandalizou os simpatizantes da sua obra e “provocou suspeitas de loucura por parte dos sábios ortodoxos” (MILNER, 2012 [1987], p. 58, grifo do autor). Saussure, nessa perspectiva, pagava seu tributo a uma das divindades de Macróbio, Daimon.

Essa potência que rege a vida humana, segundo Macróbio, é melhor caracterizada quando se examina a palavra que a nomeia. O tradutor de Agamben explicita que o mesmo optou pelo termo em grego – Daimon –, cujo sentido não está atrelado ao bem ou ao mal¹³ e, por isso, também não está subordinado aos sentidos que adquiriu o termo italiano – Demônio. Este logrou uma acepção aproximada a algo como uma “praga”, assim como o seu sentido em português,

¹³ Nessa acepção, da experiência grega, é possível ter um *cacodaemon*, deus mau, ou um *eudaemon*, um deus bom. A palavra grega que designa a felicidade pode ser *eudaimonia*. Para Sócrates, Daimon era um “gênio pessoal”.

exemplarmente apontado na literatura por Guimarães Rosa¹⁴.

Daimon, nos diz Macróbio (apud AGAMBEN, 2018, p. 12), seria a potência que desde os egípcios é ligada à significação do Sol, ou seja, o genitor e guardião da vida humana, a quem se deve a própria natureza e o caráter. Para Goethe, essa potência é algo que se manifesta somente na contradição, compraz-se com o impossível, não conhece limites, é um ser temível. Daimon, enfim, escapa à razão. Caracterizá-lo como bom ou mal não diz do que ele é, mas de como sua potência é sentida. Além disso, Daimon, assinala Agamben (2018, p. 62), é o dom extremo que a felicidade e a poesia nos concedem.

O trabalho de Saussure com os anagramas o desassossegava enormemente. As primeiras publicações, por Benveniste, em 1964, das cartas de Saussure a Meillet já continham essas informações. A notável publicação de Starobinski, que apresenta e analisa dados desse trabalho de Saussure, confirma uma trajetória desconfortável que coloca o genebrino ao mesmo tempo incrédulo diante de suas descobertas e também certo da sua veracidade. Saussure cuidou para que, naquele momento, esses trabalhos – guardados cuidadosamente em quase meia centena de cadernos – não se tornassem públicos.

Pode-se dizer que o genebrino se encontrou com a potência do Daimon ao enfrentar a poesia grega e latina e deparar-se com os anagramas. Os primeiros leitores desses cadernos reconheceram essa sensação do escriba, mas não raro emprestavam a essa produção uma interpretação maniqueísta. Ora era o Saussure noturno, dominado pela loucura (interpretação muito recorrente na década

14 Muitos pesquisadores fizeram um apanhado dos nomes do demônio na obra de Guimarães Rosa, especialmente no livro *Grande Sertão: Veredas*. Citamos aqui alguns deles: o Arrenegado, o Cão, o Cramulhão, o Indivíduo, o Galhardo, o Pé-de-Pato, o Sujo, o Homem, o Tisnado, o Coxo, o Temba, o Azarape, o Coisa Ruim, o Diá, o Dito Cujo, o Mafarro, o Pé-Preto, o Canho, o Duba-Dubá, o Rapaz, o Tristonho, o Não-Sei-Que-Diga, O -Que-Nunca-Se-Ri, o Sem-Gracejos, o Muito-Sério, o Sempre-Sério, o Austero, o Severo-Mor, o Romãozinho, o Rapaz, Dião, Dianho, Diogo, o Pai-da-Mentira, o Pai-do-Mal, o Maligno, o Tendeiro, o Mafarro, o Manfarri, o Capeta, o Capiroto, o Das Trevas, o Pé-de-Pato, o Bode-Preto, o Morcego, o Xu, o Dê, o Dado, o Danado, o Danador, o Dia, o Diacho, o Rei-Diabo, Demonião, Barzabu, Lúcifer, Satanás, Satanazin, Satanão, o Dos-Fins, o Solto-Eu, o Outro, o Ele, o O, o Oculto.

de 1960), ora o Saussure genial, voltado à poesia, sem os grilhões que a ciência impõe à linguagem (interpretação mais ocasional por parte da literatura).

Não é difícil encontrar –, tanto nas sensações de Saussure, descritas por ele mesmo, durante a pesquisa, quanto nas análises feitas pelos leitores dos seus trabalhos, décadas depois – a presença da potência de um Daimon, esse ser temível que se compraz com o impossível, regendo os trabalhos de Saussure sobre os anagramas. É famosa a passagem de uma carta do genebrino à Meillet na qual ele se pergunta sobre a veracidade daquilo que ele encontra na análise das poesias, afinal, como nos diz Agamben (2018, p. 61), “manter-se fiel ao demônio não significa, de fato, abandonar-se cegamente a ele, confiando que, em todos os casos, ele nos conduzirá ao sucesso”. Além disso, é preciso considerar que Saussure renuncia ao trabalho com a hipótese dos anagramas, já que, “cedo, todavia, a maravilha cede ao desencanto, o demônico se traveste de routinier, a potência que trazia a vida – Ariel, Gênio ou Musa – se obscurece e se esconde, como um trambiqueiro que não mantém as suas promessas” (AGAMBEN, 2018, p. 61, grifo do autor). No entanto, Daimon não é o fim: “O nome da potência regeneradora que, para além de nós mesmos, dá vida ao demônio, é Eros” (AGAMBEN, 2018, p. 62).

2.4 Eros

A vida de cada homem, nos diz Agamben, deve pagar seu tributo a Eros porque dele dependem a fecundidade e o conhecimento, ou seja, o que pode passar à posteridade, acrescentamos. Agamben afirma que, para Goethe, “mais complicado era pagar a conta com Eros” (AGAMBEN, 2018, p. 17), seja por indecisão erótica, omissão ou renúncia. Eros aparece, segundo Agamben, em Palavras órficas,

“em uma luz decididamente desfavorável” (AGAMBEN, 2018, p. 18).

Embora o filósofo italiano nos diga que o amor é simbolizado pelo beijo (AGAMBEN, 2018, p. 61), ele também nos avisa que nele o demônio individual se deixa enredar pela Tyche tentadora, que o afasta do seu caminho, acreditando que captura enquanto é aprisionado, que vence e é derrotado. Além disso, é preciso considerar que a caracterização de Eros pelos dois polos da conquista erótica, a aventura e a graça, trazidos por Simmel (apud AGAMBEN, 2018, p. 43) é superficial, visto que “o amor vive precisamente desse entrelaçamento de um caráter tangencial e momentâneo com algo que está no centro da existência humana” (AGAMBEN, 2018, p. 44, grifo nosso).

Se por um lado, portanto, Eros é da ordem do individual, é também do social, na medida em que a fecundidade e o conhecimento supõem uma partilha que Puech tão bem aborda na produção de Saussure sob a expressão de “herança saussuriana”: “Saussure aurait transmis même ce qu’il n’aurait pas transmis” (PUECH, 2000, n. p.). A transmissão de Saussure é um tema muito citado, mas pouco trabalhado na literatura da área. Puech a trabalha da perspectiva histórica, porém muitos lembram-na em relação aos cursos ministrados em Paris ou Genebra, especialmente aqueles dos últimos anos de vida.

Também os filólogos são categóricos ao afirmar que Saussure guardou os manuscritos sabendo que eles iriam para a Biblioteca da Universidade de Genebra, já que esse era um hábito da instituição em relação aos professores que passaram por ela. Saussure conhecia a tradição. Dessa forma, embora Saussure não tenha publicado tanto quanto escreveu, talvez ninguém o faça. Ele também certamente publicou menos que ele mesmo e os seus contemporâneos esperavam. Ainda assim, é consenso que ele passou à posteridade

por um pensamento fecundo que engendrou um conhecimento de ampla e duradoura recepção.

Além disso, na lista das cinco potências que podem ser vislumbradas na produção de Saussure, de diferentes maneiras, Eros se confunde com a aventura, objetivo maior neste nosso trabalho: dar a ver a aventura de Saussure no manuscrito EDL, evidenciando o seu movimento teórico. Seja qual sentido for dado ao termo “aventura”, ele se aproxima de alguns dos sentidos de Eros: “quando usamos a palavra aventura, temos dificuldade de não lhe dar um sentido erótico” (SIMMEL, 1911 apud AGAMBEN, 2018, p. 43).

Por fim, lembramos, com Agamben, que “Eros é a potência que, na aventura, constitutivamente, a excede, assim como excede e passa por cima daquele a quem ela advém” (AGAMBEN, 2018, p. 63) e, além disso, que “o amor é, nesse sentido, sempre sem esperança, todavia só a ele pertence a esperança” (AGAMBEN, 2018, p. 64).

2.5 Elpis

Goethe acrescenta, às quatro potências de Macróbio, uma quinta, Elpis, a esperança. Elpis é definida em grego como a espera de alguma coisa, a expectativa, e ficou conhecida como a deusa da esperança, na mitologia grega. Ela, segundo o mito, foi a única que permaneceu após a abertura, por Epimeteu, da caixa de Pandora, que continha todos os males que haveriam de afligir a humanidade dali em diante: a velhice, o trabalho, a doença, a loucura, a mentira e a paixão.

No fundo da caixa, restou a Elpis, que era, portanto, um mal, segundo algumas interpretações do termo, na verdade o pior dos males, porque prolonga o suplício dos homens ou mesmo o antecipa num temor irracional. Essa compreensão dos gregos antigos, da esperança como mal, contrasta com a noção moderna do termo.

Agamben parece não ignorar as interpretações de Elpis no grego antigo e levanta a hipótese de Goethe ter incluído essa potência em função de ele ter pago seu tributo a Daimon tão somente, mas o filósofo adverte que ele a trouxe apenas como um disfarce de Daimon e que é pretensioso de sua parte querer transformar “o caos informe da própria vida em uma ordem demônica” (AGAMBEN, 2018, p. 21) e, que, portanto, é do próprio Daimon e não de Elpis que o poeta esperava a salvação.

É impossível não aludir a Ferdinand de Saussure no século XIX, entre seus contemporâneos, e o empenho para se estabelecer nesse ambiente intelectual no qual se formou e trabalhou. É testemunho dessa dedicação a escrita e a publicação às expensas da família do *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*, em 1878, mas também a sua viagem à Lituânia, logo em seguida, para coletar os falares da região, o que resultou em centenas de páginas escritas, ou mesmo a sua dedicação às lendas germânicas, que perdurou até o início do século XX. Todos esses empreendimentos estavam em consonância com a produção de conhecimento em estudos da linguagem do seu tempo, e ele não poupou esforços na expectativa de se consolidar profissionalmente nesse terreno. Mas, como vimos, Elpis e Daimon podem se confundir, embora ainda seja à salvação que se preste a quinta potência ou, como Agamben já tinha nos dito antes, a fé, “que com seu bater de asas, deveria elevar a vida do indivíduo para além da terra e do tempo” (AGAMBEN, 2018, p. 21, grifo nosso), ou ainda quando ele cita o apóstolo Paulo: “na esperança nós fomos salvos” (AGAMBEN, 2018, p. 64). Embora o seu trabalho tenha sido reconhecido entre os seus contemporâneos, certamente, tanto o que era objeto de reconhecimento quanto o que ele mesmo tinha escrito até então estavam longe de atender às expectativas de Saussure.

É Agamben quem nos esclarece sobre essa empreitada de

Saussure no século XIX ao indicar que o contato de Elpis com outra potência – Ananche – pode desvendar aspectos do seu perfil. A união dessas duas potências na experiência ou peira que, em grego, também significa, como aponta Agamben, o desafio, o pôr-se a prova, favorece “uma peripécia cujo êxito é inseparável da possibilidade do engano e da ilusão” (AGAMBEN, 2018, p. 23). É da natureza da expectativa, outro dos sentidos de esperança, a frustração.

Além disso, Agamben trata de estabelecer relação dessa potência com Eros: “O amor é, nesse sentido, sempre sem esperança e, todavia, apenas a ele pertence a esperança. E este é o sentido último do mito de Pandora” (AGAMBEN, 2018, p. 64). Para o filósofo, se Elpis restou na caixa foi porque não espera a sua realização fatural no mundo, visto que ela sempre foi, de algum modo, atendida. Segundo ele, o amor espera porque imagina, e é próprio da esperança e da imaginação ligar-se a algo que não pode ser atendido, “não porque elas não desejam obter o próprio objeto, mas porque, enquanto imaginado e esperado, o seu desejo já foi sempre atendido” (AGAMBEN, 2018, p. 64). A salvação, portanto, não é a realização do que é esperado, mas o fato de haver esperança. Entretanto, nos parece que Eros é a potência que permite essa dimensão de Elpis.

Assim, se nos subtrairmos de uma lógica maniqueísta do sentido, a esperança não precisaria ser boa ou má – ela pode ser boa e má, ou, como diz Agamben, “ao mesmo tempo verdadeiro e não verdadeiro” (AGAMBEN, 2018, p. 64). “Se o objeto da esperança é o que não pode ser atendido, é somente enquanto insalváveis – já salvos – que esperamos a salvação” (AGAMBEN, 2018, p. 64). Sendo assim, “esperar”, aqui, traduz-se como verbo intransitivo, e a esperança “supera o seu atendimento, a esperança ultrapassa também a salvação – e também o amor” (AGAMBEN, 2018, p. 64).

Segunda parte: O manuscrito

CAPÍTULO 1 - DE L'ESSENCE DOUBLE DU LANGAGE

O trágico não resulta somente da natureza de um ser, mas da desproporção que existe entre um homem e seu destino. (Zweig)

Apresentaremos, neste capítulo, a história do manuscrito conhecido por *De l'essence double du langage* (EDL) e sua materialidade, além de alguns princípios metodológicos para a sua abordagem. A finalidade é informar, minimamente, o leitor que geralmente não tem muito conhecimento dos manuscritos de Saussure, assim como aquele que ignora totalmente as formas de abordagem de um manuscrito. Além disso, julgamos que esses conhecimentos favorecem a compreensão de que um manuscrito chega ao público após várias decisões que podem ter sido, inicialmente, do próprio autor, da família, dos amigos, mas também, mais tarde, do catalogador, da editora ou do pesquisador. Essas decisões ajudam a configurar o documento e também são responsáveis por determinar como ele pode ser lido. Neste sentido, algumas de nossas opções de abordagem do EDL, nos próximos capítulos, estarão bastante ancoradas na maneira como entendemos esse manuscrito no interior da sua historicidade e da sua materialidade. Tais opções serão decisivas na maneira como ele será delimitado, apresentado, lido e interpretado na segunda parte deste trabalho.

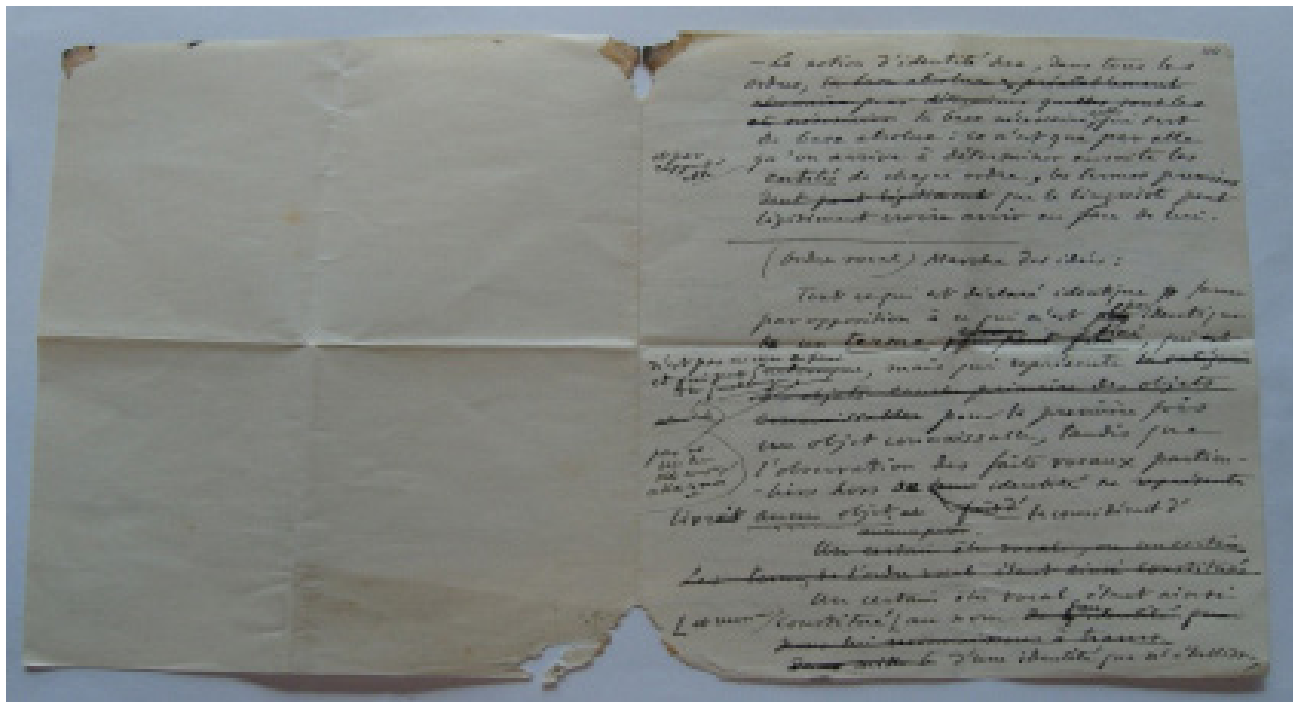
Em primeiro lugar, é preciso considerar que o manuscrito conta com uma dimensão que, para além das informações que traz, evoca um tempo de elaboração que poderia ter sido perdido para sempre. Esse é o caso do EDL, cuja odisseia, antes de se tornar público, é

um capítulo interessante da sua existência. Presume-se que ele foi escrito em 1891, embora só tenha sido descoberto em 1996, quando foi encontrado em uma estufa da casa de campo da família Saussure. Vejam como essa descoberta foi narrada a René Amacker, por Vincent Barras, em 1996:

J'avais été, quelques jours auparavant, invité par M. Olivier Flournoy [...] rencontré la veuve de Raymond de Saussure [...] qui nous a indiqué que se trouvaient, dans «l'orangerie» dudit hotel, des papiers qui devraient nous intéresser, mon collègue et moi même (BARRAS apud AMACKER, 2011, p. 09)

Amacker então procura por Philippe Monnier, responsável pelos manuscritos na Biblioteca de Genebra, e o manuscrito passa a uma outra trajetória, à qual retornaremos em seguida. Mas, antes, evidentemente, nos perguntamos se o EDL teria passado esse século todo lá na estufa que, no clima suíço, se presta a proteger as plantas do período mais duro do inverno para que não morram e possam voltar à luz do sol quando este substituir a neve. Curioso lugar para os escritos de Saussure! Hibernaram por quase um século ao lado das plantas que resistiam em busca de sobrevivência. Interessante também porque é amplamente conhecido o pressuposto científico dos estudos da linguagem no século XIX: a linguagem era tida como o quarto reino da natureza, conjectura criticada por muitos no final do século; o trabalho de Saussure se dedicou a criticar e propor alternativas a essa perspectiva. É, portanto, no mínimo irônico que seus papéis tenham sobrevivido tal qual as plantas, em uma estufa que os protegeu, embora se possa imaginar que, guardados em caixas por um século e sem o cuidado necessário, o estado dos manuscritos não poderia ser perfeito, como uma das folhas pode atestar:

Figura 5 - Reprodução fotográfica de folha do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372



Fonte: Saussure (1891a)

Quando o manuscrito foi descoberto, a surpresa foi grande e imediata, já que o seu conteúdo exibia uma admirável quantidade de elaborações sobre a linguística, o que indicava alguma proximidade do CLG, que se encarregou, a céu aberto, da sobrevivência das ideias de Saussure. Assim, o manuscrito pode se apresentar em primeiro lugar com essa mística que a sua descoberta evoca; mas é necessário, em segundo lugar, atentarmos para aspectos técnicos da sua recepção, que não são poucos, como veremos.

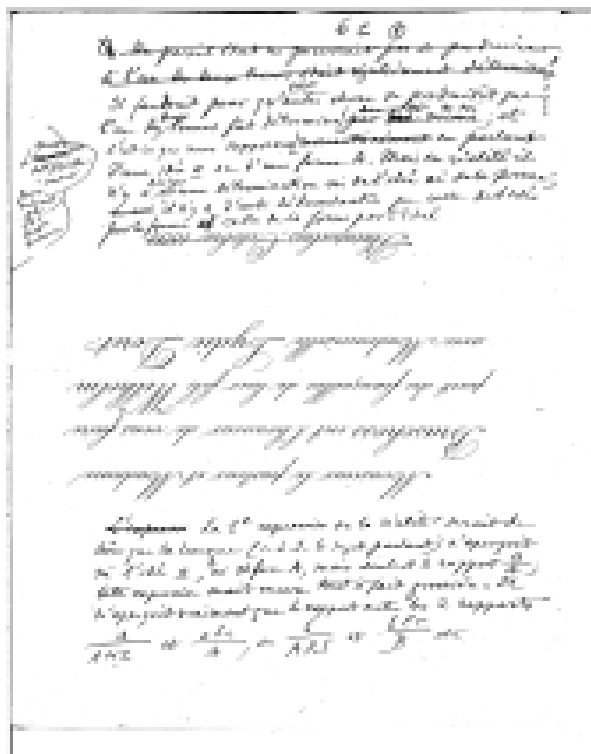
O catalogador desse conjunto de manuscritos foi Rudolf Engler, que então os reuniu e, entre os manuscritos recebidos pela Biblioteca de Genebra, decidiu pela sua unidade, ordem, nome e datação, entre outros elementos, que podem não se dar a priori num conjunto de manuscritos, caso dos manuscritos de Saussure recebidos pela Biblioteca de Genebra em 1996. Vamos apontar alguns dos problemas técnicos enfrentados pelo catalogador e que, não raro, herdamos enquanto pesquisadores no trabalho e análise do manuscrito.

Começamos pela sua datação, ou seja, quando Saussure dedicou-se a escrever cada uma das 274 folhas que constituem o conjunto de manuscritos ao qual se deu o nome de EDL. Nem sempre é fácil estabelecer a datação de um manuscrito, mas, nesse caso, uma informação bastante peculiar a orientou:

En octobre 1891, Saussure reçoit une paire de faire-part de fiançailles. Il les renverse et obtient de chacun un cahier de quatre pages (17,5 x 22,7 cm.), dont les trois premières sont blanches. L'affinité du support suggère la contemporanéité des deux textes, mais pas leur unité (CHIDICHIMO; GAMBARARA, 2008, p. 114).

A base material, um par de convites de casamento, na qual reside parte do que foi redigido nesse manuscrito, denuncia o tempo em que ele foi escrito. Vejamos como isso se apresenta no próprio manuscrito:

Figura 6 - Reprodução fotográfica de folha 65 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372



Fonte: Saussure (1891a, p. 65)

A partir desse dado, Rudolf Engler, o seu catalogador, pôde estimar que o EDL foi escrito em 1891. No entanto, apesar dessa evidência, existem outras que indicam que Saussure se deteve por muito tempo nessa empreitada:

[...] il a continué longuement non seulement à en ajouter de nouvelles, mais aussi à corriger les anciennes, à noter pour lui-même leur destination et leur importance, et surtout à les relire. Il y a des notes corrigées presque à chaque ligne, et d'autres mises au propre ou qui sont restées vierges de toute correction [...] (CHIDICHIMO; GAMBARARA, 2008, p. 113).

Dessa forma, talvez Saussure não tenha escrito o EDL apenas em alguns meses de 1891, mas tenha prosseguido depois disso:

La presenza di ED e delle Notes mostrano un problema riguardo alla temporalità della redazione dei manoscritti: ci si domanda se Saussure abbia continuato ancora a lavorare su ED in una seguente campagna di scrittura, quella del 1893-94, oppure questi manoscritti siano una parte di ED e risalgano al 1891 e siano stati separati per ragioni diverse (riutilizzo per la didattica durante i corsi, un tentativo successivo di redazione di un testo generale) dal gruppo originale di ED dallo stesso Saussure (CHIDICHIMO, 2012, p. 12)

Essa constatação pode ter efeitos sobre as pesquisas a respeito da elaboração do genebrino, afinal pode ser importante conhecer a ordem de formulação de alguns conceitos. Há uma quantidade considerável de manuscritos de Saussure atribuídos ao início da década de 1890. No entanto, nem todas as respostas sobre um manuscrito são encontradas à medida que o pesquisador necessita¹⁵.

15 O passaporte de Saussure, por exemplo, não foi encontrado quando apareceram os seus primeiros manuscritos; lá havia a indicação precisa da sua viagem de pesquisa à Lituânia. Ela era, efetivamente, em período diferente do qual foi estimado pelos pesquisadores. Assim, o contato de pesquisa do genebrino com o lituano, *in locus*, pode ter sido anterior ou posterior a algumas de suas elaborações. Essa alteração demandou, inclusive, um *recall* de alguns artigos científicos, justamente porque um dado novo modificou o que já se

Os primeiros leitores desse manuscrito já anunciaram uma divergência sobre o título das centenas de folhas relativamente esparsas que o compunham. Saussure teria escrito, em vários lugares, “essência dupla da linguagem”, mas também “ciência da linguagem”. Ou seja, as publicações em torno desse manuscrito permitem uma escolha em relação ao título. Partimos, neste trabalho, da notação “essência dupla da linguagem”, título que se tornou popular em trabalho de divulgação do documento. A justificativa sobre o título cabe ao catalogador e ao editor do manuscrito:

Sob o título “Da essência dupla da linguagem”, eles [os manuscritos] provêm, em sua maioria, de um grande envelope que contém maços de folhas da mesma natureza e do mesmo formato, sendo que várias delas trazem a menção: “Da dupla essência da linguagem”, “Dupla essência” ou “Essência dupla (da linguagem)”. Uma etiqueta com a menção “Ciência da linguagem” estava colada nesse envelope (BOUQUET; ENGLER, 2004, p. 16).

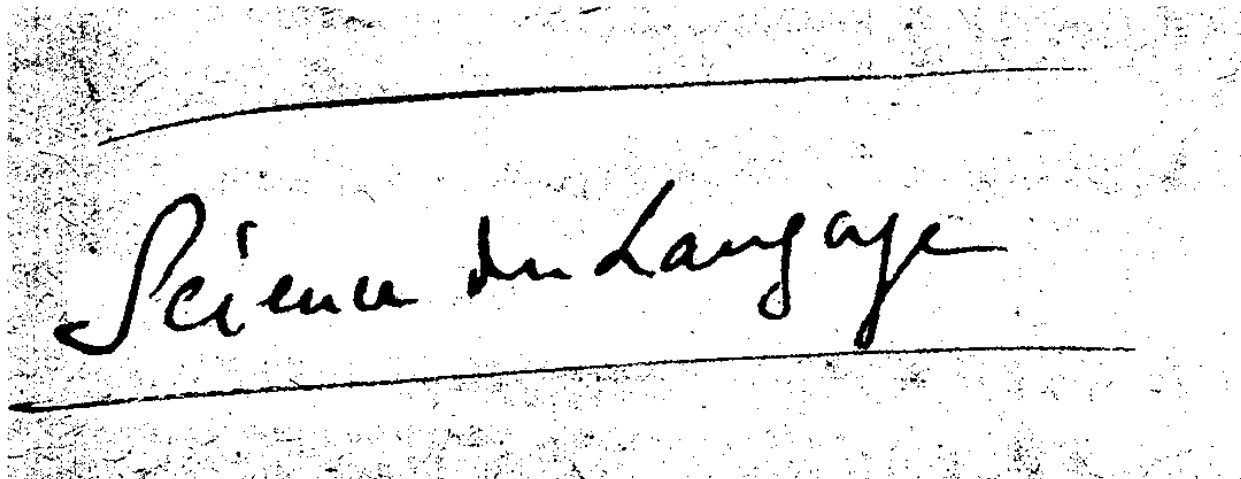
Utilizamos esse título apenas em função da sua ampla circulação entre a comunidade de pesquisadores da linguística e mesmo entre os estudantes da área. Entretanto, reconhecemos a pertinência dessa discussão, inclusive da posição de Amacker, que ressalta que “essência dupla da linguagem” deve ser apenas o subtítulo desse manuscrito:

Le paquet ainsi constitué contenait en tout cas douze enveloppes portant, diversement formulée et toujours incomplète, l’inscription «De l’essence double...»; ce titre ne correspond évidemment pas à l’ensemble des ébauches [...] réunies par Engler pour la BGE sous la cote ‘Arch. de Saussure 372’, mais il mérite de figurer, comme élément du sous-titre, en tête de la présente édition (AMACKER, 2011, p. 12).

sabia a respeito da ordem cronológica das suas elaborações.

O autor, de fato, publicou, em 2011, uma edição crítica do manuscrito sob o título *Science du langage: de l'essence double du langage*, pela editora Droz, tradicional na publicação dos Cahiers Ferdinand de Saussure. O seu argumento principal reside no fato de que muitas das folhas desse manuscrito encontravam-se em um envelope sobre o qual Saussure havia prendido o pedaço de um papel de embalagem no qual assinalou “ciência da linguagem”, conforme se vê abaixo:¹⁶

Figura 7 - Reprodução da folha 3 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372



Fonte: Saussure (1891a, p. 3)

Assim, o destino da obra de Saussure – entendida como o conjunto das suas ideias dispostas em suas aulas, publicações e manuscritos disponíveis ao público – tem contemplado a possibilidade de aberturas para interpretações distintas e sustentáveis, e isso parece ter um papel importante na perenidade da sua obra. Contudo, é preciso estarmos atentos a cada uma dessas interpretações e àquilo que orienta seus métodos e seus objetivos para entendermos as opções dos investigadores e discerni-las dos objetivos meramente editoriais.

É em função dos nossos objetivos de investigação que

16 Para essas informações, bem como alguns detalhes sobre um ou outro título, cf. Amacker (2011).

recorreremos, para a nossa análise, ao próprio manuscrito, acompanhando a tortuosa escrita de Saussure como tantos pesquisadores já fizeram desde que os primeiros manuscritos de Saussure começaram a circular logo depois da sua morte. Lembremos que foram Sechehaye e Bally a inaugurar o trabalho com os manuscritos de Saussure e que confessam, no prefácio à primeira edição do CLG, a expectativa que a possibilidade de examinar os manuscritos de Saussure lhes criava:

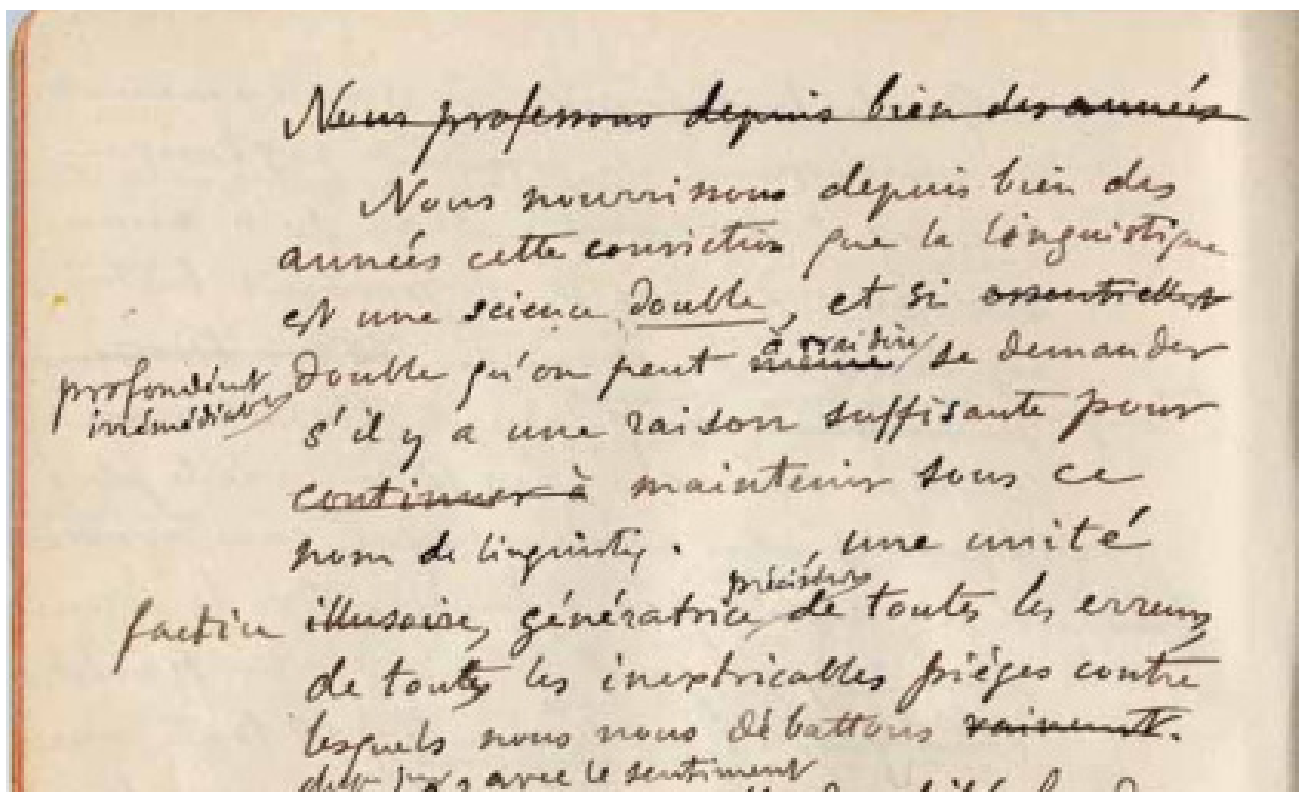
Após a morte do mestre, esperávamos encontrar-lhe nos manuscritos [...] a imagem fiel ou pelo menos suficientemente fiel de suas geniais lições; entrevíamos a possibilidade de uma publicação fundada num simples arranjo de anotações pessoais de Ferdinand de Saussure, combinadas com as notas de estudantes. Grande foi a nossa decepção; não encontramos nada ou quase nada que correspondesse aos cadernos de seus discípulos; F. de Saussure ia destruindo [...] a cada dia, o esboço de sua exposição! (BALLY; SECHEHAYE apud SAUSSURE, 1973 [1916], p. 1).

Conhecemos o resultado desse primeiro contato com os manuscritos: a edição de um livro póstumo baseado mais nas anotações que os alunos faziam das exposições orais do professor Saussure que propriamente dos seus manuscritos, mas que trouxe à tona um cabedal teórico capaz de fundar o que chamamos hoje de linguística moderna.

É preciso notar que, depois de Sechehaye e Bally, outros se aventuraram nos manuscritos de Saussure, especialmente após a Segunda Guerra Mundial. Destacam-se os trabalhos de Robert Godel, Jean Starobinski e, fundamentalmente, Rudolf Engler, que esteve entre os pioneiros e se manteve no trabalho até a recepção, catalogação, discussão e encaminhamento dos últimos manuscritos chegados à BGE.

Atualmente, é alto o número de pesquisadores da fortuna genebrina que trabalham com seus manuscritos. Há material bastante generoso para isso: milhares de páginas escritas por Saussure cobrem quase meio século de escrita do linguista e representam a extensa gama de interesses de Saussure em diferentes momentos da sua vida e da história. Nesse contexto, é preciso considerar que um manuscrito de Saussure nunca está isolado de outro, dado esse seu interesse por diversos estudos, como as lendas germânicas ou as poesias greco-latinas, entre outros temas. Assim, estabelecer os pontos de contato entre eles é um dos grandes desafios dos pesquisadores da área. Em relação ao EDL, não é diferente. Uma das semelhanças mais singelas que podemos anunciar é justamente em relação ao título: se, no EDL, o título atribui uma natureza dupla ao objeto dessa ciência, em um manuscrito de 1894, ele se refere a uma natureza dupla da própria linguística enquanto ciência:

Figura 8 - Reprodução da folha 12 do manuscrito *Notes écrites en vue d'un article sur W. D. Whitney*, conservado na BGE, sob a inscrição Ms. Fr. 3951-10



Fonte: Saussure (1894, p. 12)

Nós aceitamos depois de muito tempo
 Nós nutrimos há alguns
 anos esta convicção que a linguística
 é uma ciência dupla, e tão essencialmente
^{profundamente irremediavelmente} dupla que se pode mesmo ^{dito claramente} se perguntar
 se há razão suficiente para
~~continuar~~ a manter sob esse nome de linguística. , uma unidade
^{xxxxxx-} ~~h~~ usória geradora ^{precisamente} de todos os erros,
 de todas as inextricáveis peças contra
 as quais nós nos debatemos
 verdadeiramente. (grifos nossos)

Nesse manuscrito de 1894, Notes sur Whitney, Saussure se refere a uma “science double” no momento em que faz uma crítica contundente aos estudos da linguagem do seu tempo que se abrigam sob esse nome, de forma que, inclusive, ele mesmo deve ser questionado. É um fragmento muito enfático sobre o tema da linguística e seu objeto, comum nos manuscritos de Saussure desse período, no qual ele insiste em colocar perguntas a respeito de uma epistemologia que dê respostas aos estudos da linguagem do seu tempo. Observemos que ele primeiro afirma que a linguística é uma ciência dupla e, em seguida, reitera essa afirmação em outra asserção: “essencialmente dupla”. Apesar de ser categórico e enfático, ele ainda não está satisfeito e rasura o termo “essencialmente”, que caracteriza a duplicidade dessa ciência, e acrescenta, em inciso, os termos “profundamente”, “irremediavelmente”. Além disso, ainda assevera que há tempos nutre essa convicção, finalizando por se questionar se é possível, então, continuar a chamar essa ciência de linguística. Essas questões presentes em Notes sur Whitney não só não são estranhas às encontradas no EDL como dialogam com elas. Mas há muitas outras hipóteses de relação entre o EDL e outros escritos de Saussure.

Chidichimo (2012), por exemplo, levanta a hipótese que esse

manuscrito seria o projeto de um livro a partir da carta que, em dezembro de 1891, Saussure envia à Gaston Paris, filólogo francês que se tornou seu interlocutor após o seu retorno à Genebra. Nessa carta, ele fala do seu projeto de escrever “un testo di epistemologia della linguistica” (CHIDICHIMO, 2012, p. 107). No entanto, também se pode recolher essa proposta de Saussure pelas diversas indicações que esse manuscrito nos oferece. Sobre a possibilidade de esse manuscrito ser a proposta de um livro, Joseph (2012) mostra que:

Avoiding jargon where he can, Saussure finally manages to find a mature stile, a way of writing about language that does not require enormous deviation from everyday French. Yet the price is at times a compromise on precision that, in the end, he could not accept. Like all Saussure’s attempts at writing about the general nature of language, the project remained abortive (JOSEPH, 2012, p. 380, grifo nosso).

Saussure acabou por abortar o seu projeto de escrever sobre a natureza da linguagem, segundo o autor, já que a linguagem que adotou no manuscrito não lhe permitiu a precisão com a qual estava comprometido.

Além da observação desses pesquisadores, há indicações de que Saussure se dedicou a esse projeto de escrever um livro sobre linguística geral também em outros manuscritos, visto que, em alguns deles, chegou a se referir a esse projeto, como se verifica na folha 8 do manuscrito *Trois conférences*. Não obstante, é estimado que esses dois tenham sido escritos em 1891, já que ambos tratam da linguística enquanto ciência, assim como da constituição do seu objeto. O primeiro se conhece desde 1955 e o segundo chegou aos pesquisadores 41 anos depois. Dois manuscritos de uma mesma época, *Trois conférences* e *De l’essence double du langage*, escritos pela mesma pessoa, com o mesmo tema, mas diferentes em sua forma,

em seu conteúdo e especialmente em seus objetivos. Um destinado a subsidiar aulas, outro talvez destinado a ser um livro. O primeiro chegando a cumprir os seus objetivos, o segundo não, pelo menos não como Saussure imaginara. Realmente, para quem se detém no grande conjunto de manuscritos de Saussure é incontornável a observação de que os seus manuscritos não podem ser isolados uns dos outros, eles formam uma intrincada cadeia nas elaborações do genebrino.

Neste sentido, apesar do cerne do nosso trabalho ser apenas acompanhar algumas das elaborações teóricas de Saussure ao longo do manuscrito, é impossível não observar que ele nos aponta, de fato, alguns dados que inflamam a hipótese de que ele tenha sido escrito com o objetivo de tornar-se um livro. A primeira folha desse conjunto de manuscritos, por exemplo, traz, no canto esquerdo, na primeira linha e isolada, a palavra “Préface”. Na sexta folha, na primeira linha e ao centro, entre parênteses e sublinhado, Saussure escreve algo que pode ser um título ou um subtítulo: (Position des identités). Na sétima folha, Saussure escreve com bastante destaque: NATURE DE L’OBJET EN LINGUISTIQUE (assim, em caixa alta), com um traço logo abaixo. Trata-se, com certeza, de um título.

Esses dados muito explícitos, que se dão a ver por qualquer um que passe os olhos pelo manuscrito, animam a hipótese, mas, por si só, não constituem uma evidência; não será nosso objetivo neste trabalho persegui-la, nem no interior deste documento e tampouco pela relação que ele mantém com os outros manuscritos de Saussure, desafiando a própria identidade do EDL, que arrisca a perder a sua unidade no contato com outros manuscritos do próprio autor.

Entretanto, a questão sobre a unidade do EDL não é exclusiva do contato entre o EDL e outros manuscritos de Saussure; ela foi fortemente discutida no interior mesmo do próprio manuscrito,

à medida que os pesquisadores começaram a ter contato com os detalhes dessa elaboração de Saussure. Chidichimo (2012), em sua inédita edição crítica do manuscrito, faz uma importante observação sobre o conteúdo de *De l'essence double du langage*, ao discordar do agrupamento realizado pelo catalogador e da consequente publicação desse manuscrito como um todo orgânico e em uma ordem como se fosse a natural dele. O autor propõe que esse manuscrito seja reconhecido como cinco conjuntos distintos. Sobre o terceiro conjunto, ele destaca algo que diz respeito às nossas observações: trata-se de uma unidade, restrita a esse terceiro conjunto, e que está relacionada a essa possibilidade de um projeto de escrita de livro:

Terzo passaggio e terzo giro de scrittura sono le pagine con la quadrettatura azzurra: 1, 2-5, 7-10, 24-25, 29-30, 32-35, 60-63, 64-65, 66, 77-80, 122-124, 125-127, 128-131, 132-133, 134-136, 137-140, 141-144, 175, 179-181, 255-256. AdS 383/2, p.24-27, 28-31 (insieme a queste lasceremo le pagine che ne costituiscono il contorno e prodotte con cronologia identica, quindi da p. 21 a 42) [...] Infine ci sono , altre pagine che appartengono a un altro dossier e aun altro fondo come i fogli provenienti da Ms.fr. 3951/9, chiamati già da Godel, Note in vista di un libro di linguística générale (CHIDICHIMO, 2012, p. 149).

Há ainda a conjectura de que o EDL pode ser parte de um conjunto maior que considere também um manuscrito já conhecido há mais de meio século pela comunidade saussuriana, *Notes pour un livre sur la linguistique générale* 10f, o qual, conforme nos alerta Chidichimo, compartilha momentos de elaboração teórica muito próximos do que encontramos no EDL:

Le concordanze materiali ci possono aiutare a ristabilire dei legami tra i documenti e la verifica testuale è un ulteriore elemento contrastivo per un giudizio filologico. Dal punto di vista argomentativo, in BGE Ms.fr. 3951/9, f.1-6 Saussure discute di identità delle forme

linguísticas (utilizando gli esempi di aka e di chanter:cantare, presenti anche in ED) e della questione del punto di vista che dev'essere utilizzato per studiare i fenomeni del linguaggio. Identità e punto di vista sono due temi ricorrenti in ED (cfr. p. es. ELG, p. 21-23, 31-34). Considerata la coincidenza del materiale, dell'uso, di tematiche, della terminologia, si potrebbe sostenere l'ipotesi che questi primi sei fogli appartengano a ED (CHIDICHIMO, 2012, p. 16).

Vê-se que o trabalho com esses manuscritos, ao chegarem à BGE, não foi fácil e que quem se ocupou dele não chegou a uma boa solução, pois duas soluções lhe pareceram melhores. Chidichimo e Gambarara (2008), Amacker (2011), Chidichimo (2012) e Sofia (2012), entre outros, chamaram a atenção para as incertezas do catalogador desse manuscrito em relação à ordem de suas folhas.

Assim, embora o conjunto de manuscritos saussurianos que estão no fundo Archives de Saussure sob o nome de L'essence double du langage, catalogado sob a cifra AS 372, chame a atenção pelo seu atraente conteúdo, pela força de uma escrita que margeia os contornos do intocável na língua desconhecido de todos e buscado por Saussure de uma maneira contundente nesses escritos, é importante considerar que, se o conteúdo desses manuscritos é surpreendente, a forma deles não é menos inquietante. Ao lê-los, parece haver uma sequência no conteúdo, porém, com uma atenção mais detida, percebemos que são papéis de formatos diferentes, que as cores da caneta ou a espessura dos traços não se mantêm, que algumas folhas são numeradas e muitas outras, não. O trabalho com o manuscrito mostra que não é difícil um agrupamento em ordem distinta da que temos oficialmente.

Na BGE, há um duplo desse arquivo: o AS 372 tem o seu AS 372bis, o que espanta a alguns pesquisadores, pois que motivo levaria a isso? Trata-se, aparentemente, dos mesmos escritos que,

ordenados de maneiras diversas e paginados diferentemente, acabam por se constituir em outro conjunto de manuscritos, o que justifica o arquivo bis. O exame realizado por Sofia das transcrições desse conjunto de manuscrito dá uma boa ideia da sua situação:

On a connaissance d'au moins quatre versions de la transcription faite par R. Engler de « De l'essence double du langage » : celle qui ouvre les Écrits de linguistique générale, signée S. Bouquet et R. Engler (Saussure 2002b) ; celle, partielle, publiée en 2004 dans la revue *Texte!* (Saussure 2004) ; une troisième, envoyée par R. Engler à C. Normand en 1999 (inédite) ; et une quatrième, reçue, la même année, par T. De Mauro (inédite) (SOFIA, 2012, p. 38, grifos do autor).

O interessante é que as transcrições distintas são realizadas todas por Engler, que foi o responsável por triar e classificar esses documentos quando chegaram à BGE em 1996. Certamente, Engler teve muito trabalho para organizar esses documentos; Sofia não conheceu essa última versão, mas examinou as outras três. Vejam o seu espanto diante das três versões de transcrição desse documento por Engler:

Les trois restantes, différentes entre elles en quelques détails, exhibent toutes les trois une caractéristique surprenant: l'ordre original des pages et du texte, car dans biens des occasions, le recto et le verso (deux pages) d'un même feuillet ont été séparés, et parfois même – quoique moins souvent – l'ordre du texte a été modifié à l'intérieur d'une même page (SOFIA, 2012, p. 38).

Constatamos, deste modo, que o aspecto macroestrutural desse manuscrito cujas numerosas folhas compõem uma unidade bastante discutível, como já dissemos, ainda merecerá alguns debates no decurso dos estudos dos manuscritos de Ferdinand de Saussure. Nosso trabalho, neste momento, não tem essa pretensão, e, por isso,

seguimos a ordem estabelecida oficialmente pela BGE, que nos foi transmitida no arquivo desse manuscrito.

Notemos que a quantidade de possibilidades de pesquisa que um manuscrito oferece não é pequena. Não raro é forte a expectativa de que a descoberta de um manuscrito pode nos abrir as portas de conhecimentos que estiveram fora do nosso alcance. Isso alimenta a humanidade há muito tempo, em várias áreas do conhecimento. A publicação recente da tradução em português dos cadernos anatômicos de Leonardo da Vinci (1452-1519), que foi cientista, matemático, engenheiro, inventor, pintor, escultor, arquiteto, botânico, poeta e músico, é testemunha do interesse que ainda se mantém nesse tipo de material¹⁷.

Na grande área de pesquisa que atualmente se divide em linguística e literatura é, certamente, esta última que tem mantido o interesse no trabalho com os manuscritos, seja na vertente filológica ou da crítica genética, embora, como adverte Willemart, “a crítica genética, tanto quanto a filologia estudam textos da Idade Média ou do século XX, mas os resultados não terão o mesmo teor nem o mesmo sabor” (WILLEMART, 1999, p. 197). Os resultados estão diretamente ligados à maneira como é feita a abordagem do manuscrito; as duas não são iguais:

Uma delas lida com a variante, o texto original, o desvio ou o erro; a outra com lições, textos múltiplos e pluralidade cultural. Uma segue o modelo rígido lachmaniano ou o mais flexível de Bédier no estabelecimento dos textos, a outra procura seu modelo, defende os rascunhos, o prototexto, o uso do hipertexto, as sinopses e os textos integrais. Uma comenta as mudanças singulares, as variantes, a outra investiga o processo de criação (WILLEMART, 1999, p. 198).

17 Essa obra foi publicada pela primeira vez no início da segunda metade do século XX, cf. O'Malley e Saunders (1952).

A tomada de posição em relação à apreensão que se tem de um manuscrito determinará, desse modo, muito do que a análise pode oferecer ao leitor.

Passaremos, enfim, nos capítulos seguintes, a analisar o documento que, agora longe da estufa, viceja. À luz do sol, a sua trajetória é bastante turbulenta, mas com uma catalogação estabelecida que faz sua circulação ter uma certa uniformidade. Assim, o manuscrito com o qual nos propomos a trabalhar, oficialmente denominado *De l'essence double du langage* por seu catalogador, compreende 274 folhas e chegou à Biblioteca Pública de Genebra em 1996, onde foi arquivado sob a rubrica Archives de Saussure 372 Les manuscrits (ADS 372) com as seguintes indicações, constantes do catálogo de manuscritos disponível ao pesquisador que procura a BGE:

env.1 – Fragment du papier d'emballage qui contenait une partie des manuscrits et sur lequel F. de S. a noté: «Science du langage»; 12 enveloppes qui contenaient les manuscrits et sur lesquelles F.de S. a noté: «De l'essence double», «De l'essence etc.»

env.2-8 Manuscrits, 274 pages

Les pages 1-254 ont été publiées pour former les «Écrits de linguistique générales»; mais les pages 255 à 274 ont été ajoutées par Engler après la publication.

Além das informações sobre os manuscritos, há também a indicação da publicação da edição de uma grande parte desses manuscritos no livro *Écrits de linguistique générale*¹⁸, edição essa realizada por Engler, o catalogador dos manuscritos, e por Bouquet. É importante notar que não se trata de uma edição específica desse

18 Publicada pela Gallimard, em 2002, e pela Cultrix, em 2004, essa edição tem sido reconhecida pelos pesquisadores como uma obra de divulgação dirigida ao leitor não especialista (cf. AMACKER, 2011, p. 11). Especificamente sobre esse manuscrito, os pesquisadores têm apontado muitos problemas (cf. SOFIA, 2012, p. 43-48; CHIDICHIMO, 2012, p. 25-39).

manuscrito, mas dele entre tantos outros manuscritos do linguista.

Essas são as informações oficiais fornecidas pela BGE sobre o presente documento, junto do qual seguiremos o nosso propósito de acompanhar a aventura de Saussure na escrita de alguns conceitos célebres na linguística moderna. Ainda trabalhando com o material na sua datação, título e sequência oficial, alguns de nossos objetivos e pressupostos de trabalho com manuscritos acabam por determinar certas abordagens específicas que procuraremos esclarecer antes de passar às reflexões sobre os aspectos da elaboração teórica de Saussure no referido manuscrito.

A leitura do manuscrito em si pode colaborar com a compreensão dos conceitos na medida em que o processo de elaboração é bastante lento, detalhado e, às vezes, repetitivo, com pequenos deslocamentos, ao contrário da grande maioria das definições, que são muito mais concisas e categóricas, às vezes ocultando meandros do funcionamento do conceito. O processo de leitura do manuscrito favorece a formação do linguista porque ele pode acompanhar o movimento de elaboração de outro linguista ao trazer a posição teórica do seu tempo, ao contrapor e propor alternativas, muitas vezes com exemplos práticos. Seguindo o EDL, é patente uma formulação engajada, mas que tropeça, uma destreza na apresentação dos conceitos em cada uma das suas nuances no intuito de testá-los ou reformulá-los, uma clareza de objetivos quanto à proposta de renovar os estudos da linguagem, mostrando, ao mesmo tempo, as dificuldades que a tarefa impõe. Enfim, no próprio manuscrito, sob a letra de Saussure, com um traçado não linear, rasurado, sobreposto ou interrompido, o ritmo de formulação de Saussure pode esclarecer e instigar novos linguistas. Afinal:

O que impediu Saussure de publicar o que escreveu ao preparar os cursos, assim como o que o impeliu a destruir as anotações que fizera

nesse sentido, está representado nos manuscritos pelas rasuras, no que elas revelam sobre o trânsito de Saussure de uma posição para outra, sobre a angústia atualizada na vacilação de quem cava um buraco entre uma palavra e outra (DE LEMOS, 2007, p. 12).

Também acrescentamos, logo abaixo do fac-símile, a transcrição traduzida – e bastante aproximada – do próprio manuscrito. O fac-símile é mostrado porque julgamos que esse procedimento atende à expectativa do leitor de Saussure de se encontrar com a sua própria escrita e também porque sabemos que o contato com a especificidade da escrita de Saussure, na sua materialidade, ao elaborar os conceitos de linguística, pode, por um lado, colaborar com a compreensão dos mesmos e, por outro, favorecer a sua formação como linguista. Acreditamos, ainda, que irá facilitar a compreensão do leitor que não domina a língua francesa e possibilitar ao que a domina a possibilidade de contrastá-la com o próprio manuscrito, inclusive, permitindo decifrar particularidades do manuscrito, o que não nos foi possível no momento da transcrição e tradução. Nossa proposta de análise é mais aproximada da crítica genética, cujo objetivo, nas palavras de Willemart, é dar ênfase ao processo em si e não somente ao resultado final. Assim, se não abrimos mão da leitura do próprio manuscrito em relação à transcrição de outro pesquisador ou editor, também achamos que o nosso leitor deve ter oportunidade dessa experiência com a estética do manuscrito que renova o ritmo de leitura do leitor do século XXI e a qual o linguista não deve se furtar.

A seguir, apresentamos quatro capítulos sobre o manuscrito *De l'essence double du langage* a partir de quatro temas teóricos caros a Saussure e reconhecidos na posteridade por meio da publicação do *Curso de linguística geral*: (i) signo linguístico, (ii) forma e substância, (iii) sincronia e diacronia e (iv) língua, linguagem e fala. Como os leitores verão, os elementos que dão origem à teoria do

valor perpassam esses quatro temas. Para tratá-los, nos valem de uma recepção especializada sobre esses conceitos e, principalmente, de parâmetros de abordagem do manuscrito e de sua história, bem como aspectos da sua materialidade, além de tomar a escrita de Saussure na perspectiva exposta na primeira parte desse trabalho: a aventura.

CAPÍTULO 2 - SIGNO LINGUÍSTICO

Aqueles que se ocuparam da língua(gem)¹⁹, de uma maneira ou de outra, atentaram para a natureza complexa desta. Não foram poucas as vezes em que isso se traduziu em pares. O que constitui o par e o modo como as duas unidades se relacionam não são vistos de forma unívoca: depende do ponto de vista do pesquisador e também do momento histórico da elaboração teórica que, como sabemos, tem influência na produção científica. A gênese da noção de signo linguístico repousa em um par, embora nem sempre ele tenha sido tomado nesta especificidade.

Assim, se a noção de signo é conhecida no mundo ocidental desde os gregos e a arbitrariedade do signo também já é pensada desde então,²⁰ não é surpreendente que o termo signo tenha muitas acepções que podem ser, inclusive, recolhidas no dicionário de inúmeras línguas. A bibliografia especializada não se cansa de repetir:

A noção de signo não é limitada à linguagem. As práticas mais arcaicas da adivinhação ou da astrologia apresentam-se como leituras de signos, aqueles aos quais se liga o destino dos homens.

19 Utilizamos a notação língua(gem) diversas vezes, visto que a distinção teórica entre língua e linguagem não é uma das primeiras da elaboração do genebrino, como veremos no último capítulo.

20 Ver Coseriu (1980).

Sem recorrer a uma transcendência qualquer, a caça (busca dos traços) ou a medicina (interpretação dos sintomas) utilizam muito naturalmente signos. Observou-se, na definição de Aristóteles citada mais acima [“os sons emitidos pela voz são os símbolos dos estados da alma”, p. 97], a utilização precisa da palavra símbolo (symbolon) para qualificar o signo linguístico. Em grego, o signo no sentido, por exemplo, do sintoma de uma doença se diz sêmeion. Trata-se de uma palavra que Platão utilizava igualmente para o signo linguístico. Aristóteles distingue claramente os dois; a teoria do signo linguístico é totalmente independente da teoria do sêmeion. Esta é exposta nos Primeiros Analíticos como um modo de raciocínio [...] (AUROUX, 1996, p. 98, *itálicos do autor, negrito nosso*).

A amplitude do termo, neste sentido, desautoriza qualquer trabalho exaustivo sobre o tema; além disso, as premissas básicas sobre os signos, seus elementos e seu funcionamento não são unânimes. Note-se que dois filósofos franceses contemporâneos discordam sobre um ponto crucial: se, ao primeiro (ver acima), a noção de signo não é limitada à linguagem, Milner, por sua vez, assinala a estreita e indissociável relação signo e linguagem, afirmando que é “impossible désormais de parler de langage ou de langue sans parler de signe; impossible aussi de parler de signe, sans parler du langage” (MILNER, 2002, p. 31). Tais diferenças fomentam intenso debate e indicam a produtividade da noção de signo nos estudos da linguagem, assim como comprovam a impossibilidade da estabilidade teórica desse termo ao longo dos séculos durante os quais ele transita entre os pensadores da linguagem ou não.

A reflexão sobre o signo, portanto, é muito anterior a Saussure. Nosso interesse, aqui, é o ponto de partida epistemológico do EDL. Assim, é necessário destacar alguns lugares de onde ele parte para a sua elaboração, embora esteja longe das nossas ambições recuperar a história da constituição teórica do signo ou mesmo situar

precisamente as fontes de Saussure.

Não obstante, alguns apontamentos podem favorecer a nossa leitura do manuscrito em que Saussure se aventura a abordar e reescrever esse conceito, transformando-o estritamente em signo linguístico, a partir de uma fórmula mínima constitutiva do mecanismo que rege a língua enquanto generalidade, que dá lugar aos idiomas particulares. Nessa trilha, o autor italiano da edição crítica do Curso de linguística geral chama a atenção para uma armadilha comum:

Um texto de divulgação tão amplo quanto o CLG não poderia deixar de encontrar em seu caminho resistências e desacordos de todos os tipos. Uma das formas mais frequentes, academicamente mais impecáveis e menos repreensíveis pelas quais a hostilidade para com o CLG se manifesta é a indicação dos precursores (DE MAURO, 1986a [1967], p. 380).²¹

Tullio De Mauro, portanto, levanta a hipótese de que a demanda pelos precursores teóricos de Saussure pode ocultar uma resistência a sua teorização.²² Considerando a plausibilidade dessa hipótese, seria preciso suspender a perspectiva ingênua de que a busca pelos antecessores de Saussure poderia sanar o impossível preenchimento de todas as dúvidas acerca da sua elaboração, especialmente sobre o signo.

De fato, a resistência a sua teorização não é um caso único; também Freud, Copérnico, Darwin ou Marx encontram objeções justamente porque suas teorias, assim como a de Saussure, destituem

21 No original : “Un texte de diffusion aussi large que le C.L.G. ne pouvait pas ne pas rencontrer sur son chemin des resistences et des désaccords de tous genres. Une des façons les plus communes, et académiquement les plus impeccables et le moins répréhensibles, dont se manifeste l'hostilité à l'égard du C.L.G. est l'indication des précurseurs.”

22 Seria fácil, mas não produtivo, listar uma quantidade enorme de críticas a Saussure que se baseiam nesse argumento.

o homem de um lugar de centralidade. Essa questão é amplamente discutida depois de Freud, que atribuiu a esse tipo de resistência o nome de “ferida narcísica”, constituída pelos abalos que as pesquisas científicas imprimem ao narcisismo humano.

Feita a ressalva, De Mauro se propõe a recuperar alguns trabalhos em torno da questão dos chamados precursores de Saussure até mesmo, segundo ele, para verificar que dimensão atingiu a oposição mal disfarçada que se manifesta nessa crítica específica. Nesse percurso, ele faz uma retomada rápida e pontual dos autores que sustentaram uma noção de signo mais provável de ter relação com a elaboração de Saussure.

É nessa toada que ele nos traz algumas informações que importam ao nosso trabalho neste momento. Se é mais difícil recuperar a noção de signo de maneira geral, a dificuldade não é tão intensa em relação à noção de signo dual, nos diz o linguista italiano. O signo concebido enquanto uma entidade composta de dois elementos foi de Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.) a Agostinho (354 d.C.-430 d.C.), passando por Crisippo (279 a.C.-206 a.C.), chegando na lógica medieval – especialmente em Suger (1080-1151) – e enfim alcançando Gomperz (1873-1942), que foi professor na Alemanha. Essa trajetória de mais de dois mil anos carregou a noção de representação atrelada ao signo. A composição deste estava ligada ao som e ao sentido, embora esses dois termos não se mantivessem exatamente os mesmos durante esse período. Além disso, a concepção de um e de outro, bem como a relação entre eles, também não foi unânime nem constante na história do conceito.

Não se sabe o quanto Saussure bebeu dessas fontes. Evidentemente, que se levantam mais possibilidades de que o seu contemporâneo alemão tenha sido a sua fonte para as elaborações. No entanto, De Mauro constata que

les volumes de Gomperz ne figurent pas dans la bibliothèque de Saussure. On ne peut cependant pas exclure que Saussure en ait tiré la suggestion terminologique en question donc dans les cours de linguistique concept et image acoustique par signifié et signifiant (DE MAURO, 1986a [1967], p. 381).

Ajunte-se a essa dificuldade a reconhecida falta de referência nos manuscritos de Saussure e, em especial, nas aulas que ministrou no início do século²³, já que a referência bibliográfica, classicamente, sobeja na escrita com fins de publicação e aparece muito menos nos eventos de fala, mesmo aqueles acadêmicos, como a situação de aula.

Saussure, de fato, não facilita a tarefa do seu leitor no que diz respeito a referenciar autores que o precederam. Ao contrário, ele exige um leitor atento. As edições críticas do CLG fizeram muito a esse respeito²⁴, além de colocarem ao nosso alcance informações preciosas sobre o percurso de elaboração do genebrino.

Juntam-se a essa tarefa Engler, Godel e De Mauro que, na famosa nota 128 da sua edição crítica do CLG, traz os colegas para elucidar um ângulo importante da constituição teórica do conceito de signo linguístico. Trata-se da informação de que na lição de 02 de maio de 1911, Saussure diz que, no signo, uma imagem acústica está associada a um conceito e, na aula de 19 de maio, ele traz o par *significante* e *significado*, com consequências para a noção de signo (DE MAURO, 1986b [1967]). É tardia, portanto, na elaboração de

23 De Mauro (1986a) informa que o primeiro curso aconteceu de 16 de janeiro a 3 de julho de 1907; o segundo, da primeira semana de novembro de 1908 ao dia 24 de junho de 1909; e o terceiro, de 24 de outubro de 1910 a 4 de julho de 1911.

24 É importante notar que a padronização dos textos técnicos e científicos é posterior à publicação do CLG. Assim, não era incomum, nas publicações do século XIX e início do XX, referências mais genéricas ou sem especificações de data, lugar e página. Além disso, um manuscrito que não foi enviado a uma editora e mesmo anotações destinadas a subsidiar aulas são espaços ainda menos formais de escrita, nos quais a referência é ainda mais rara.

Saussure, a concepção de signo com a terminologia signo = imagem acústica + conceito ou signo = significante + significado. No decorrer deste capítulo, veremos que esse movimento é bastante complexo e efeito de muita elaboração.

Também é digna de nota a questão terminológica que envolve os termos “fonética” e “fonologia”, no século XIX, propensa a confundir o linguista desavisado do século XXI. Os empregos dados a esses termos pelos linguistas do século XIX não coincidem com a terminologia atual, que deriva das reflexões pós-saussurianas. O próprio Saussure os utiliza da maneira como os seus contemporâneos o faziam. Não é incomum não observarmos o fato de que, no século XIX, os estudos fonéticos eram basicamente históricos. O CLG também apresenta uma concepção própria do século XIX, tanto para o termo “fonética” quanto para “fonologia”²⁵.

Tratada como “flutuação terminológica” (DE MAURO, 1986a/b [1967], p. 612), “deslizamento terminológico” (BOUQUET, 2000, p. 229) ou “deriva conceitual” (COURSIL, 2015, p. 162), essa questão pode se perder porque essas expressões concorrem para a trivialização do movimento de elaboração de Saussure, caso o lastro entre a terminologia e a elaboração teórica seja desconsiderado, pois se, à medida que a elaboração avança, ela exige mais da terminologia, o que ocorre não é flutuação, deslizamento ou deriva, mas ancoramento da terminologia em determinada conceptualização. Na verdade, o próprio Saussure, no CLG, é bastante claro ao dizer que um significante está sempre em condições de associar-se a outro significante.²⁶ De fato, o percurso teórico de Saussure em relação aos

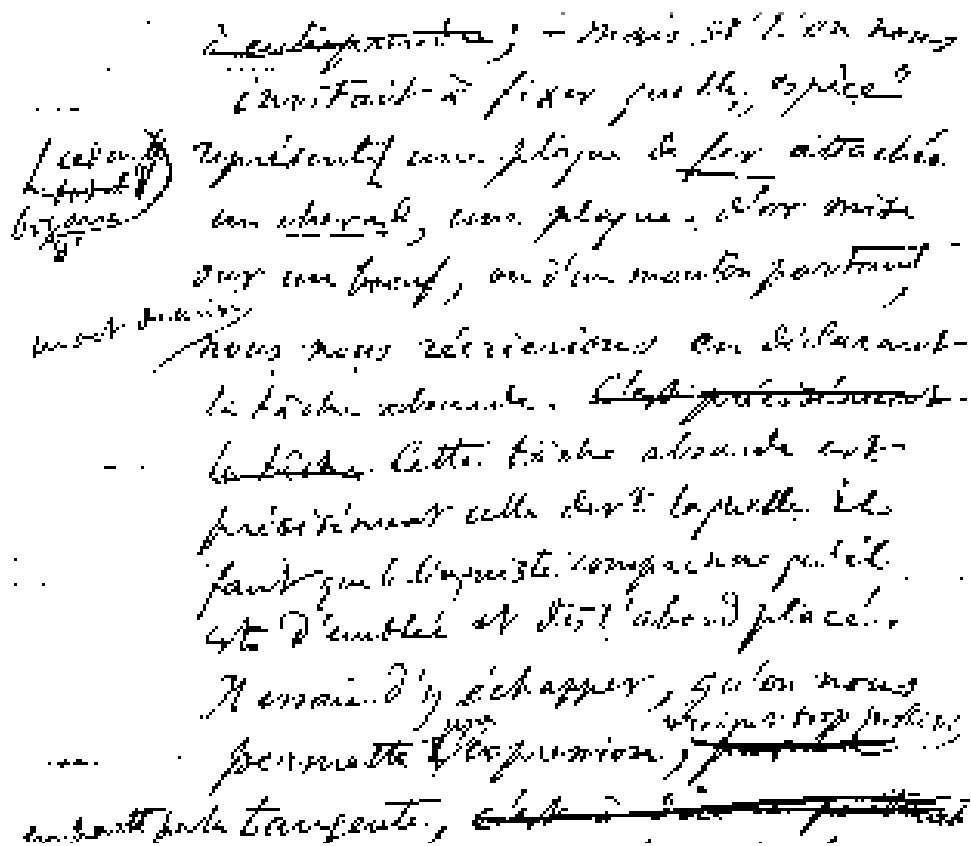
25 De Mauro (1986b [1967], p. 433-434) discorre longamente sobre o histórico de aparecimento desses termos, ao mesmo tempo em que se dava um amadurecimento dos conceitos.

26 No EDL, Saussure fala de “acoplamentos de objetos heterogêneos” - assim, sublinhado. Na página 119 do CLG, ele usa o termo “associação” e, em outros momentos, “deslocamento” (SAUSSURE, 1973 [1916], p. 89 e 233).

termos que compõem o signo é bastante longo e acidentado, como atesta o EDL. De Mauro (1986b [1967]) atenta para o laço existente entre a nova terminologia e o sentido mais profundo do princípio da arbitrariedade do signo. Com efeito, a epistemologia linguística que deriva da produção saussuriana está baseada em uma série de conceitos que se encontram totalmente interligados.

No início do manuscrito EDL, Saussure nos apresenta uma questão epistemológica que aponta a interligação dos conceitos. Em seguida, nos é colocado um problema diretamente ligado ao objeto da área de estudos da linguagem, a difícil categorização de uma “espécie” composta por dois elementos diferentes:

Figura 9 - Reprodução da folha 8 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372



Fonte: Saussure (1891a, p. 8)

-mas se nos
 pedissem para determinar que ‘espécie’
 representa o conjunto bizarro de uma barra de ferro presa

a um cavalo, uma barra de ouro em cima
 de um boi, ou de um carneiro que ostenta
 um enfeite de cobre nós ficaríamos espantados achando
 a tarefa absurda. É ~~precisamente~~
 a ~~tarefa~~ essa tarefa absurda é
 precisamente aquela na qual é
 preciso que o linguista compreenda que
 está de repente e antes de tudo colocado.
 Ele tenta fugir, que nos
 seja permitida ^{uma} expressão, ~~xxxxxx~~ ^{muito justa neste caso}
 escapando pela tangente, isto é ~~xxxxxx~~

O uso de metáforas não é incomum nos manuscritos de Ferdinand de Saussure. Elas também apareceram muito nos seus cursos e se consagraram no CLG. Nesse fragmento do EDL, o genebrino chama a atenção para a difícil definição dessa “espécie” constituída de dois elementos distintos (uma barra de ouro em cima de um boi) e salienta que essa é a tarefa diante da qual o linguista está colocado – da qual não deve fugir.

A imagem, dada já no início do manuscrito, é suficientemente sugestiva e interessante para pensarmos a aventura do linguista genebrino nesse texto. Note-se que ele classifica a tarefa de absurda e fala que o linguista tenta escapar dela. Parece-nos que ele coloca essa tarefa absurda como uma necessidade do linguista e, portanto, dele próprio. Ou seja, Saussure parece ser guiado pela potência da Necessidade, Ananche, mas reconhece que, para atingir os seus objetivos, tem que se haver com outras potências no seu caminho, já que a tarefa parece assustadora, afugentando os linguistas. Essa dificuldade é uma espécie de Daimon que se apresenta tanto como aquele “que provém o espírito, a luz e o calor – ele é o genitor” (AGAMBEN, 2018, p. 12) quanto aquele que, segundo Goethe, não pode ser apreendido por nenhum conceito e ainda menos por uma palavra e que, além disso, “parecia misturar-se com todos os outros”

(GOETHE apud AGAMBEN, 2018, p. 15).

Tal tarefa absurda – enfrentar o que “parecia com prazer-se apenas com o impossível” (AGAMBEN, 2018, p. 15) – seria abraçada pelo genebrino na aventura a que ele se propôs nessa escrita. O leitor do CLG reconhecerá que essa unidade de elementos heterogêneos é aquilo que, na publicação, nós lemos como signo linguístico.

É importante notar que a elaboração sobre o signo é praticamente onipresente nos manuscritos saussurianos. Há uma variada nomenclatura que circunda essa elaboração, que tende a rarear nas suas aulas do início do século XX. Em outros manuscritos de Saussure produzidos na mesma época em que ele escreveu o EDL, não é raro encontrar uma profusão terminológica em torno da elaboração do que, mais tarde, ficou conhecido como signo linguístico. Por exemplo, no manuscrito Notes “Item” Sôme et sème, com data presumida pelos catalogadores de 1897²⁷ (portanto, escrito pouco depois do EDL), depreende-se um Saussure submerso nessa questão.

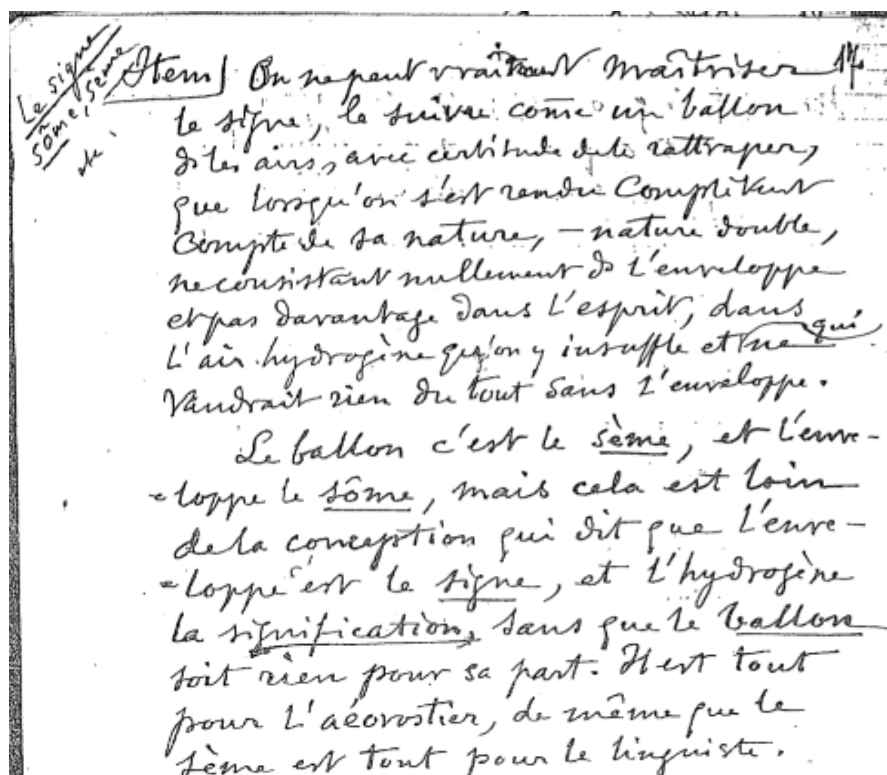
Em Notes “Item”, vemos uma profusão de elementos que concorrem para a caracterização do signo. É um manuscrito no qual a locução “signo linguístico” aparece, ao contrário do EDL. Nós o apresentamos apenas para mostrar como nesse momento da elaboração de Saussure a noção que acompanhava o termo “signo” oscilava na mesma medida em que a sua teoria era elaborada:

O signo, soma, sema, etc. Item Só se pode, verdadeiramente, dominar

o signo, segui-lo como um balão
no ar, com certeza de alcançá-lo,
apenas quando nos dermos conta completamente
da sua natureza, - natureza dupla,
necessitando em nada do envelope

²⁷ A data é conjecturada em função de o manuscrito fazer referência à Bréal. Os catalogadores presumirem que seja uma referência à obra *Essai de sémantique*, publicada em 1897.

Figura 10 - Reprodução da folha 17 do manuscrito *Notes "Item" Sôme et sème*, conservado na BGE, sob a inscrição Ms. Fr. 3951-15



Fonte: Saussure (1897, p. 17)

e tampouco do espírito, no
ar hidrogênio que o insufla e ^{que}
valeria coisa nenhuma sem o envelope.
O balão é o sema, e o envelope
o soma, mas isso está longe
da concepção que diz que
o envelope é o signo, e o hidrogênio
a significação, sem que o balão
seja nada por sua vez. Ele é tudo
para o aerosteiro, assim como o
sema é tudo para o linguista.

Saussure se apoia novamente em uma metáfora, muito mais leve que a anterior. Nesse fragmento do manuscrito, a natureza do termo “signo” também não parece ter uma ancoragem teórica sólida – ela parece oscilar. No início, é possível pensar que se trata da fórmula mínima do mecanismo da língua: o signo como um balão cuja “natureza é dupla” (envoltório e ar, ou, metaforicamente,

envoltório e espírito). Mas é preciso notar que, em seguida, fica claro que a passagem concerne apenas um dos elementos dessa fórmula: “o envelope é o signo”. Esse fragmento do manuscrito Notes “Item” está longe de ser claro, pelo menos para o leitor do século XXI, mas o leitor do CLG percebe que a noção de signo ali pode se aproximar mas não é a mesma da publicação, pelo menos não com a mesma clareza.

Nessa metáfora, Saussure considera o balão, adequadamente, um aeróstato, um veículo mais leve que o ar. O aerosteiro, aquele que leva o balão e é levado por ele, é comparado ao linguista. Se compreendermos razoavelmente a sua metáfora, tanto para o aerosteiro quanto para o linguista, o que importa é o todo feito pelos dois elementos dessa célula única, o balão para o primeiro e o signo para o segundo.

Sendo assim, nessa segunda metáfora, Saussure retoma o funcionamento da fórmula mínima da ciência da linguagem, que ainda não é a que conhecemos no CLG, como sabemos. Além disso, tanto em Notes “Item” como no EDL, o termo “signo” se presta, na maioria das vezes, a nomear isso que veio no lugar da figura vocal, que, por sua vez, veio no lugar do som. Observe-se que, no manuscrito Notes “Item”, o envoltório é o signo e o hidrogênio a significação.

O fato é que, apesar de as relações entre som e sentido serem de interesse de qualquer estudioso empenhado na pesquisa sobre a linguagem desde tempos remotos – e Saussure estava incluído nesse grupo –, vale ressaltar que, na produção saussuriana, havia uma preocupação em responder mais diretamente aos seus pares, seus professores, enfim, à linguística vigente no seu tempo, o século XIX, com a qual ele não concordava.

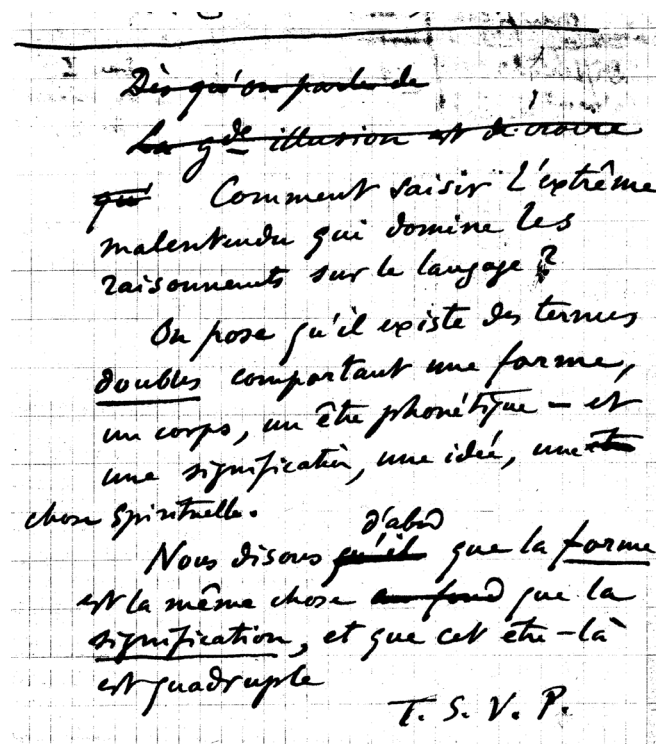
É sobre essa linguística que Jakobson se detém na sua primeira

lição na Escola Livre de Altos Estudos de Nova Iorque, em 1942²⁸, abordando, mais especificamente, o estudo do som, afirmando que na atitude empírico-naturalista do século XIX

esquecia-se propositadamente o facto de se tratar de um significante, visto não ser de maneira nenhuma a função linguística dos sons que interessava os linguistas, mas os sons como tais, os sons em ‘carne e osso’, sem atender ao papel que desempenham na língua (JAKOBSON, 1977, p. 21).

Saussure cita pouco, mas deixa marcas da sua interlocução nos seus manuscritos. Observe-se:

Figura 11 - Reprodução da folha 73 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372



Fonte: Saussure (1891a, p. 73)

28 Cf. *Seis lições sobre o som e o sentido*, de Jakobson (1977), com prefácio de Lévi-Strauss.

~~Que se fale de~~
~~A grande ilusão é acreditar que~~
Como definir o extremo
mal-entendido que domina as
reflexões sobre a linguagem?
Supõe-se que existem os termos
duplos comportando uma forma,
um corpo, um ser fonético - e
uma significação, uma ideia, uma ~~ser~~
^{coisa} espiritual.
Nós dizemos ~~que a~~^{inicialmente} que a forma
é a mesma coisa ~~no fundo~~ que a
significação e que esse ser
é quadruplo

vire a folha por favor

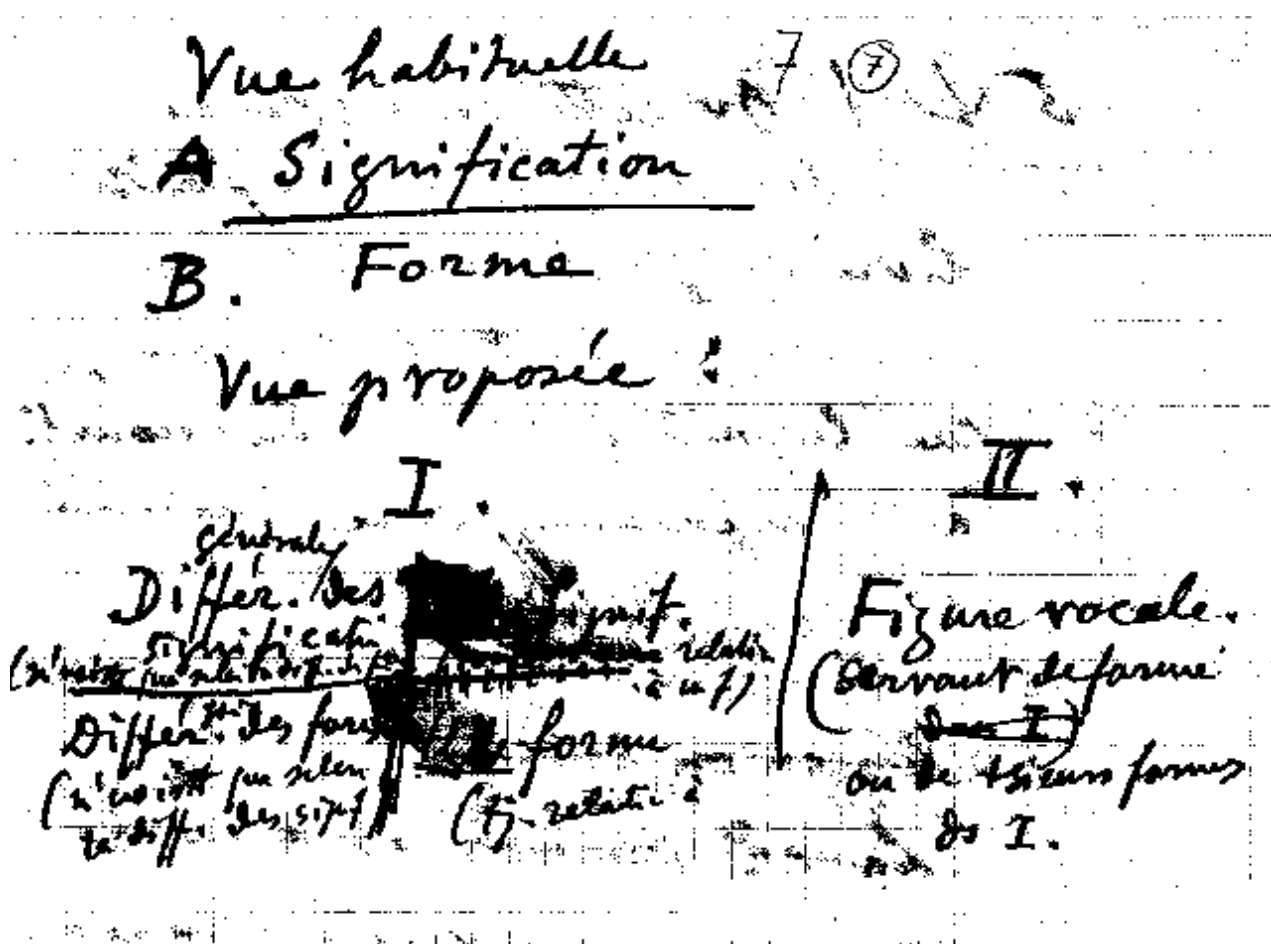
Notemos que Saussure inicia dizendo que se trata de uma ilusão, o que rasura, classificando apenas de mal-entendido as reflexões da sua época sobre essa célula básica da linguagem, a saber, a suposição que existem termos duplos: corpo (fonético) e espírito (ideia) ou forma e significação. Essa afirmação de Saussure, em 1891, antes ainda de Jakobson nascer, lembra o que o russo, que não leu o EDL, escreveu em 1944: o som para os contemporâneos de Saussure era de “carne e osso”.

Saussure aventura-se a defender, embora de forma claudicante, uma mudança nessa concepção. Há uma imprecisão na sua conceituação, que ele marca através da inserção e da rasura de dois termos que atenuam o que ele propõe (“d’abord” é inserido e “au fond”, rasurado). De modo geral, como ele mesmo indica, Saussure contesta os seus contemporâneos e levanta a possibilidade de a forma ser a mesma coisa que significação e de esse ser, que é o termo, passar de duplo a quádruplo. No entanto, ele pede que se vire a folha, ou seja, pretende explicar melhor a questão. Para isso, recorre a um esquema que se revela todo borrado pela tinta que escorre da

sua pena, embora o deslocamento teórico ao qual ele se propõe não fique totalmente ilegível a quem o segue nessa jornada.

Nunca é demais lembrar que, no manuscrito EDL, o termo “significante” é inexistente, enquanto no CLG sua presença é farta e, na grande maioria das vezes, designa um dos elementos dessa célula mínima do mecanismo da linguagem, que no CLG aparece como “signo”²⁹. Apesar da impossibilidade de ler um manuscrito de Saussure como se nunca se tivesse lido o CLG, é preciso atenção ao anacronismo.

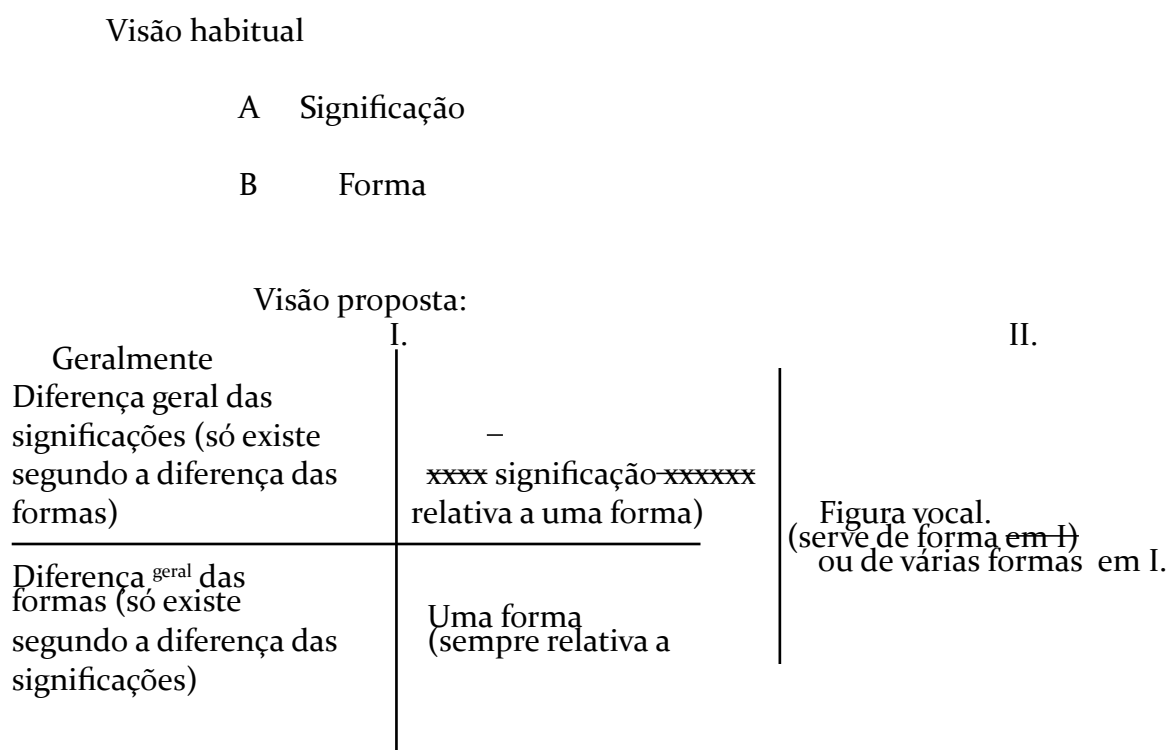
Figura 12 - Reprodução da folha 74 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372



Fonte: Saussure (1891a, p. 74)

29 Especialmente nos capítulos “O objeto da linguística”, capítulo III da Introdução, e “Natureza do signo linguístico”, capítulo I da parte III.

No fragmento do manuscrito a seguir, podemos acompanhar a aventura de Saussure em escrever essa fórmula mínima da linguagem e ver que o que se conhece hoje como “significante” era definido por ele, nesse momento, apenas como “forma”. Ele tenta a escrita dessa fórmula de várias maneiras:



Aqui a fórmula é escrita ocupando um grande espaço da folha, em letras grandes e inequívocas. Em um traço firme, Saussure indica o que chama de “visão habitual” e distingue A – a *significação* – de B – a *forma*. Os elementos estão separados por um traço. Em um espaço de tamanho semelhante, com letras bem menores e amontoadas, ele aponta a “visão proposta” em um diagrama que se propõe a explicar a sua proposta de fórmula. Nela, além das palavras “*forma*” e “*significação*”, aparecem as palavras “*diferença/relativa*” e “*várias*”, mostrando que há um funcionamento no qual a existência de uma *forma* e de uma *significação* são dependentes das suas diferenças relativas às várias outras formas e significações.

Percebe-se, na verdade, que Saussure pretende mais do

que sustentar que um elemento é a contraparte do outro no lado oposto da barra. Ele procura esclarecer o imbricamento entre vários elementos na horizontalidade. Assim, passa-se de dois a quatro (ou vários) elementos, porque a relação está para além da verticalidade da fórmula.

Saussure ainda observa que *a forma* ou *a significação* são sinais de uma concepção falsa de língua, porque tal compreensão poderia supor que haveria uma significação correspondente a uma forma; no entanto, há apenas “diferenças de formas e diferenças de significações”, como emenda o genebrino.

Está, assim, feita a crítica a uma noção de língua(gem) do seu tempo e iniciada a proposta de uma nova escrita do elemento mínimo do objeto de estudos da linguagem, bem como de seu funcionamento. É digno de nota que, nesse manuscrito, há um deslocamento na nomeação e, portanto, na definição dos elementos dessa fórmula.

É patente a irregularidade na denominação de um dos elementos dessa fórmula mínima da linguagem, como encontramos: *signo*, *signo vocal*, *som puro*, *figura vocal*, *forma*. Do outro lado da barra, há a *significação*, cuja nomenclatura se mantém. A palavra “*signo*”, por exemplo, começa a variar. Para assegurar o seu sentido, Saussure busca, frequentemente, acrescentar um qualificativo a ela.

Para isso, em um determinado momento da sua elaboração, no EDL, Saussure fala de “toda espécie de signo existente na linguagem” e vai enumerando os fatos de linguagem pelos quais esse termo pode responder. Ele inicia pelo som na língua, o “signo vocal”; menciona, também, a palavra, “signo completo”; o sufixo ou a raiz, “signo complementar” e, ainda, o “signo não vocal”, que “tem um valor [...] puramente não positivo e conseqüentemente, essencialmente NEGATIVO”.

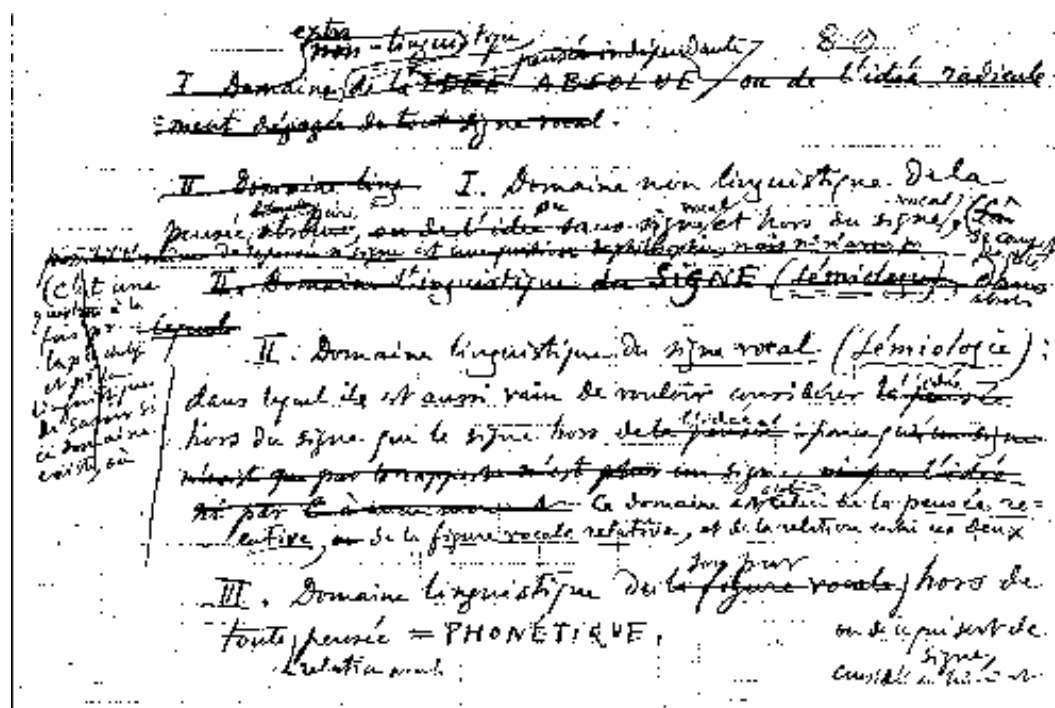
Contudo, evitamos aqui a expressão, comum nos estudos

saussurianos, “flutuação terminológica” porque, se não for devidamente contextualizada, ela pode nos conduzir a um atalho do percurso acidentado da elaboração de Saussure que configura a aventura que ora perseguimos.

As nossas pesquisas no campo saussuriano já nos permitiram sustentar que há um movimento na elaboração de Saussure, ou seja, deslocamentos teóricos. À medida que isso ocorre, a terminologia tende a se movimentar também. É o caso do termo “signo”: no EDL, o que ele designa varia muito, havendo sempre necessidade, como dissemos anteriormente, de um qualificativo para especificar o referente; no CLG, entretanto, o termo alcança uma certa estabilidade conceitual que difere profundamente do uso dado no EDL.

Acompanhemos a aventura de Saussure em um momento do seu manuscrito que se apresenta de difícil leitura em função da grande quantidade de rasuras, repetições, frases inacabadas e incisos. À primeira vista, parece um momento caótico da sua elaboração, mas, com certa insistência, percebemos a sua tentativa, ainda, de avançar na elaboração dessa célula mínima do objeto da linguística:

Figura 13 - Reprodução da folha 79 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372



Fonte: Saussure (1891a, p. 79)

I. ~~Domínio não-linguístico da ideia~~ ~~absoluta ou d ideia radicalmente separada de todo signo vocal.~~

H. ~~Domínio ling I. Domínio não linguístico do pensamento absoluto, o da ideia sem signo vocal e não do signo vocal, (A possibilidade mesmo do pensamento do signo ser uma questão de filosofia, mas nós não temos~~
(é uma questão às vezes por lapso xxx e pela linguística de saber-se esse domínio existe, onde

H. ~~Domínio linguístico do signo (semiologia): na o qual~~
absolut

II. Domínio linguístico do signo vocal (semiologia):
 no qual é vão querer considerar o pensamento
 fora do signo bem como o signo fora do pensamento: porque um signo
 não existe senão pela relação não é mais um signo nem a ideia
 nem por nenhum momento esse domínio é aquele do pensamento re-
lativo, ou da figura vocal relativa, e da relação entre os dois

III. Domínio Linguístico da figura vocal som puro relativamente pensamento = FONÉTICA.
ou disso que serve de signo considerado nele mesmo fora de

Saussure aventura-se a ir à contramão dos linguistas que buscam fugir da tarefa absurda de determinar qual é o “conjunto bizarro” composto por esses elementos distintos, que não podem ser tomados por si só. Ele percebeu anteriormente, na escrita desse mesmo manuscrito, que cada um desses elementos, além de precisar um do outro (na verticalidade da fórmula), também necessitava de outros da mesma natureza (na horizontalidade da fórmula) para se definir.

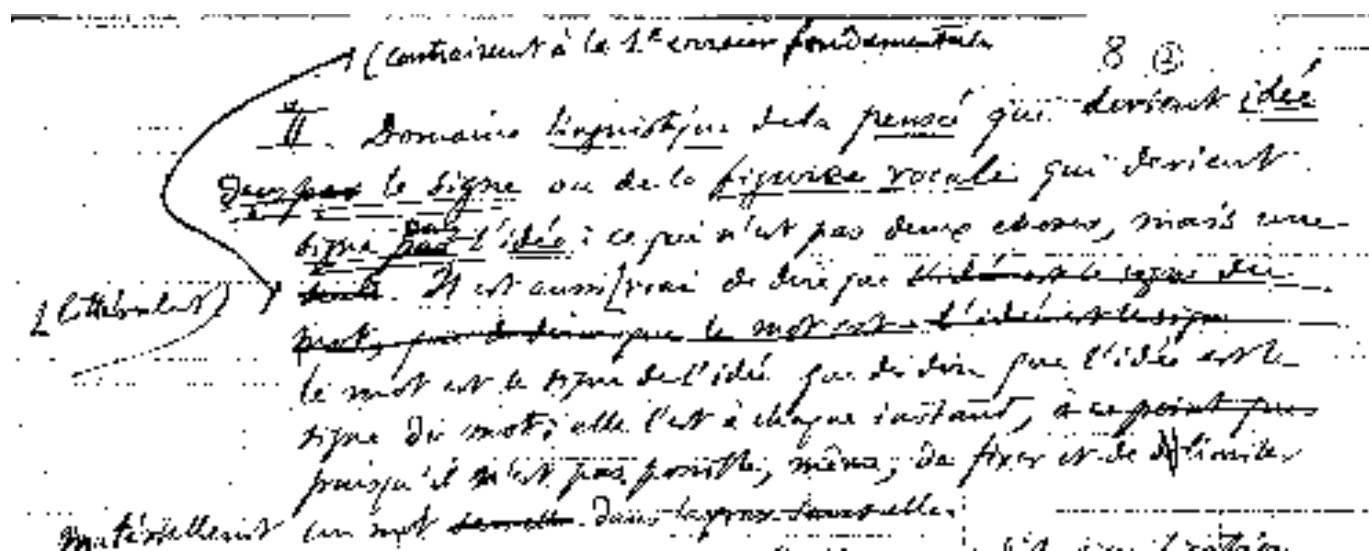
Dessa forma, Saussure tenta estabelecer qual o domínio de cada um desses elementos distintos, que, no entanto, não podem ser tomados isoladamente. Todavia, como vemos, ele não se contenta com nenhuma definição de figura vocal ou pensamento que não seja relativa, como sublinhado nas últimas linhas. Assim definidos, esses elementos seriam do domínio linguístico ou mesmo da semiologia, que aparece entre parênteses. Esse passo o levou a concluir que, no estado puro do som, o que ele cogitou em chamar de figura vocal, mas rasurou, esse estado fora do funcionamento relacional – e, portanto, desligado do pensamento – é do domínio da fonética.

Observemos que, nas rasuras das linhas iniciais desse fragmento do manuscrito, ele oscilou entre domínio linguístico e não linguístico

tanto para o som como para o pensamento fora da relação entre eles, mas preferiu a formulação que separa em linguístico (semiológico) e fonético, no caso do som puro.

Notemos como ele resolve a questão do outro elemento dessa fórmula, a ideia ou o pensamento, segundo a sua terminologia neste momento:

Figura 14 - Reprodução da folha 80 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372



Fonte: Saussure (1891a, p. 80)

II. Domínio linguístico do pensamento, que se torna ideia
 no pelo-signo, ou uma figura vocal que se torna
signo pela ^{na} ideia: o que não é duas coisas, mas uma,
 única. É também ^{literalmente} ^{contrariamente ao primeiro erro fundamental} verdadeiro dizer que a ideia é o signo da
 palavra, que dizer que a palavra é a ideia do signo
 a palavra é o signo da ideia e dizer que a ideia é o
 signo da palavra; ela o é a cada instante, a esse ponto que
 já que não é possível, nem mesmo fixar e delimitar
 materialmente uma palavra sem ela na frase sem ela

É muito interessante, nesse fragmento, a rasura de algumas preposições. O primeiro uso de “pela”, que significa “através de” é rasurado duas vezes. Ela é substituída, no inciso, por “no”, que significa “no interior de”. Esse movimento mostra que a necessidade de reformulação da teoria está indo além e também

indica o enfrentamento do que ainda não havia sido escrito, que não se resume à renovação da terminologia. O grão de areia das preposições é fundamental para determinar o tipo de relação entre esses elementos, mesmo antes de a terminologia ser renovada.

Neste sentido, no domínio linguístico, o pensamento se torna ideia, e a figura vocal se torna signo por meio da associação entre eles, que se qualifica não por uma relação de um através do outro, o que implicaria uma identidade anterior, mas por uma relação na qual um adquire a sua identidade NO outro: o pensamento se torna ideia no sign(ificante) e a figura vocal se torna sign(ificante) na ideia.³⁰

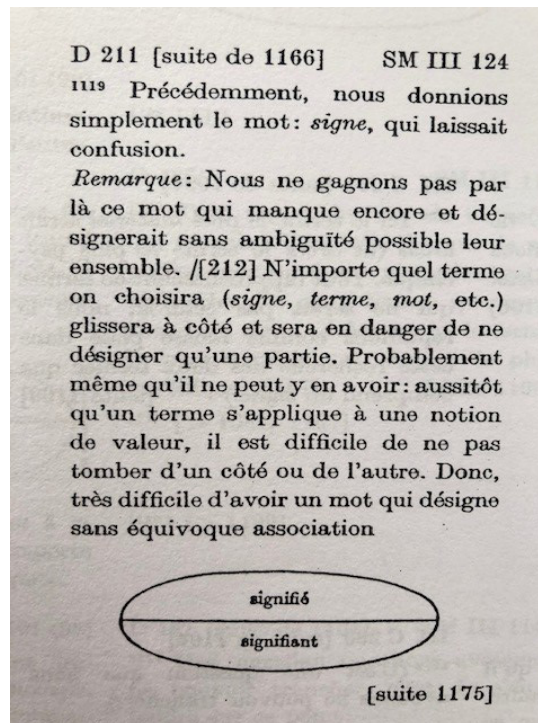
A aventura de Saussure encontra-se com os limites do linguista em geral e do linguista que ele é. No início do manuscrito, ele já adverte sobre a tarefa absurda, da qual não se pode escapar, de se ater ao conjunto formado por elementos heterogêneos e não ao funcionamento específico de cada um, porque, separados, eles perdem a função que o conjunto lhes dá – é nisso que o linguista precisa se fixar.

No caso do estabelecimento da nomenclatura dessa fórmula mínima do mecanismo da linguagem, há unanimidade. A partir de 1950, os cadernos de outros alunos que estiveram presentes nos três cursos que Saussure ministrou entre 1907 e 1911 começaram a chegar à Biblioteca Universitária de Genebra, e as edições críticas do CLG tiveram início. A primeira foi de Robert Godel, a segunda de Tullio De Mauro e a terceira de Rudolf Engler. Diferentes entre si, mas com o mesmo objetivo, trazem informações distintas, mas raramente conflitantes. Godel, De Mauro e Engler situam a aula de 19 de maio de 1911 como aquela na qual a nomenclatura consagrada no CLG é enunciada por Saussure. As notas dos seus alunos Dégallier

30 Sabendo que o leitor deste trabalho é conhecedor da noção moderna de signo e significante, trouxemos, aqui, o termo “signo”, do EDL, na acepção mais próxima do que hoje conhecemos por significante. Por isso, o grafamos sign(ificante).

e Constantin, presentes na aula, confirmam:

Figura 15 - Reprodução da página 151 do tomo 1 do *Cours de linguistique générale*:
édition critique par Rudolf Engler



Fonte: Saussure (1989b)

A decisão de Bally e Sechehaye foi consagrada no CLG. Para quem acompanhou a elaboração de Saussure no EDL e também teve a oportunidade de ver o manuscrito *Notes "Item"*, ela é muito clara e concisa:

A ambiguidade desapareceria se designássemos as três noções aqui presentes por nomes que se relacionem entre si, ao mesmo tempo que se opõem. Propomo-nos a conservar o termo *signo* para designar o total, e a substituir *conceito* e *imagem acústica* respectivamente por *significado* e *significante*; estes dois termos têm a vantagem de assinalar a oposição, que os separa, quer entre si, quer do total de que fazem parte. Quanto a *signo*, se nos contentamos com ele, é porque não sabemos por que substituí-lo, visto não nos sugerir a língua usual nenhum outro (SAUSSURE, 1973 [1916], p. 81, grifos do autor).

Refletindo sobre as colocações de Saussure no EDL, notamos

que ele foi conseqüente com a necessidade de reformular a terminologia. No entanto, mesmo mais de uma década depois, ele sente os efeitos da ausência de um nome para aquilo que ainda não era visto por nenhum linguista. Esse encontro com o que ainda não teria sido nomeado é o que nós associamos a Daimon, a potência que se manifesta somente na contradição, que se compraz com o impossível, como afirma Agamben. Porém, se, no manuscrito, as rasuras, incisos, frases inacabadas e reescritas indicam que Saussure estava diante de uma nomeação de enorme dificuldade, no CLG, trata-se apenas de ambigüidade. Apesar disso, no próprio CLG, não é incomum verificar momentos nos quais essa terminologia é utilizada de maneira diferente, já que a edição compila dados de três cursos diferentes ministrados ao longo de quatro anos, entre 1907 e 1911.

É também notável o recurso de Saussure às metáforas nessa elaboração. No início do manuscrito EDL, Saussure recorre à metáfora da barra de ouro e do cavalo para pensar a fórmula mínima do mecanismo da língua, enquanto em *Notes "Item"*, ele recorre à metáfora do balão e, no CLG, à metáfora da folha de papel:

A língua é também comparável a uma folha de papel: o pensamento é o anverso e o som o verso; não se pode cortar um sem cortar, ao mesmo tempo, o outro; assim tampouco, na língua, se poderia isolar o som do pensamento, ou o pensamento do som; só se chegaria a isso por uma abstração cujo resultado seria fazer Psicologia pura ou Fonologia pura (SAUSSURE, 1973 [1916], p. 131).

São três momentos diferentes de sua elaboração sobre o mesmo tema, nos quais a dificuldade em explicar o tipo de relação entre esses dois elementos o levou a utilizar-se das metáforas³¹.

³¹ Mais especificamente sobre a questão da metáfora na linguística saussuriana ou na ciência em geral, ver Normand (2009) e Klippi (2010), respectivamente.

É importante assinalar que são três momentos diferentes da elaboração de Saussure. No entanto, a questão sempre é a combinação de dois elementos distintos entre si que, ao se associarem nessa célula, se alteram e formam outro elemento. Tal complexidade engendra domínios diferentes para cada um desses elementos. Após a associação, como se vê no CLG, eles são da linguística; fora da associação, um é da psicologia pura e outro da fonologia pura. No EDL, esses domínios passavam pela semiologia e pela fonética.

É preciso também observar que Saussure, quando está às voltas com a elaboração sobre o signo, no EDL, é bastante atento à questão das relações entre os elementos componentes dessa célula mínima, assim como dela própria. Em uma formulação sua do CLG, ele é bastante enfático: “O que haja de ideia ou de matéria fônica num signo importa menos que o que existe ao redor dele nos outros signos” (SAUSSURE, 1973 [1916], p. 139). Além disso, a elaboração de Saussure sobre o signo linguístico implica a constituição de outra questão teórica: a combinação dos elementos de duas ordens produz uma forma, não uma substância.

Notadamente, a trajetória de Saussure até essa conclusão é longa e acidentada, mas é enquanto Saussure escreve que a sua aventura de linguista é realizada. Acompanhando um pouco mais o EDL, veremos os destinos dessa aventura. Portanto, em seguida, nos voltaremos para essa questão da forma e da substância no manuscrito *De l'essence double du langage* para surpreender Saussure em tal elaboração.

CAPÍTULO 3 - FORMA E SUBSTÂNCIA

Nunca nos comparamos o bastante dessa verdade [a língua é uma forma, e não uma substância], pois todos os erros de nossa terminologia, todas as maneiras incorretas de

designar as coisas da língua provêm da suposição involuntária de que haveria substância no fenômeno linguístico. (Saussure)

A forma e a substância podem ser entendidas como elementos constitutivos de uma infinidade de objetos, sejam eles considerados na sua empiria ou não. A discussão sobre esse par remonta à Grécia Antiga. Assim, é comum que, mesmo nas ciências, forma e substância tenham sido alçadas, de maneira direta ou oblíqua, a responder pela complexidade do seu objeto. Não foi diferente no caso da língua(gem).

De qualquer modo, definir o lugar que cada uma delas tem na constituição de determinado objeto é desafiador para os cientistas e inspirador para os poetas, como se pode depreender da epígrafe deste capítulo. Os linguistas, que não raro oscilam entre a ciência e a poesia, se veem às voltas com esse desafio de maneira decisiva desde que, no século XX, ficou conhecido o aforismo saussuriano “a língua é forma e não substância”, presente no CLG. No entanto, mesmo antes dele, esse desafio se colocava àqueles que foram capturados pela língua(gem) enquanto um enigma³².

Na recepção da produção saussuriana, o par teórico forma e substância foi prontamente reconhecido na sua importância para todo o aparato epistemológico elaborado por Saussure. As discussões que daí se seguiram foram tanto caudalosas quanto rigorosas. O depoimento de Frei assim o atesta:

Effectivement, après plus de trente années d'exégèse saussurienne, cette idée [a língua é forma e não substância] n'est pas encore un fait acquis. A l'exception de M. Hjelmslev et de l'école de Copenhague,

32 Ver Rousseau um genebrino que, no século XVIII, no clássico Ensaio sobre a origem das línguas, ao se colocar tal questão (que dá título ao célebre livro), acaba por levantar diversas hipóteses sobre a natureza mesma da língua, passando pela sua forma e também por uma substância, sem, no entanto, chegar a uma teoria da língua na qual esses dois elementos fossem entendidos no funcionamento específico da linguagem.

la plupart, quand ils s'expriment, ou bien la rejettent expressément ou bien ne l'acceptent qu'avec des réserves. Il s'est même trouvé quelqu'un qui, la confondant avec un tout autre problème, celui des identités et des différences, n'a pas encore découvert qu'il existe une telle hypothèse (FREI, 1950, p. 12-13).

O linguista, conterrâneo de Saussure, acompanhou de perto as querelas das primeiras recepções da fundação da linguística, e nos dá a medida da complexidade da discussão sobre a forma e a substância, bem como da sua extensão teórica. Nós seguimos Saussure nessa aventura pelo manuscrito, buscando os traços da sua elaboração sobre as noções de forma e substância, cuja discussão já está indicada no próprio título do documento.

A partir do tradicional dicionário filosófico de Ferrater Mora (1958) sabemos da proximidade entre essência e substância. Aristotélicos, estoicos e cartesianos se ocuparam da noção. Saussure nem sempre se referiu à tradição filosófica, mas tampouco foi imune a ela, como comprovam o EDL e o CLG. A relação entre essência e substância é conhecida na filosofia: Espinosa (*apud* FERRATER MORA, 1958, p. 1291, grifo nosso) afirma que o atributo é “aquilo que o entendimento conhece da **substância como constituinte da sua essência**”, sendo o atributo aquilo que se afirma ou nega de um sujeito. A discussão sobre esse tema, na filosofia, é extensa, e não a abordaremos neste trabalho. Interessa-nos somente perceber que, apesar de não se referenciar a nenhum autor, Saussure parece estar ciente dessa relação entre atributo e substância, já que faz menção explícita ao atributo quando afirma que “o sentido da palavra se torna um atributo” (SAUSSURE, 2004, p. 76) ou quando trata do objeto dos estudos da linguagem:

[...]será errado admitir que esse estado de língua oferece o segundo objeto central, as próprias ideias; ou então as formas; ou os sons

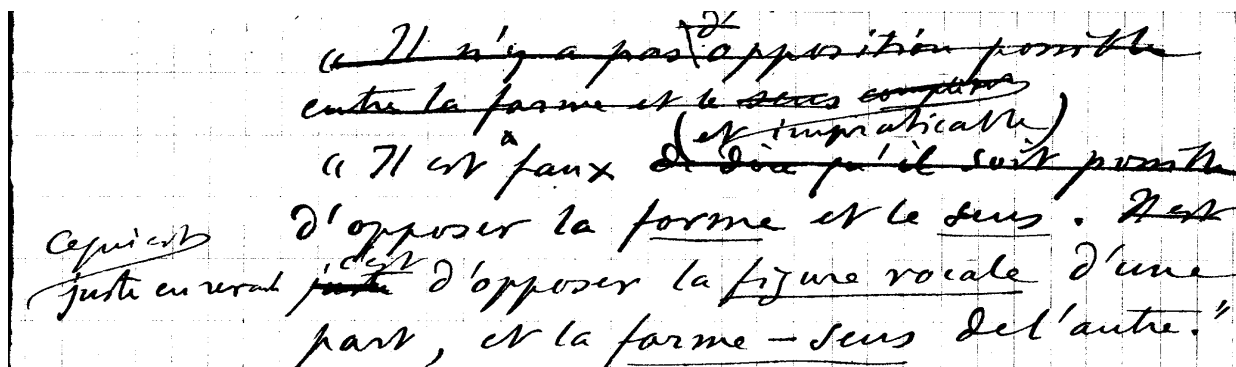
de que se compõem as formas; (objeto necessariamente complexo, deixando de lado seus outros atributos) (SAUSSURE, 2004, p. 79).

As menções à substância e, mais especificamente, à substância linguística são inúmeras. Considerando a possibilidade que a substância, enquanto atributo, constitua a essência, parece-nos que o título desse documento – definido por Engler, catalogador desse conjunto de manuscritos – já aborda pelo menos um dos elementos da discussão sobre forma e substância. A questão é saber como Saussure desenvolve esse tema, que chegará ao linguista do século XX apenas como “a língua é forma, não substância”.

Saussure trata da questão da substância especialmente em relação ao som, o que não surpreende, pois, no final do século XIX, os estudos da linguagem tinham predileção por esse aspecto da linguagem. A discussão sobre as leis fonéticas dominava o cenário das pesquisas mais respeitadas daquele momento. Saussure acompanhava esse movimento, chamado de neogramático, com atenção, e se, por um lado, ele parecia dar respostas melhores que a gramática comparada, por outro, ainda não era isso que Saussure esperava dos estudos da linguagem, como já destacamos no capítulo anterior.

Entretanto, é o outro elemento que compõe essa parêntese, a forma, que vai aparecer, explicitamente, como questão teórica no início da aventura teórica de Saussure nesse manuscrito. Além disso, ele é retomado inúmeras vezes durante o documento. Observe-se a primeira ocorrência do termo:

Figura 16 - Reprodução da folha 06 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372



Fonte: Saussure (1891a, p. 6)

“Não há oposição possível
entre a forma e o sentido

“É falso ^(e impraticável) de dizer que seja possível
opor a forma e o sensido. Não é
justo ^{O que é justo ao contrário} é opor a figura vocal de uma
parte, e a forma-sensido de outra.”

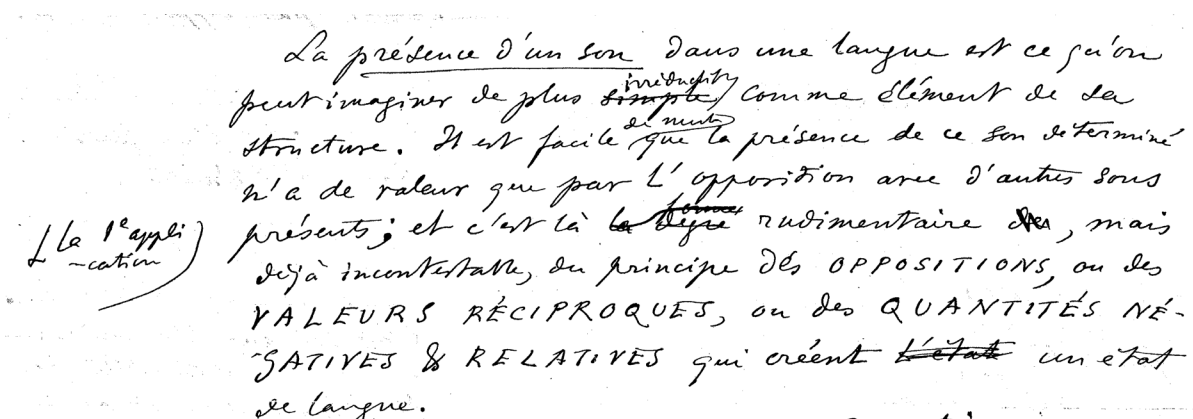
Já na primeira folha do manuscrito o termo aparece logo depois de Saussure afirmar que, na linguística, há cinco ou seis realidades fundamentais que são interligadas. Embora ele apresente o sentido, a forma e a figura vocal como “realidades linguísticas”, é preciso sublinhar que ele dá um passo considerável quando destaca a “figura vocal” do conjunto dessas “realidades linguísticas”. Para ele, como se vê nesse fragmento, forma e sentido estabelecem uma relação, mas não uma relação de oposição. Na verdade, esse par se opõe à figura vocal. Em outro momento, no mesmo manuscrito, ele diz que a figura vocal é apenas uma sucessão de ondas sonoras. Neste sentido, o som não é o mesmo que a forma. Ele afirma, ainda, que, do ponto de vista fonético, na sua época, a figura vocal é separada da ideia e da função, de *sign(ificante)*, que se relaciona com o sentido.

A questão da forma e da substância não cessa de aparecer nesse manuscrito, evidenciando certa relação do genebrino com

essa elaboração. Mais especificamente, nos perguntamos: a quem ele paga tributo ao sustentar essa questão ao ponto de engendrar uma formulação teórica? É por esse viés que acompanharemos a sua aventura escrita.

As definições de figura vocal, forma e sentido ainda não estão suficientemente resolvidas; a relação entre eles, muito menos. Saussure então retorna ao ponto de partida, mas não da mesma maneira. Agora, há uma preocupação que acompanha esse questionamento sobre a natureza do som: trata-se da constatação de que eles são sensíveis às relações com outros sons. Observe-se:

Figura 17 - Reprodução da folha 29 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372



Fonte: Saussure (1891a, p. 29)

A presença de um som, numa língua, é o que se pode imaginar de mais ^{irreductível} ~~simple~~ ^{simples} como elemento da estrutura. É fácil ^{mostrar} que a presença desse som determinado só tem valor por oposição com outros sons presentes; e é essa ^{forme} ~~agrat~~ ^{agrat} rudimentar ~~xxx~~, mas já incontestável, do princípio das OPOSIÇÕES, ou dos VALORES RECÍPROCOS, ou das QUANTIDADES NEGATIVAS & RELATIVAS que criam ~~o estado~~ um estado de língua.

Ao tentar caracterizar o som, Saussure é bastante incisivo, a ponto de pensar em usar os adjetivos “simples” e “irreduzível” para definir o que ele chama de “elemento” da “estrutura”, que responde pela presença dos sons. Porém, ele os rasura, afirmando, em seguida, que é “rudimentar” e “incontestável” a aplicação do princípio de oposição que determina a “presença” dos sons em uma língua.

Ou seja, nessa “estrutura”, outras categorias, para além do som enquanto substância, precisam ser consideradas. Saussure, então, chama para a discussão a noção de oposição como princípio a partir de valores recíprocos e quantidades negativas e relativas.

É preciso admitir, inicialmente, que a repetição dos adjetivos nesse pequeno trecho causa uma estranheza. Outro fato são os termos em caixa alta usados por Saussure, que não são correntes na teoria linguística do século XIX, pelo menos não o suficiente para justificar o peso dos adjetivos (“irreduzível”, “rudimentar”, “simples”, “incontestável”) que ele emprega nesse fragmento. Essa escrita parece estar mais a serviço de uma argumentação que ele considera difícil – justamente por isso os adjetivos são tão fortes, a ponto de desqualificar o interlocutor que discorde.

Nessas condições, ele apresenta a conclusão, agora com dois advérbios, um deles rasurado:

Figura 18 - Reprodução da folha 8 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372

D'OPPOSITION, déjà parfaitement clair dans son essence
purement relative

Fonte: Saussure (1891a, p. 8)

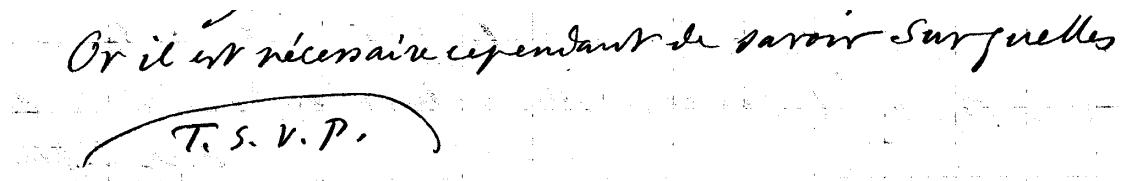
de OPOSIÇÃO, já perfeitamente clara na sua essência puramente relativa

Lacan (2007, p. 18) dizia que “há mentira indicada em todo advérbio”. O psicanalista francês refere-se àqueles que terminam em *-mente*. Não se trata, aqui, de detectar mentiras, mas sim de uma verdade em falta. Observemos que, especificamente nesse fragmento do manuscrito, o termo “essência” aparece acompanhado de “relativa”. Assim, supõe pelo menos dois elementos. Talvez por isso o título do documento seja *De l'essence double du langage* – essência dupla da linguagem. Tanta assertividade nesse trecho deixa a impressão que falta a Saussure uma terminologia adequada ao que pretende dizer, em consonância com a carta à Meillet na qual ele deplorava a terminologia linguística da época e falava da necessidade de reformulá-la.

A carta e esse manuscrito são contemporâneos: a primeira é de 1894 e o segundo é iniciado em 1891. Poderíamos dizer que Saussure paga seu tributo a uma necessidade incontornável da área, que ele toma para si, de definir sua terminologia. Lispector (2017, p. 25) dizia: “É o que escrevo é uma névoa úmida. As palavras são sons transfundidos de sombras que se entrecruzam desiguais”. Saussure parece experimentar essa sensação e busca dar peso as suas afirmações, que são ambiciosas. É verdade. No entanto, suspeitamos que ele ultrapassa a necessidade.

Ressaltemos que, num determinado momento, capital, desse manuscrito, Saussure atenta para a delimitação das unidades na linguagem e finaliza a folha com uma frase inacabada e uma indicação para virar a página: “Ora é necessário entretanto saber sobre quais vire a folha por favor”

Figura 19 - Reprodução da folha 08 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372



Or il est nécessaire cependant de savoir sur quelles
T. S. V. P.

Fonte: Saussure (1891a, p. 8)

Isso acontece no EDL, na folha 31/310 do Archive 372. Na sequência, encontramos a folha que reproduzimos a seguir. Contudo, no ELG, a edição publicada desse conjunto de manuscritos por Bouquet e Engler, a sequência é outra. Parece que aí o que está em questão são dois tipos de ordenação: uma, na publicação, por itens – (3d), (3e) e (3f) – e, outra, na 372, por coerência da argumentação.

O que percebemos é que, após o questionamento sobre as unidades, Saussure dá uma indicação sobre como resolver a questão. Porém, o catalogador do manuscrito não encontrou tão prontamente a sequência explicativa. Dessa maneira, a sequência daquela folha poderia ser mais de uma, o que também permite que ainda seja outra folha, talvez perdida. O fato é que temos em mãos a escolha de Engler no Archive 372. Ele encadeia essa questão com uma reflexão de Saussure sobre a forma e o sentido. Ao percorrermos essa folha, verificamos, entre as muitas rasuras, uma pergunta direta de Saussure, totalmente interligada com a questão da unidade, justificando, assim, a opção de Engler. Acompanhemos:

Figura 20 - Reprodução da folha 32 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372

3 f

— N^s n'établissons aucune différence ^{sérieuse} entre les termes valeur, sens, signification, fonction ou emploi d'une d'une forme, ni même avec l'idée ^{comme} contenue dans une d'une forme; ces termes sont synonymes. Il faut reconnaître toutefois que valeur exprime mieux que les autres l'état ~~mot~~ les conditions ~~grâce~~ mot l'essence du fait, qui est ^{la} ~~l'essence~~ l'essence de la langue, à savoir que une forme ne signifie pas ~~quelque~~, mais vaut: ~~elle n'est pas ce fait~~ là est le point cardinal. Elle vaut, par conséquent elle implique ~~l'existence~~ l'existence d'autres valeurs; elle n'est ~~pas~~ elle-même, mais ~~elle n'est~~ ~~pas~~ elle-même, ~~ce qui~~ ~~la~~ ~~même~~ ~~effet~~ ~~est~~ ~~pas~~ ~~separée~~ ~~de~~ ~~ce~~ ~~qui~~ ~~est~~ ~~en~~ ~~en~~ ~~effet~~ ~~de~~ ~~la~~ ~~part~~ ~~des~~ ~~choses~~ ~~que~~ ~~vous~~ ~~voilà~~ ~~l'essentiel~~ ~~à~~ ~~comprendre~~ ~~pour~~ ~~quoi~~ ~~n'est~~ ~~elle~~ ~~pas~~ ~~par~~ ~~elle~~ ~~même~~?

le point que nous ne cessons d'affirmer; et en second lieu si elle vaut au lieu de signifier, c'est qu'il n'est pas permis de détacher la signification.

Quel est ce système de valeurs, au vrai?

Or pour déterminer ces autres valeurs, il est indifférent. Or du moment qu'on parle des valeurs en général, au lieu de parler de la valeur d'une forme, ~~on s'aperçoit~~ ~~qu'elle~~ (laquelle dépend ^{des} de ces valeurs générales), on voit que c'est la même chose de se placer dans le monde des signes ou dans celui des significations, qu'il n'y a pas la moindre limite définissable entre ce qui ~~est~~ ~~une~~ ~~forme~~ ~~vaut~~ ~~par~~ ~~les~~ ~~formes~~ ~~vaut~~ ~~en~~ ~~virtu~~ ~~de~~ ~~leur~~ ~~différence~~ ~~reciproque~~ ~~et~~ ~~matérielle~~, ou de ce qu'elles vaut en vertu du sens que nous attribuons à ces différences. C'est une dispute de mots.

Fonte: Saussure (1891a, p. 32)

Não estabelecemos nenhuma diferença ^{séria} entre os termos valor, sentido, significação, função ou emprego de uma forma, nem mesmo com a ideia ^{como} conteúdo em uma de uma forma, estes termos são ^{xxx} sinônimos. É preciso reconhecer contudo que valor exprime melhor que qualquer outro termo

~~o estado palavra as condições graças palavra a essência do~~
 fato, que é ^{xxx} geralmente também a essência da língua, a saber
 que uma forma não significa algo, mas vale: ~~que ela~~
~~não é isso que é a é ponto cardeal. Ela vale,~~
 por consequência ela implica ~~diretamente~~ a existência de outros
valores; ~~ela não é por ela mesma, —~~
~~mas~~ ^{io. ponto que nós} ~~então é~~ ^{io.} ~~qu ela não é por ela mesma, e que~~
~~é em efeito não é separável~~ isso que é em efeito
 uma das coisas que nós principalmente radicalmente.
 Por que não é por ela mesma?
~~não cessaremos de afirmar; e em segundo lugar se ela vale em~~
~~lugar de significar, é que ela não é permitida de separar~~
~~a significação~~
~~que ela é sistema de valores ao xx~~
 Ora para determinar os outros valores, é indiferente
 Ora do momento em que se fala de valores em geral, em
 lugar de falar ^{por ventura} de o valor de uma forma, ~~percebemos~~
~~que~~ (o qual depende ^{absolutamente} de valores gerais), vemos
 que é a mesma coisa de se colocar no mundo
 dos signos ou naquele das significações, que não há
 o menor limite definível entre ~~isso que a forma vale~~
 que as formas valem em virtude de sua diferença recíproca
^{e material,} ou disso que elas valem em virtude do sentido que nós associamos
 a essas diferenças. É uma disputa de palavras. -

Essa folha chama a atenção. Sua finalização é contundente, escrita no último espaço da folha, com letras menores e apertadas para caber o ponto final, tantas vezes ausente no seu manuscrito: “É uma disputa de palavras”. Embora não reste dúvida da assertividade do linguista, a expressão³³, em português, causa estranheza. Voltaremos a ela.

Retornemos à ordem dada pelo catalogador no arquivo 372.

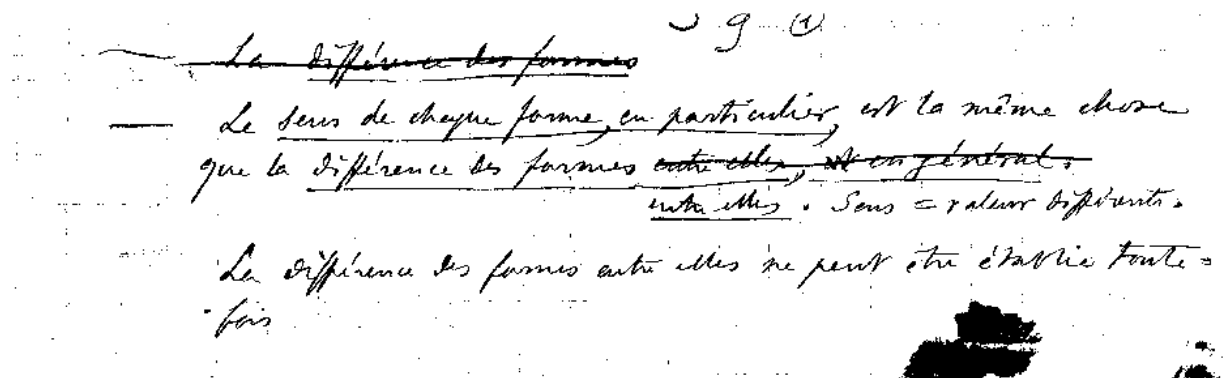
33 Essa última frase parece ser uma expressão antiga de língua francesa; no dicionário Littré há uma referência a ela atribuída à escritora Germaine de Staël (1766-1817): “*Les disputes de mots sont toujours des disputes de choses ; car tous les gens de bonne foi conviendront qu'ils ne tiennent à tel ou tel mot que par préférence pour telle ou telle idée.*”

A partir dela, o questionamento sobre a unidade de um termo na linguagem é encadeado com a discussão colocada sobre a forma. Sabemos que esta já havia sido tratada por Saussure, considerando que ela não contém a sua significação. Tal percurso de elaboração acaba por dar aos elementos teóricos a seguinte configuração: unidade forma vazia. Essa possibilidade de conceber a unidade gera perplexidade no próprio Saussure, o que motiva uma série de rasuras, evidenciando um momento de suspensão do saber constituído sobre a linguagem, não só no século XIX, mas especialmente para o próprio linguista, dando espaço a uma nova elaboração.

A asserção “ela não é”, referindo-se à forma, é escrita e rasurada cinco vezes. É entre essas rasuras que surge a grande pergunta que ainda não havia sido feita nos estudos da linguagem da época: “Por que ela não é por ela mesma?”. É importante ver, nesse ponto da sua elaboração, que “a essência de um fato”, “a essência de uma língua”, é o seu valor e não a sua substância.

Após esse embaraço, na folha 36 do manuscrito, Saussure se ocupa de estabelecer do que se trata quando se fala da diferença das formas:

Figura 21 - Reprodução da folha 36 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372



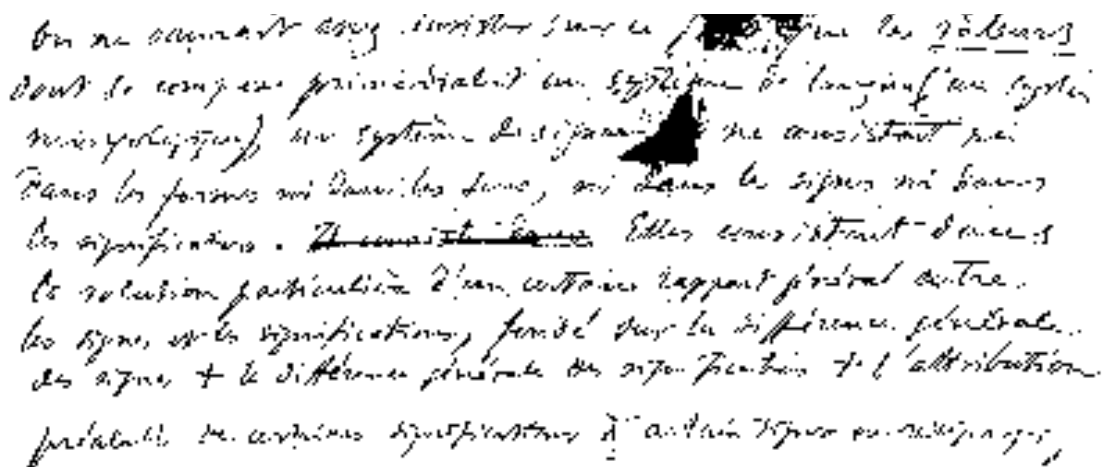
Fonte: Saussure (1891a, p. 36)

- A diferença das formas
- O sentido de cada forma, em particular, é a mesma coisa que a diferença das formas entre elas, e em geral,
entre elas. Sentido = valor diferente.

A diferença das formas entre elas não pode ser estabelecida entretanto

Entre muitos traços de rasuras e de sublinhados, ele equipara, inicialmente, sentido e forma e, depois, sentido e valor, interrompendo a reflexão com uma frase inacabada. Após esse fragmento, surge um risco que corta toda a folha e, então, segue-se o texto abaixo, quase sem rasuras, embora com manchas do seu tinteiro:

Figura 22 - Reprodução da folha 36 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372



On ne saurait dire, en effet, que le langage est un système
de signes, ou un système de significations, ou un système de
formes, ou un système de valeurs. Elles consistent dans
la solution particulière d'un certain rapport global entre
les signes et les significations, fondé sur la différence générale
des signes + la différence générale des significations + l'attribution
partielle de certaines significations à certains signes ou réciproquement.

Fonte: Saussure (1891a, p. 36)

Não seria demais insistir sobre esse fato que os valores dos quais se compõe primordialmente um sistema de língua (um sistema morfológico) um sistema de sinais que não consiste nem nas formas nem nos sentidos, nem nos signos nem nas significações. ~~Ele consiste na~~ Elas consistem na solução particular de uma certa relação entre os signos e as significações, fundado sobre a diferença geral dos signos + a diferença geral das significações + a atribuição anterior de certas significações a certos signos ou reciprocamente.

Percebe-se, de modo evidente, que ele retoma as questões anteriores e as desenvolve, agora, em torno de um elemento teórico que parece ter a potência articulatória que ele necessitava: sistema (de língua, morfológico, de sinais). Ele ainda não sabe muito bem definir esse sistema, mas a observação relevante que ele faz nesse momento é que o sistema articula as diferenças, as quais ele percebeu não conseguir definir *per se*. Esse sistema engendra valores, cuja definição também lhe escapa. Vejamos:

Figura 23 - Reprodução da folha 36 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372

Il y a donc d'abord des Valeurs morphologiques; ~~secundairement~~
qui ne sont pas des idées et pas davantage des formes.
Secundairement

Fonte: Saussure (1891a, p. 36)

Há portanto de início valores morfológicos: secundariamente que não são ideias e também não são formas.

Secundariamente

Valores, portanto, não são *ideias* – isso que conhecemos atualmente por significado – nem *formas* – o que conhecemos atualmente por significante. Dessa forma, ele volta a sua tentativa de definir forma:

Figura 24 - Reprodução da folha 36 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372

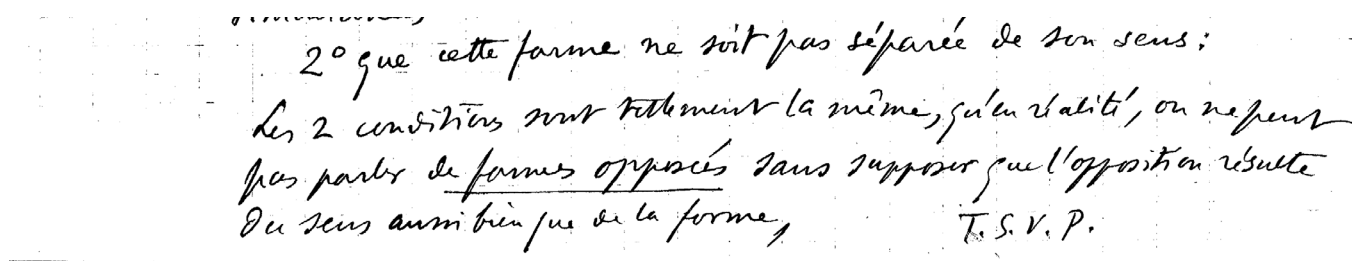
Pour qu'une FORME soit, comme forme, et non comme
figure vocale, il y a 2 conditions, ~~qui se trouvent en dernière~~
Constantes, quoique ces 2 conditions se trouvent en dernière
analyse n'en former qu'une seule; ...

Fonte: Saussure (1891a, p. 36)

Para que uma forma seja, como forma, e não como figura vocal, há 2 condições, ~~que se encontram em última~~ constantes, apesar das 2 condições se encontram em última análise formam apenas uma

Aqui, ele insiste na diferenciação entre forma e figura vocal. Retornamos, assim, à questão do som, que o impede de dar a concepção adequada à forma. Então, ele propõe duas condições constantes para tanto, esclarecendo-as da seguinte maneira: a primeira condição toca a horizontalidade das relações no signo, ou seja, a forma não deve ser separada da sua oposição com outras formas simultâneas; já na segunda condição, ele toca a verticalidade das relações no signo e caminha um pouco além:

Figura 25 - Reprodução da folha 36 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372



Fonte: Saussure (1891a, p. 36)

2. que essa forma não seja separada de seu sentido:

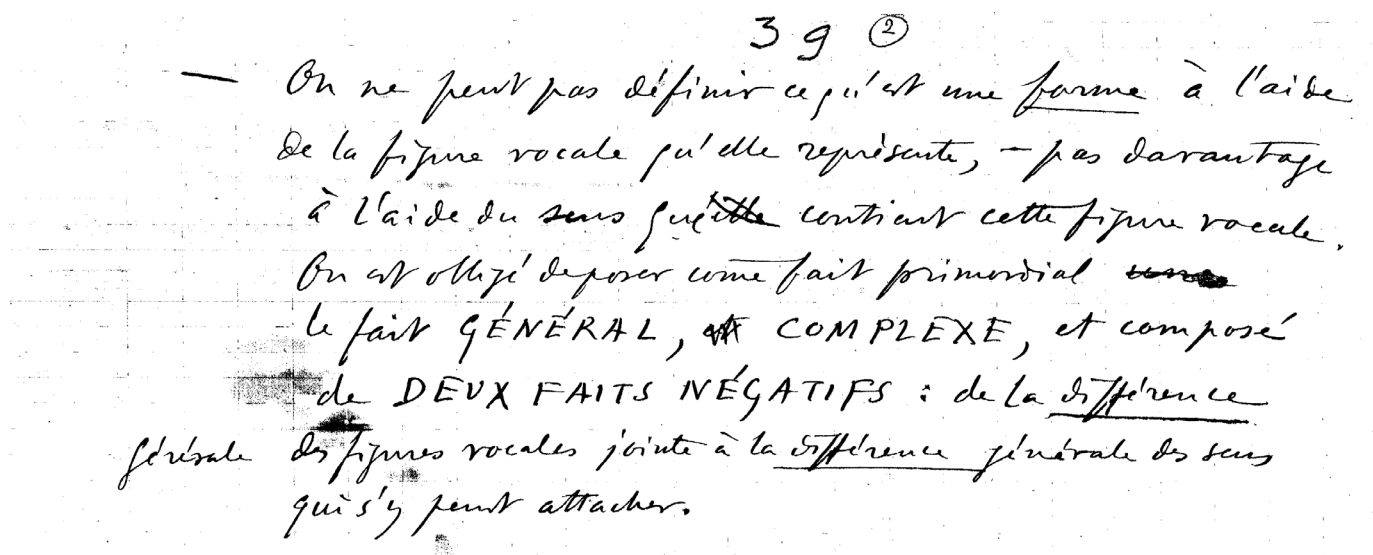
As 2 condições são realmente as mesmas, que em realidade, não se pode falar de formas opostas sem supor que a oposição resulte do sentido assim como da forma,

Vire a página por favor

Na verticalidade, todavia, não há forma sem sentido. O termo bastante específico e atualmente conhecido da elaboração saussuriana vai, nesse manuscrito, auxiliá-lo a estabelecer como se pode definir cada elemento (forma ou sentido) em relação ao outro:

pela oposição. Tal percurso o induz a ser mais categórico:

Figura 26 - Reprodução da folha 37 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372



Fonte: Saussure (1891a, p. 37)

Não se pode definir o que é uma forma com a ajuda da figura vocal que ela representa, - e também não com a ajuda do sentido que ela contém essa figura vocal. Fica-se obrigado a colocar como fato primordial uma o fato GERAL, e COMPLEXO, e composto de DOIS FATOS NEGATIVOS: da diferença ^{geral} das figuras vocais associadas à diferença geral dos sentidos que se pode atribuir a elas.

Nesse fragmento, ele assegura que não é possível definir forma com a ajuda da figura vocal ou do sentido que ela possa conter. Ele sugere, então, que se considere um fato geral e complexo, composto de dois fatos negativos, termo de que ainda não tinha lançado mão. Esses fatos negativos são (i) a diferença geral das figuras vocais associadas à (ii) diferença geral dos sentidos. Tal proposta assinala uma direção na aventura traçada por Saussure, nesse manuscrito, que ultrapassa a reformulação da terminologia e, inclusive, se dirige a algo ainda desconhecido para ele, cuja formulação os linguistas do

século XIX não conheciam enquanto tal.

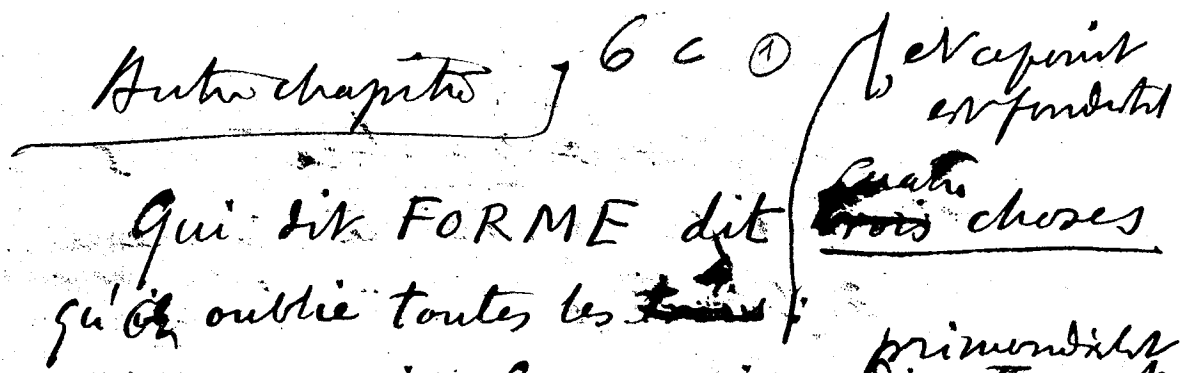
É a isso que nos referíamos quando anunciávamos que, nesse ponto da sua aventura, Saussure pagava seu tributo à Ananche (a Necessidade), mas talvez fosse além. Esse caminho o levou a muito mais do que “redefinir a nomenclatura”: ele acabou propondo uma maneira de entender o funcionamento da língua. Retornamos, assim, a Agamben, ao afirmar que “Eros é a potência que, na aventura, constitutivamente, a excede, assim como excede e passa por cima daquele a quem ela advém” (AGAMBEN, 2018, p. 63).

A noção de sistema com todo o seu corolário teórico – valor, oposição, diferença, negatividade – chega a Saussure na condição de poder enlaçar as questões sobre a língua que ele buscava responder, a saber, esses dois elementos heterogêneos a cujo ponto de junção o linguista deveria se ater e que forma a unidade mínima da linguagem. Ou seja, embora, nesses fragmentos trazidos por nós, Saussure insista em caracterizar a forma e a substância, ou a essência da linguagem, ele acabou por se perguntar: como dizer da identidade dessa unidade com a terminologia corrente?

Ele efetivamente reformulou essa terminologia, de algumas maneiras, mas precisou de mais do que isso. A noção de sistema, que não é nova para Saussure, foi capaz de lhe trazer a possibilidade de falar de um funcionamento da língua que ultrapassou a necessidade que ele tomou para si e o colocou em outra dimensão da sua aventura no manuscrito. É aí que ele paga seu tributo a Eros, uma das potências que presidem a existência humana e que é justamente a dimensão do entrelaçamento.

O próprio Saussure, contudo, continua a tentar uma boa definição de forma. Ele segue e, muitas páginas adiante, escreve, no alto de uma folha, “Autre chapitre”. Aparece, então, mais uma tentativa de definir algo que já foi “névoa úmida”:

Figura 27 - Reprodução da folha 55 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372



Fonte: Saussure (1891a, p. 55)

Outro capítulo

Quem diz FORMA diz ~~três~~ ^{quatro} coisas

que esquece todas as ~~três~~ ^{quatro} esse ponto é fundamental

Ele passa a expor quais são as possibilidades de entender forma. Em uma página, ele apresenta três delas. A primeira, desenvolvida em sete linhas, é relacionada à “diversidade” de formas. Em seguida, em onze linhas, ele desenvolve a segunda maneira de entender a forma, associada à “coexistência”. Ele chega a usar a palavra “sistema”, a rasura e a repete em seguida, entretanto, acaba por a rasurar, com duas linhas diagonais opostas, como se fosse um grande xis, toda essa segunda maneira de entender a forma. De modo mais sucinto, retoma a exposição dessa segunda maneira em sete linhas: “pluralidade” de formas, rasurando, novamente, a palavra “sistema”. Finalmente, ele concebe a terceira maneira, que é rapidamente explicada com “quem diz forma, ou seja, diferença numa pluralidade”. Nesse momento, ele interrompe a frase, deixando de lado a quarta “coisa” anunciada. Então ele se precipita, como se houvesse descoberto algo:

Figura 28 - Reprodução da folha 56 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372

Forme implique : DIFFÉRENCE : PLURALITÉ. (SYSTÈME?). SIMULTANÉITÉ - VALEUR SIGNIFICATIVE

Fonte: Saussure (1891a, p. 56)

Forma implica: DIFERENÇA: PLURALIDADE. (SISTEMA?). SIMULTANEIDADE. VALOR SIGNIFICATIVO.

Em um aglomerado de palavras que escapa à sintaxe tradicional, ele inclui na definição de forma os termos: “diferença”, “valor” e “sistema”. Este último, considerado a pedra angular da sua teoria, encontra-se, nesse momento, literalmente entre parênteses e é acompanhado por um ponto de interrogação. Mesmo os termos “diferença” e “valor”, que compõem a noção de sistema, estão acompanhados por outros termos, como “pluralidade”, “simultaneidade” e “significativo”. Estes últimos termos, mais desconhecidos dos leitores do CLG, estão, na verdade, encapsulados no que hoje conhecemos como teoria do valor. O termo “sistema” merece toda nossa atenção, porque é dele que decorrerá a noção de estrutura que os leitores de Saussure depreendem do CLG. Também é importante atentar para o termo “simultaneidade”, o qual evoca o que hoje conhecemos, em linhas gerais, pela linguística sincrônica.

Nesse momento da aventura de Saussure no manuscrito EDL, percebemos o quanto a compreensão do que é a forma na língua (gem) está vinculada à noção do caráter diferencial dos elementos que a compõem. Além disso, para compreender o funcionamento da

língua(gem), foi necessário içar a noção de valor para que se pudesse pensar em um sistema constituído por diferenças negativas na simultaneidade dos elementos. Fora dessa complexidade, a noção de forma na língua(gem) não se sustenta na teoria saussuriana.

Evidentemente, nos perguntamos se poderíamos chegar a essa mesma conclusão a partir da leitura do CLG. Sim. Esperamos poder mostrar isso a seguir, porque é espantoso que essa pequena formulação presente no manuscrito possa ter tantos elementos de uma teoria complexa – desenvolvida ao longo de muitas páginas no CLG – e, em apenas meia dúzia de palavras justapostas em três linhas, quase duas décadas antes, ela apareça tão potente nesse manuscrito.

É dessa maneira que o esboço de uma ideia em formulação pode iluminar a teoria já formulada: a concisão, não no formato de um resumo, mas de uma espécie de “palavras-chave”, com o efeito potente de uma rubrica que abrevia ou condensa uma assinatura, nesse caso, de toda a teoria linguística do genebrino. No entanto, cabe observar que essa impressão pertence ao leitor do CLG que lê o manuscrito em um momento posterior à publicação do livro que reúne as aulas de Saussure segundo a escuta de seus alunos. A nós interessa, nesse momento, o processo do escritor. Ele precisa ser dissociado do efeito que tem no leitor de Saussure, que está sujeito a esse processo histórico que nos deu o CL, antes do manuscrito. O manuscrito precede o CLG. Entre um e outro se passaram aproximadamente duas décadas, durante as quais Saussure escreveu e, como mostra o acompanhamento desse manuscrito e outros estudos, precedeu alguns deslocamentos teóricos.

Assim, seguimos o *modus operandi* de formulação teórica de Saussure, percebendo o quanto ele nos ensina sobre o processo de escrita ser constitutivo de uma elaboração teórica. Nesse caso específico, nota-se que ele chega a esboçar um modo planejado,

anunciando três maneiras de pensar a noção de forma na língua(gem) e acrescentando mais uma maneira, rasurando-a. Por fim, são anunciados quatro modos. Mas, à medida que Saussure os vai estabelecendo, ele diminui o tamanho e a complexidade das formulações sintáticas, progressivamente, até se interromper no terceiro modo e, em seguida, irromper em uma espécie de associação livre de termos, em caixa alta, recuperáveis tanto em sua formulação anterior quanto posterior, porém já em uma ordenação que sugere uma elaboração sobre o tema, como se pode conferir ao longo da sua aventura no complexo manuscrito.

No entanto, Saussure não se detém aí. Em outro ponto do manuscrito, retoma alguns elementos dessa fórmula, mas com outras questões:

Figura 29 - Reprodução da folha 150 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372

$\frac{1}{2} \frac{3}{6}$ 20 b ①
 le proposant
 à l'attente
 est
 Il me semble qu'on peut l'affirmer, etc
 On ne le pénétrera jamais assez
 de l'essence purement négative, pu-
 rement différencielle, de chacun des
 éléments linguistiques ^{distincts} (absolument quel-
 que langue) auxquels nous accordons une
 préexistence; il n'y en a aucun, dans
 aucun ordre, qui possède cette existence
 supposée - laquelle peut-être est ~~soit~~
~~insupportable pour l'esprit des à recon-~~
 se l'adulte, ~~mais~~ nous soyons appelés à
 reconnaître que, sans cette fiction, l'esprit
 se trouve ^{littéralement} incapable de maîtriser cette
 une pauvre somme de différences, où il n'y a
 nulle part à aucun moment un point
 de repère positif et ferme.

Fonte: Saussure (1891a, p. 150)

Parece-me que se pode afirmar,
 propondo para consideração ~~que~~ jamais se penetrará o suficiente
 na essência puramente negativa,
 puramente diferencial,
 de cada um dos elementos linguísticos ^{da linguagem}, ~~absolutamente qual~~
~~xxxxxx~~ aos quais encontramos ~~uma~~
 precipitadamente ~~uma~~ existência; não há nenhum, em
 nenhuma ordem, que possua essa existência
 suposta – embora talvez ~~que ela seja~~
~~impossível para o espírito de reconhecer~~
~~necessária~~ ^{eu entendo} que nós sejamos chamados a
 reconhecer que, sem essa ficção, o espírito
 seria ~~xxxxxx~~ ^{literalmente} incapaz de dominar ~~esta~~
 uma tal quantidade ~~de~~ diferenças, em que não há
 em nenhuma parte em nenhum momento um ponto
 de referência positivo e firme.

Nesse fragmento, Saussure dá por certo o funcionamento do sistema e se questiona a respeito de como podemos atestar a existência de um elemento puramente diferencial, puramente negativo. É importante perceber que a noção de essência enquanto substância não se sustenta nessa formulação. De fato, é o que se recupera no CLG, especificamente no capítulo IV da Segunda parte, “O valor linguístico”, no qual ele afirma que “a linguística trabalha, pois, no terreno limítrofe onde os elementos das duas ordens [som/pensamento] se combinam; essa combinação produz uma forma e não uma substância” (SAUSSURE, 1973 [1916], p. 131). Em seguida, ele é categórico: “Dito de outro modo, a língua é uma forma e não uma substância” (SAUSSURE, 1973 [1916], p. 141).

Nas dez páginas que, no CLG, separam a primeira afirmação e a reiteração que constituem o aforisma saussuriano, é desenvolvida a teoria do valor. Para tanto, Saussure se vale de algumas metáforas. A primeira, ao referir-se a uma moeda, ao sistema monetário,

traz a seguinte afirmação: “Seu conteúdo só é verdadeiramente determinado pelo concurso do que existe fora dela” (SAUSSURE, 1973 [1916], p. 134). Saussure também usa uma metáfora para falar da “substância inerte do pano” (SAUSSURE, 1973 [1916], p. 126) que não faz a identidade da língua.

Essas formulações estão estreitamente ligadas ao que ele chama, em seguida, de “realidade sincrônica”. Entretanto, no que diz respeito à língua, a realidade não é tão simples:

Dessarte, a linguística trabalha incessantemente com conceitos forjados pelos gramáticos, e sem saber se eles correspondem realmente a fatores constitutivos do sistema da língua. Mas como sabê-lo? E se forem fantasmas, que realidade opor-lhes? (SAUSSURE, 1973 [1916], p. 126).

Nesse excerto, cheio de interrogações, os conceitos gramaticais são questionados em contraposição ao sistema da língua apresentado pelo linguista suíço. Porém, lhe ocorre a dificuldade de expor os fatores constitutivos desse sistema. Em um fragmento do manuscrito que apresentamos (Figura 29), Saussure traz a noção de ficção, aqui, de fantasmas. Ao que parece, esses termos surgem quando se trata de recuperar a essência de determinado elemento da língua, seja um som ou uma entidade gramatical. Nesse caso, nomear como ficção ou fantasma tem sua importância, porque dá um estatuto a essa existência e ao mesmo tempo oferece a possibilidade de propor outra realidade. É o que Saussure faz ao introduzir a metáfora do xadrez e articular a teoria do valor à sincronia. Essa articulação fundamenta a outra realidade que se opõe à ficção e aos fantasmas, que, não obstante, permanecem na língua e não são dispensáveis, como ele afirma no fragmento citado do manuscrito.

Figura 30 - Reprodução da folha 195 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372

SUBSTANCE LINGUISTIQUE. - Nous tendons perpétuellement à convertir par la pensée en substance linguistique les actions ^{diverses} que nécessite le langage (§). - Il semble nécessaire d'adopter dans la théorie même ^{d'opores} cette conception (§). - Il y aura 4 genres de substance linguistique, correspondant aux 4 formes d'existence de la langue. - Il n'y a point ^{à admettre} de substance fondamentale ~~(§)~~, recevant ensuite des attributs (§).

Fonte: Saussure (1891a, p. 195)

SUBSTÂNCIA LINGUÍSTICA. — Nós tendemos perpetuamente a converter pelo pensamento em substância linguística as, as ações ^{diversas} que necessita a linguagem (x) - Parece necessário adotar na teoria mesmo ^{de opor} esta concepção (x). - Há 4 tipos de “substância” linguística, correspondentes às 4 formas de existência das línguas. - Não há ^{a admitir} qualquer substância fundamental (x), que receba em seguida os atributos (x).

Nesse fragmento, Saussure retoma a noção de substância –, nesse caso, linguística –, mas se preocupa em levantar que tipo de relação há entre as duas. Mais ainda, para ele há quatro tipos de substância que correspondem a quatro formas de existência da língua. Ele não expõe esses quatro tipos de substâncias linguísticas. Porém, importa que ele coloca a noção de substância ao lado da noção de forma e recusa a ideia de substância recebendo atributos. A seguir, no mesmo manuscrito, ele assevera que há “ausência total de seres linguísticos dados em si mesmos” (SAUSSURE, 2004, p. 75). Vê-se que ele está às voltas com o que já tinha chamado de “fantasmas”, de “ficção”, em oposição à “realidade”, à “existência” da língua. Não é à toa que ele passa muito tempo nesse manuscrito pensando sobre o caráter negativo da língua.

A questão incontornável entre o EDL e o CLG é a natureza incompatível do título do primeiro com a conhecida afirmação de que “a língua é forma e não substância”, encontrada no CLG. Ao examinarmos a relação entre o título do manuscrito e o aforismo publicado, de modo a acompanharmos a elaboração do linguista e também compreendermos o modo de presença desses dois elementos no objeto da linguística, percebemos que se, por um lado, essa elaboração está a serviço da necessidade de rever a terminologia em linguística, por outro, ela acaba encadeando uma formulação surpreendente para o próprio Saussure.

Assim, forma e substância se deparam, nessa aventura, com a questão sobre o “sistema”, que merece toda nossa atenção, porque é dele que decorrerá a noção de estrutura que os leitores de Saussure depreendem do CLG.

Notemos o modo de elaboração do linguista ao se questionar sobre a natureza da língua. Sua escrita vai tocando outros pontos teóricos e uma teorização tem efeito sobre outras, de maneira que

muitos aspectos conceituais se transformam, num movimento que, se não é simultâneo, é, pelo menos, espiral. Parece-nos chegado o momento para abordar outro tema caro à linguística: as noções de sincronia e diacronia, que possivelmente estão articuladas com as noções de forma e substância.

CAPÍTULO 4 - SINCRONIA E DIACRONIA

As formulações saussurianas são, por um lado, tão naturalizadas, como se elas sempre estivessem aí, e, por outro, tão glorificadas, que aquele que, de fato, não é um leitor das suas produções corre o risco de confortar o seu desconhecimento em uma dessas armadilhas que o juízo de valor nos prepara na linguística e em tantos outros espaços de conhecimento. Essa armadilha é ainda mais perigosa no caso de uma das chamadas dicotomias saussurianas, a sincronia e a diacronia, justamente porque cada um desses dois princípios, numa certa recepção da obra do genebrino, acabou por resumir em si uma posição epistemológica que o termo “dicotomia” acaba por colocar não só como oposto, mas, no caso da epistemologia linguística, como rival. Na verdade, uma leitura do próprio CLG pode mostrar que essa oposição excludente não é um caminho que favorece uma boa reflexão sobre a produção de Saussure.³⁴

No início da segunda metade do século XX, as edições críticas do CLG já começaram a nos fornecer informações sobre as formulações de Saussure, especialmente sobre a diacronia e a sincronia. Tullio de Mauro (1986b [1967]), na nota 170 de sua célebre edição crítica do CLG³⁵, retoma o trabalho de Robert Godel (1957) para nos trazer

34 Para um aprofundamento dessa questão, ver Giembinsky (2019).

35 Essa nota visa trazer informações acerca de um parágrafo do capítulo III da primeira parte do CLG, “A linguística estática e a linguística evolutiva”. Mais especificamente, esse é o último parágrafo da p. 96 na edição brasileira de 1973, da editora Cultrix.

a informação de que a diacronia é o único neologismo criado por Saussure:

Dans ce couple de termes [synchronique/diachronique], dont la fortune après Saussure fut immense, seul le second, diachronique, est inventé par Saussure: on le lit pour la première fois dans un cahier (S. M. 48 n. 12) dans lequel apparaît aussi sémiologie: le cahier semble postérieur à 1894 (S. M. 47, n. 26) (DE MAURO, 1986b [1967], p. 451).

Um manuscrito de 1894 é apontado como o primeiro lugar em que aparece o termo “diacronia”. Porém, De Mauro, sabedor que é da grande quantidade de material produzido por Saussure, resguarda-se da veracidade da informação. De fato, o EDL, manuscrito com o qual trabalhamos aqui, apesar de provavelmente ter sido escrito em 1891, já traz o termo. É preciso observar que esse manuscrito só veio a público em 1996, quase meio século depois da afirmação de De Mauro. Além disso, a experiência com as diversas notas de Saussure comprova que é raro encontrar o termo “diacronia” em outro dos seus manuscritos. A observação do linguista italiano, portanto, é irrepreensível.

Assim, escolhemos uma posição diferente daquela frequente entre os leitores dessa formulação saussuriana que veem uma dicotomia excludente e antagonizam aqueles que optam por uma ou por outra das possibilidades de compreender a língua e, conseqüentemente, de empreender um trabalho sobre ela e com ela. Optamos apenas por acompanhar a aventura saussuriana pelo EDL, no que diz respeito a esses conceitos, diacronia e sincronia, que são cruciais no cabedal teórico desenvolvido pelo genebrino.

Não é demais recordar a carta que Saussure envia à Meillet em 1894, na qual se propõe a suspender o prazer histórico e a se dedicar ao que mais tarde Benveniste (1991) chamou, muito adequadamente,

de fundamentos.

Esse prazer histórico – enunciado por Saussure e totalmente alinhado, portanto, com a potência Eros – seria abandonado em favor da necessidade, alinhada com a potência Ananche. Essas potências, lembremos, estão entre as que presidem ao nascimento do homem e são aquelas às quais a existência humana deve pagar seu tributo sem procurar evitá-las ou enganá-las, segundo Agamben (2018).

Entretanto, embora Saussure tenha anunciado, na carta de 1894, a suspensão do prazer histórico para resolver as necessidades da área de estudos da linguagem e depois retornar a esse prazer, é preciso reconhecer que

o que se anuncia nesse momento é a suspensão de algo que lhe dá prazer intelectual para que, depois de Saussure se dedicar ao que é necessário, ele possa retornar ao que lhe dá prazer. Lemos (1995, p. 43), a respeito dessa mesma carta, nos disse da impossibilidade desse retorno (SILVEIRA, 2014, p. 27).

Lembremos que a data do EDL é presumida em 1891, mas os estudiosos de Saussure levantam ressalvas em relação à datação dos manuscritos desse ano. Às centenas de folha do EDL, ainda seriam acrescentadas outras centenas de manuscritos sobre o lituano e também as dezenas de folhas das três conferências, entre outros manuscritos menores, cuja datação, certificada ou presumida, coincide.

Uma hipótese plausível é que o EDL tenha começado a ser escrito em 1891 e que, pelo que indicam as rasuras, em alguns casos com cores de canetas diferentes, ele tenha sido relido, alterado e completado nos anos seguintes. Assim, a exasperação de Saussure na carta à Meillet, no início de 1894, pode ter alguma relação com a experiência do linguista ao escrever o EDL. De fato, a escrita “necessária” já estava em curso. Em contrapartida, se o EDL atesta esse

afastamento do prazer histórico, ele parece também não se reduzir ao cumprimento de uma tarefa. Acompanhando essa questão da sincronia e da diacronia no manuscrito de Saussure, procuraremos refletir sobre a potência que preside a esse empreendimento.

Vale ressaltar que temos indícios suficientes para afirmar que Saussure, no EDL, se via confrontado com uma cisão entre os estudos históricos em curso no século XIX e uma reformulação necessária para a área. Se essa cisão, que agora podemos nomear de sincronia e diacronia, não aparece explicitamente, podemos sentir o movimento nessa direção a partir do que ele começara, nesse manuscrito, a chamar de *ponto de vista*³⁶.

Depois de algumas páginas explicitando as distinções entre forma e substância, ele começa a girar em torno da dualidade da linguagem a partir de várias possibilidades. Por fim, ele sinaliza uma

Figura 31 - Reprodução da folha 12 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. De Saussure 372

Il faut dire: primordiallement il
 existe des points de vue; ~~il n'existe pas~~ ^{il n'existe pas} et
 il est ^{simple} impossible de ~~fixer~~ ^{saisir} un fait de langage
~~avant d'avoir fixé les~~

Fonte: Saussure (1891a, p. 12)

É preciso dizer: primordialmente
 existem pontos de vista; não há ^{senão} e
 é ^{simplesmente} impossível ~~fixar~~ ^{delimitar} um fato de linguagem
~~diante de poder fixá-los.~~

36 Um trabalho aprofundado sobre a questão do ponto de vista na produção de Saussure em geral e também no EDL em particular (cf. item 3.3 da segunda parte) encontra-se em Marques (2021).

Vejam que Saussure atrela a delimitação de um fato de linguagem que, em última análise, está no cerne do próprio objeto da linguística enquanto ciência, a “pontos de vista”. Marques (2021), ao analisar o EDL e outros documentos de Saussure destaca que

É nesse sentido, então, que, para Saussure, é preciso, de uma vez por todas, substituir a discussão dos fatos pela discussão dos pontos de vista, uma vez que, segundo ele, não há o menor traço de fato linguístico ou sequer a menor possibilidade de perceber ou de determinar um fato linguístico fora da adoção anterior de um ponto de vista (MARQUES, 2021, p. 138).

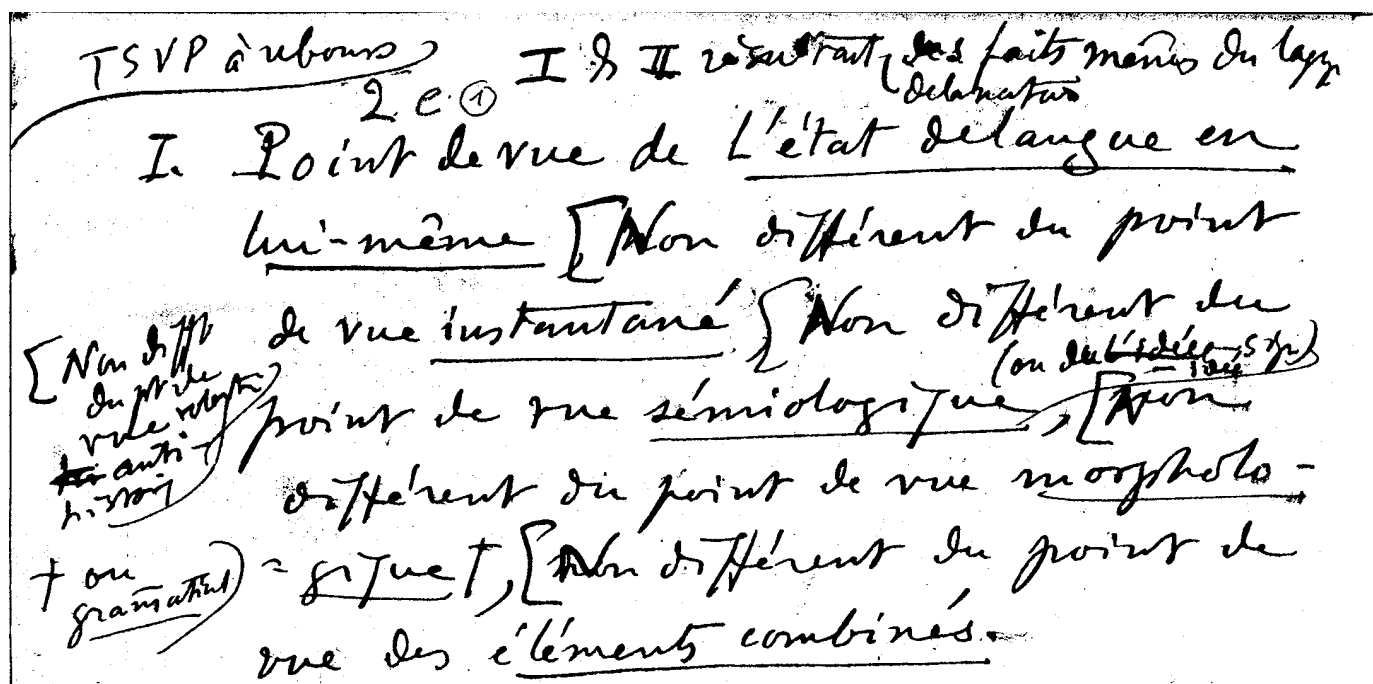
A discussão sobre o ponto de vista na linguística, especialmente a saussuriana, é bastante controversa. Se, por um lado, ela está no cerne da delimitação do objeto dessa ciência– afinal, para Saussure, no CLG, o ponto de vista constitui o objeto –, por outro lado, o caráter estritamente científico da linguística moderna pode ter inibido essa discussão, já que ponto de vista está na contramão da especificidade científica. Não nos deteremos nesse tema e sim na distinção entre sincronia e diacronia, que nos parece, nesse manuscrito, estar em estado germinal em relação ao que temos no CLG, publicado mais de duas décadas depois da escrita do EDL, no qual acompanhamos a jornada saussuriana.

Os fragmentos que se seguem são de duas folhas do manuscrito nas quais, depois de colocar em questão “o dualismo profundo que divide a linguagem” e se perguntar muitas vezes que tipos de fatos caracterizam os elementos da linguagem (físico, psíquico, mental ou subjetivo), ele se propõe a destacar os pontos de vista que resultam da natureza dos próprios fatos de linguagem.

Vejam a tentativa reiterada de Saussure, nesse manuscrito, de distinguir as perspectivas possíveis para o estudo da linguagem,

que vão além do entendimento histórico-comparativo, dominante no século XIX e que estão em consonância com o que ele vem elaborando até aqui sobre o objeto da linguística, como vimos nos capítulos anteriores sobre o signo linguístico, a forma e a substância:

Figura 32 - Reprodução da folha 18 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. De Saussure 372



Fonte: Saussure (1891a, p. 18)

Vire a página por favor para trás
linguagem

I & II resultam da natureza dos próprios fatos de

2e

I. Ponto de vista do estado de língua em

si mesma [Não diferem do ponto

Não diferem de vista instantâneo [Não diferem do

do ponto de ponto de vista semiológico, [Não

vista da vontade diferem do ponto vista morfoló-

xxxanti-

histórico

+ ou

gramatical

gico, [Não diferem do ponto de
vista dos elementos combinados.

Nesse fragmento, percebe-se que ele iniciou a escrita = numerando o primeiro ponto de vista, que é “o estado da língua nela mesma”. O que vem escrito acima foi acrescentado depois da sequência de outros pontos de vista, elencados pelo autor. Retomaremos essa questão mais tarde.

O importante, agora, é observar que ele destaca como o primeiro ponto de vista – o “da língua nela mesma” – é equiparado a outros cinco pontos de vista: o instantâneo, o semiológico, o morfológico e o dos elementos combinados; num inciso, à margem da folha, Saussure ainda acrescenta o ponto de vista da vontade anti-histórica e também associa o ponto de vista morfológico ao gramatical.

Está presente a retomada dos diversos estudos do seu tempo, seja os da gramática comparada cujo foco era a morfologia das línguas, ou os da neogramática, cujo foco era a fonética das línguas. Todos se ocupavam, como se sabe, com as mudanças linguísticas, mas, nesse caso, esse é um ponto de vista anti-histórico e com uma amplitude maior, já que se trata da semiologia. O foco é a combinação dos elementos que definirá, como se vê no fragmento a seguir, as identidades linguísticas. Observe-se:

Figura 33 - Reprodução da folha 18 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 37

II. ~~Point de vue~~ (Les identités dans ce domaine sont fixées par le rapport de la signification et du signe, ou par le rapport des signes entre eux, ce qui est non différent.)

Fonte: Saussure (1891a, p. 18)

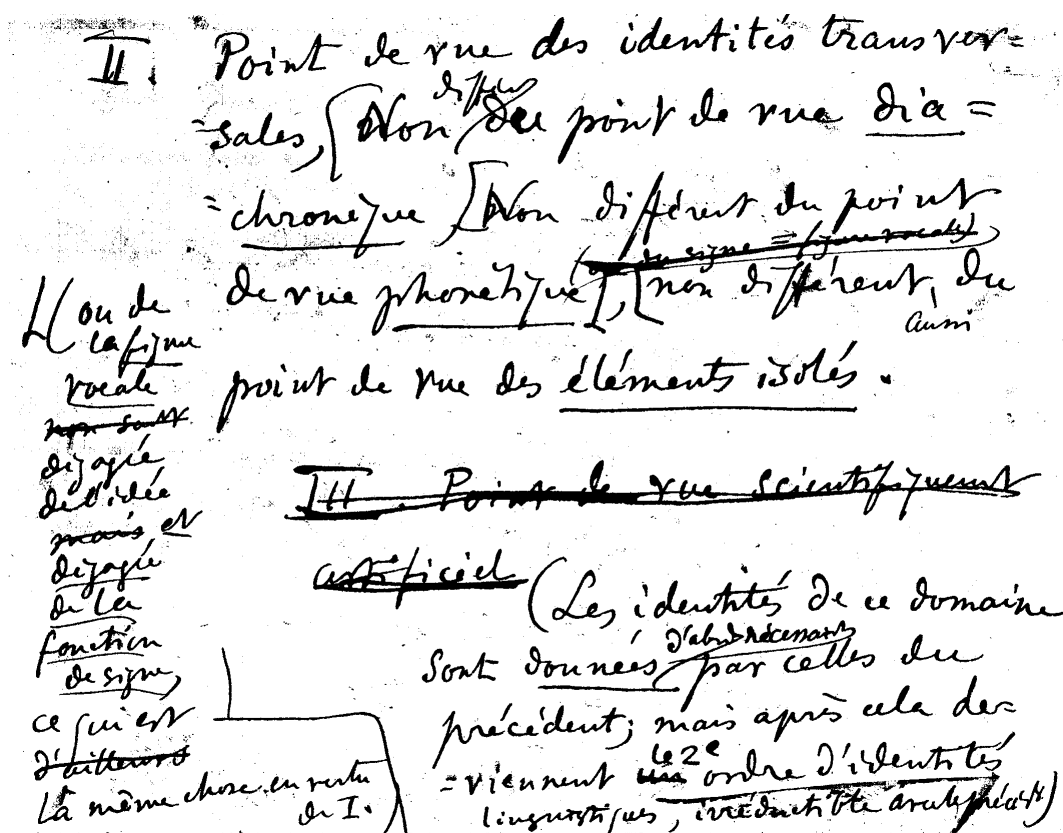
H. Ponto de vista (As identidades nesse

domínio são fixadas pela relação da significação e do signo, ou pela relação dos signos entre eles, o que não é diferente.)

Saussure rasura o título e, então, resolve esclarecer, entre parênteses, a que se refere quando ele fala dos elementos combinados. Entra em ação, aí, um termo que ainda não fora usado nesse manuscrito, que é “relação”. Ele aparece duas vezes nesse fragmento com o objetivo de explicar que é a relação que fixa a identidade nesse domínio, seja pela relação entre a significação e o sign(ificante) ou pela relação dos sign(ificante) entre eles.

Em seguida, ele parte para um segundo ponto de vista:

Figura 34 - Reprodução da folha 18 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372



(ou da
figura
vocal
xxxx
separada
da ideia
da
função
do signo,
que é
xxxx
a mesma coisa em virtude
de I.)

II. Ponto de vista das identidades transver-
sais, [No ^{diferem} do ponto de vista dia-
crônico [Não diferem do ponto
de vista fonético, (xxdo signo = figura vocal) [não
diferem, ^{também} do
ponto de vista dos elementos isolados.

~~III. Ponto de vista cientificamente~~
~~artificial~~
(As identidades desse domínio
são dadas ^{antes de tudo necessariamente} pelas
do
precedente; mas depois disso
elas se tornam ~~uma~~^a~~za~~ ordem das
identidades
linguísticas, irredutíveis as
precedentes)

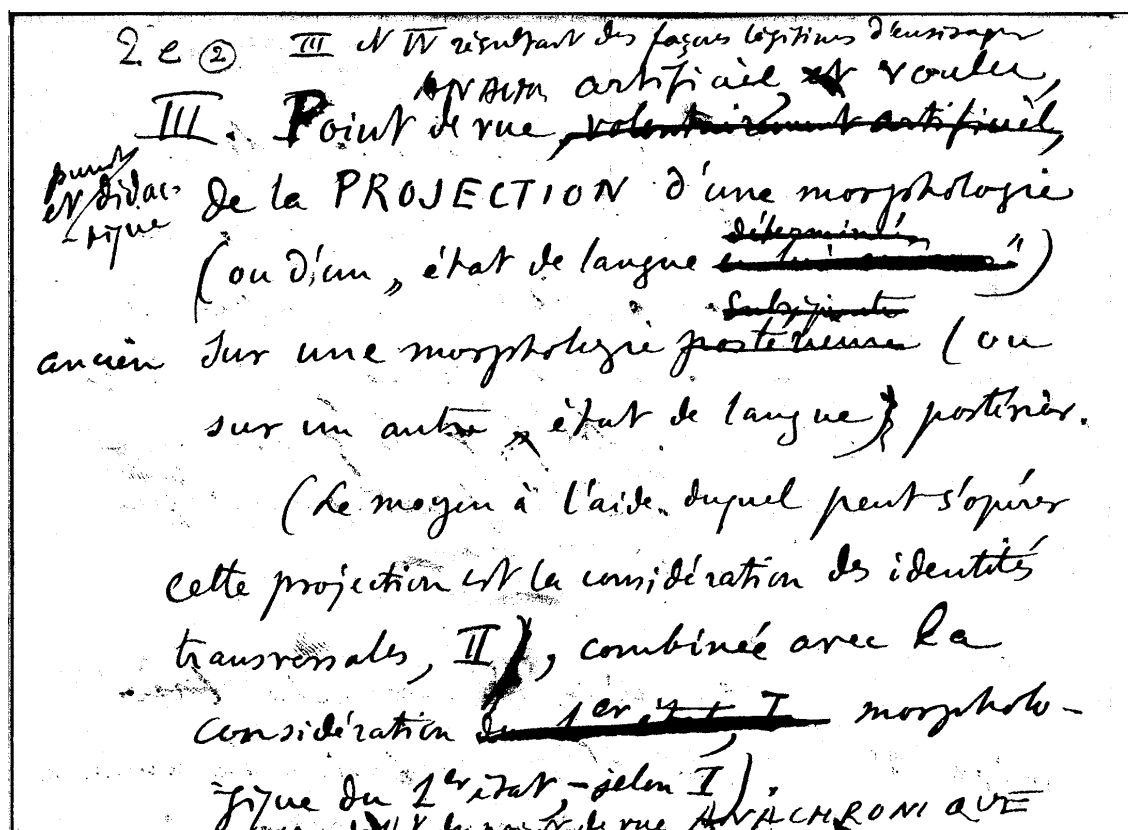
Aqui, Saussure retoma o que os seus contemporâneos já desenvolvem – a linguística histórica! Mas não é assim que o genebrino nomeia o segundo ponto de vista: ele se chama “ponto de vista identidades transversais” e é o mesmo que o diacrônico e que o fonético (estritamente da figura vocal). Por fim, o linguista demonstra que o segundo ponto de vista se diferencia do primeiro porque ele tem foco nos elementos isolados.

Não nos é indiferente a sua jornada para definir a “figura vocal”. Embora ela tenha papel secundário na elaboração dos pontos de vista, que se assenta fundamentalmente na oposição entre o estático

e o histórico, não condiz com a maneira como Saussure gostaria de nomear e apresentar esse fato de linguagem. Essa questão já foi tema dos capítulos anteriores, mas é preciso notar o quanto as elaborações de Saussure sobre determinados temas da linguística não são estanques.

Na folha seguinte, Saussure se ocupa do terceiro e de um quarto ponto de vista. Novamente, acima do que ele enumera como o terceiro ponto de vista, há uma inserção que recuperaremos mais tarde, em conjunto com o acréscimo no topo da folha anterior. Observemos agora o que ele quer dizer com o ponto de vista anacrônico:

Figura 35 - Reprodução da folha 19 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372



Fonte: Saussure (1891a, p. 19)

III e IV resultam das maneiras legítimas de considerar

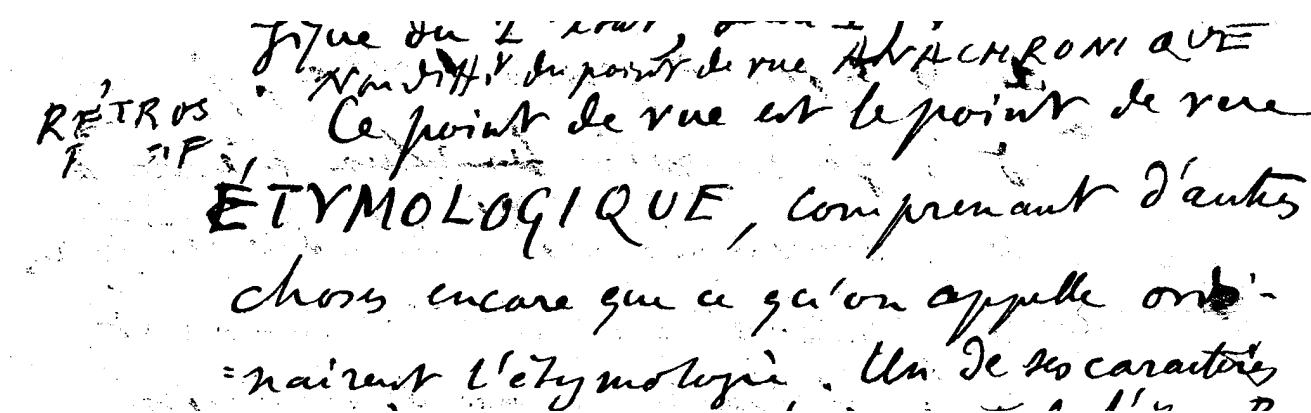
III. Ponto de vista, ANACRÔNICO artificial, e intencional intencionalmente artificial,

e puramente didático da PROJEÇÃO de uma morfologia
 (ou de um, estado de língua ~~xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx~~)
 antiga sobre uma morfologia subsequente posterior (ou
 sobre um outro estado de língua) posterior.
 (O meio com a ajuda do qual pode-se operar
 esta projeção é a consideração das identidades
 transversais, II, combinadas com a
 consideração do 1º estado morfoló-
 gico do 1º estado - conforme I).

A anacronia se refere à instância em que a ordem cronológica de determinado acontecimento é desprezada. Saussure classifica esse ponto de vista de artificial, intencional e puramente didático e o associa mais diretamente ao ponto de vista das identidades transversais. Em suma, trata-se da projeção intencional de uma morfologia com fins didáticos. Vê-se, novamente, a retomada de uma forma de abordar a linguagem própria ao seu tempo, mas aqui a colocando, inteiramente, como apenas um ponto de vista entre outros.

A seguir, com o objetivo de melhor esclarecer esse ponto de vista, ele o associa a uma perspectiva de estudos da linguagem própria ao seu tempo:

Figura 36 - Reprodução da folha 19 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372



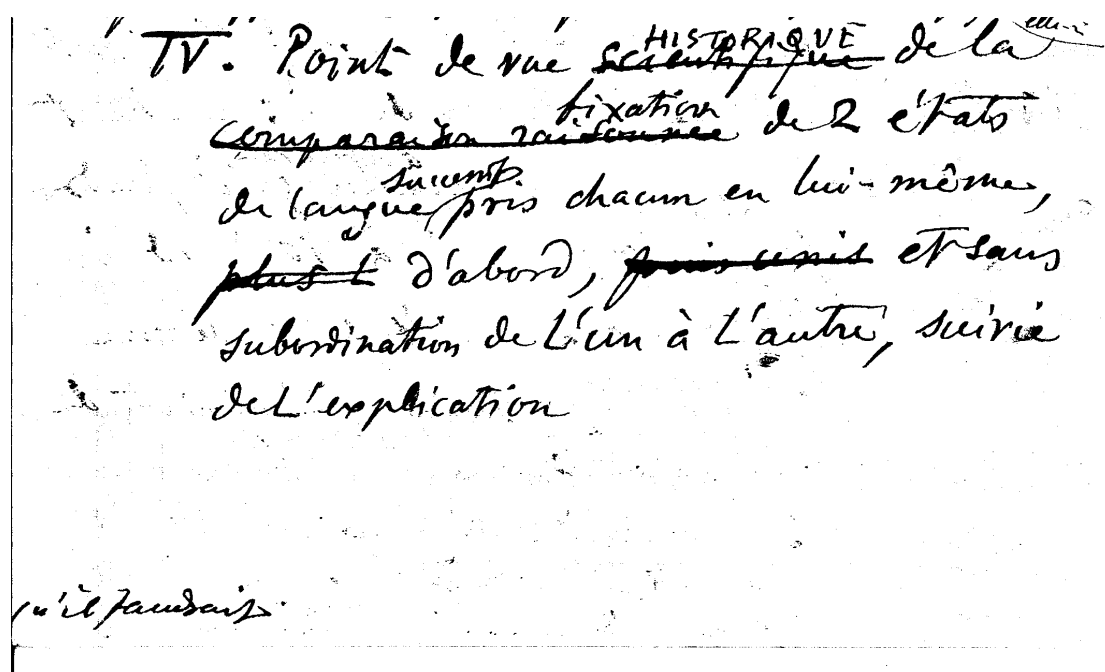
Fonte: Saussure (1891a, p. 19)

Não diferindo do ponto de vista ANACRÔNICO ^{RETROSPECTIVO}
 Este ponto de vista é o ponto de vista ETIMOLÓGICO, compreendendo
 outras coisas ainda que se chama comu-
 mente de etimologia. Uma de suas características
 por relação ao IV é não levar em conta a época B em ^{si mesma}

Assim, o ponto de vista anacrônico, artificial e pedagógico é o etimológico. Ao que tudo indica, essa maneira de incorporar esse ponto de vista a sua escrita, nesse ponto específico, tem a finalidade de abrir caminho para outros pontos de vista, talvez por contraposição.

Ao apresentar o último ponto de vista, ele oscila em sua nomeação:

Figura 37 - Reprodução da folha 19 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372



Fonte: Saussure (1891a, p. 19)

IV. Ponto de vista científico ^{HISTÓRICO} da

~~comparação racional~~^{fixação} de 2 estados
de língua^{sucessivos} preso cada qual em si mesmo,
~~mais x~~ de início, ~~presos~~ e sem subordinação de um ao outro, seguida
da explicação

que é necessária

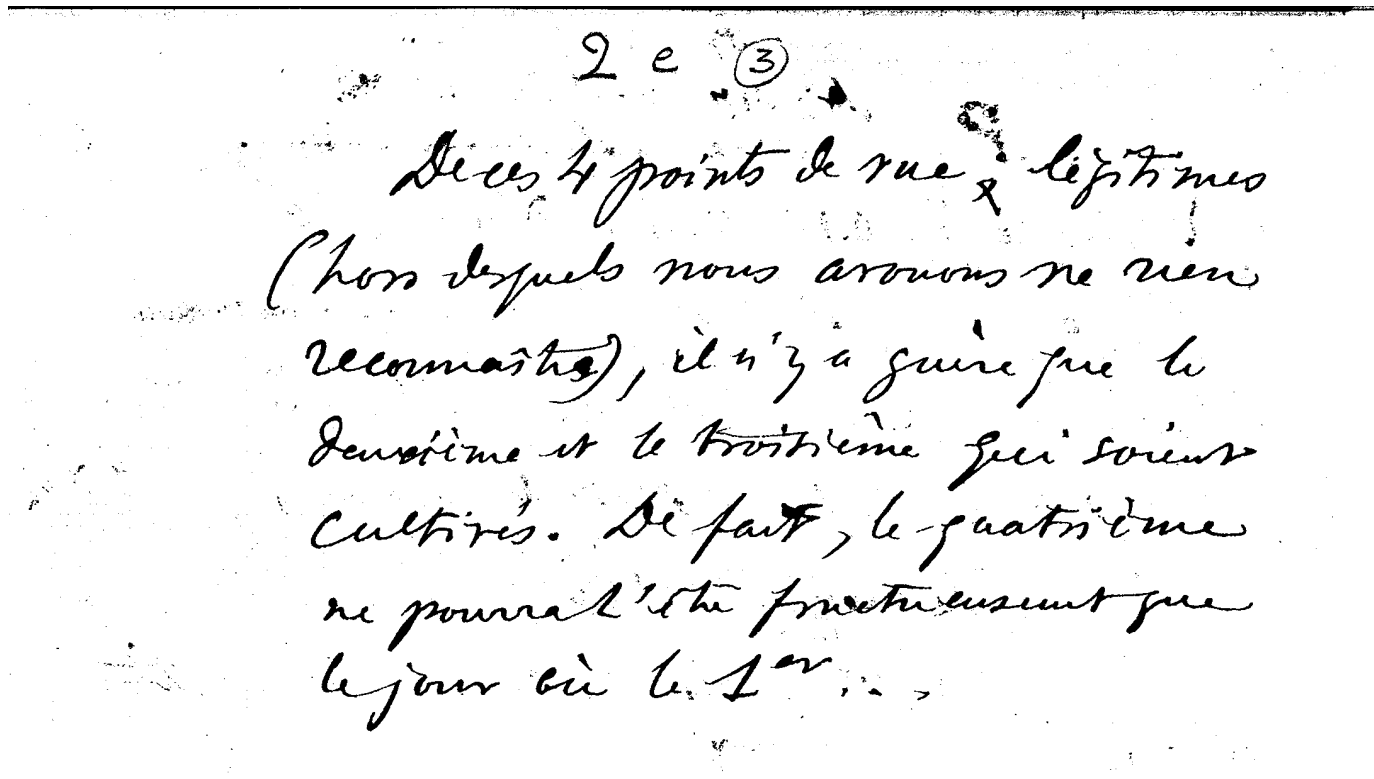
Primeiro, ele escreve “IV. Ponto de vista científico da comparação racional de 2 estados de línguas cada qual em si mesmo”. As rasuras e incisos mostram que ele repensou. A reelaboração fica: “IV. Ponto de vista HISTÓRICO da fixação de 2 estados de língua sucessivos cada qual em si mesmo”.

Basicamente, ele repensa o ponto de vista que considera dois estados de língua em si mesmo e muda a nomeação desse estudo de científico para histórico. Um estudioso da fortuna saussuriana sabe que a sua formação no século XIX, junto com seus contemporâneos, passa pelo deslocamento que a área de estudos da linguagem sofre ao reconsiderar a filiação dos estudos da linguagem inicialmente a um modelo da biologia fortemente influenciado por Darwin para um modelo de comparação histórica. Assim, se, no primeiro, o objetivo era chegar à origem da linguagem, no segundo, a intenção era descobrir as leis que regem as mudanças linguísticas. Na verdade, em 1891, quando Saussure escreve o EDL, essa passagem ainda está em curso, mas é esperado do linguista que ele sequer se refira à perspectiva darwinista da linguagem e classifique a abordagem histórica como científica. Entretanto, Saussure rasura essa última classificação, certamente porque ele coloca questões sobre essa perspectiva, o que implica outro modelo de ponto de vista científico que não o histórico.

Em seguida, ele se pronuncia sobre esses quatro pontos de vista

em um fragmento que resta inacabado, marcado por reticências, mas sem nenhuma rasura:

Figura 38 - Reprodução da folha 19 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372



Fonte: Saussure (1891a, p. 19)

Desses 4 pontos de vista legítimos
 (além daqueles que nós admitimos nada
 reconhecer), há apenas o
 segundo e o terceiro que são
 cultivados. De fato, o quarto
 poderia sê-lo proveitosamente
 no dia em que o 1º. ...

Relembremos que o primeiro ponto de vista é o do estado da língua nele mesmo e o segundo é o ponto de vista das identidades transversais, que não difere do diacrônico. Os dois resultam da natureza dos próprios fatos da linguagem. O terceiro ponto de vista

é o anacrônico e, por último, há o quarto, o histórico, que Saussure classifica como científico. Entretanto, ao rasurar, ele indica que não estava certo disso e observa, então, que o seu proveito estaria na dependência do primeiro ponto de vista. No entanto, ele se interrompe e não menciona qual a condição específica para que isso aconteça.

Retomemos, agora, os acréscimos que citamos anteriormente, que se localizam no topo de cada folha. Eles trazem uma observação bastante importante no que diz respeito ao campo e ao objeto de estudos da linguagem distribuídos entre esses quatro pontos de vista. Segundo Saussure, os pontos de vista I e II (do estado da língua e das identidades transversais) “resultam dos próprios fatos de linguagem” e os pontos de vista III e IV (anacrônico e histórico) “resultam de uma maneira legítima de considerar”. Evidentemente, a ausência de complemento no verbo transitivo direto sugere uma suspensão do sentido nessa última observação; apesar de ser muito tentador completar, por ele, com “o objeto de estudos da linguagem”, não o faremos porque foge à nossa ética de leitura do manuscrito. Do que ele escreve de fato podemos apenas concluir que esses dois pontos de vista não são ilegítimos, mas também não resultam dos próprios fatos de linguagem. Somente o ponto de vista do estado da língua, que, depois do CLG, é conhecido como sincrônico, e o das identidades transversais, que, nesse manuscrito, ele já associa com o diacrônico, estão no escopo do objeto de estudos da linguagem. Os outros dois, embora sejam considerações legítimas, não pertencem a esse escopo. É o que se pode depreender dos fragmentos do manuscrito que trouxemos até aqui.

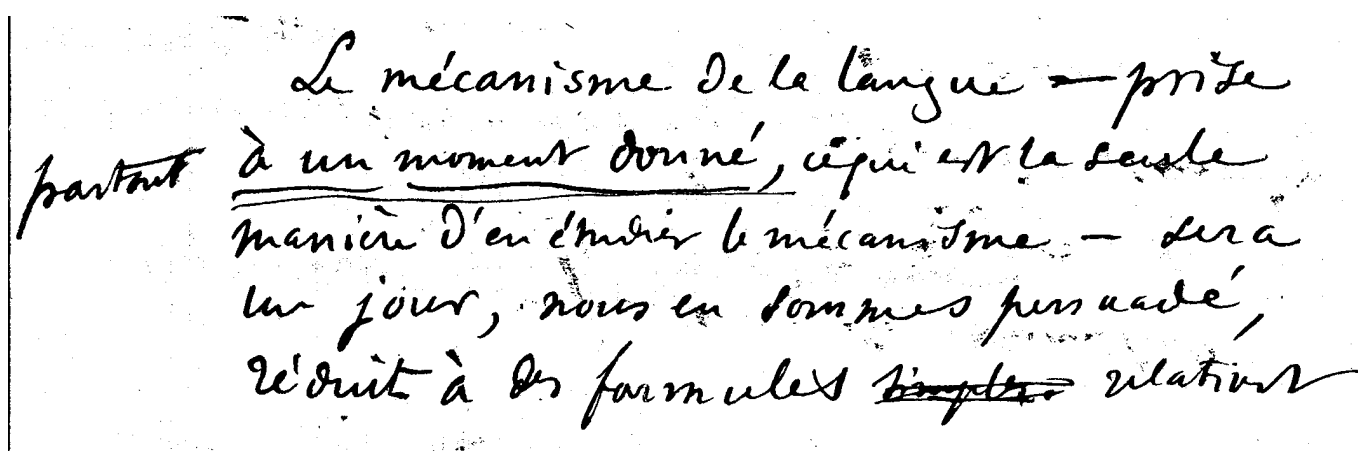
Se Saussure começa por desdobrar o objeto da linguística entre esses pontos de vista, por fim ele admite, logo a seguir nesse manuscrito, que esses quatro pontos de vista – legítimos e aos quais tudo, teoricamente, precisa ser reduzido – “repousam sobre dois

pontos de vista necessários”, difíceis de serem estabelecidos e cuja terminologia ainda não foi estabelecida. De fato, o ponto de vista diacrônico não tinha sido nomeado exclusivamente assim por ele, e a terminologia relativa à sincronia não foi usada nesse manuscrito.

A discussão sobre o ponto de vista segue no manuscrito. Algumas páginas adiante, no entanto, ela se interrompe. Imediatamente, Saussure trata, com todas as letras, do que hoje conhecemos como a teoria do valor e sem a qual seria impossível conceber a sincronia e lhe atribuir o *status* que o CLG imortalizou.³⁷ Esse fragmento aparece depois de outro bem semelhante, mas menos elaborado e que foi totalmente rasurado; aqui observamos que ele chegou a um ponto de muita clareza e as afirmações são categóricas.

Logo adiante, ele retorna à questão do ponto de vista, mas agora a nomeia de “mecanismo” e traz uma elaboração mais próxima do que aparece no CLG como sincronia:

Figura 39 - Reprodução da folha 76 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372



partant Le mécanisme de la langue — prise
à un moment donné, c'est la seule
manière d'en étudier le mécanisme — sera
un jour, nous en sommes persuadé,
réduit à des formules ~~simples~~ relatives

Fonte: Saussure (1891a, p. 76)

37 Ver a Figuras 21 a 26 e suas transcrições no capítulo anterior.

Figura 40 - Reprodução da folha 77 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372

enajuns
L'et tel qu'il existe dans l'esprit des sujets parlants
même très souvent traité
opères
 Simples. Pour le moment, ~~tenter~~
~~d'étudier~~ on ne saurait même songer
 à établir ces formules; si nous
~~sommes forcés~~, pour fixer les idées,
~~l'en risquer quelques-unes, et de~~
 d'esquisser à grands traits ce que nous
 nous représentons sous le nom d'une
semiologie, c.à.d. d'un système
 de signes totalement indépendant de ce qui
 l'a préparé / il est certain que nous
 sommes encore ~~tenus~~, malgré nous,
~~de signaler~~ de d'opposer sans cesse
 cette semiologie à la sempiternelle
 étymologie; que cette distinction quand on
 arrive au détail, est ~~très~~ délicate
 qu'elle absorbe à elle seule ~~une~~ ^{une} l'attention,
~~et~~ ^{et} qu'elle sera même probablement
~~source~~ de distinction subtile dans
 mille cas, prévus ou imprévus; que
 par conséquent le moment n'est pas
 encore ~~venu~~, ^{proche, où on pourra} de ~~supprimer~~ ^{radiation}
~~l'étymologie~~, et de ~~entreprendre~~ ^{entreprendre} une
~~théorie~~ en toute tranquillité hors de toute
 étymologie, sur.

Fonte: Saussure (1891a, p. 77)

O mecanismo da língua - considerado
em todo lugar num momento determinado, o que é a única
maneira de se estudar o mecanismo - será
um dia, nós estamos convencidos,
reduzido a fórmulas ~~simples~~ relativamente
simples. No momento, ~~tentar~~
estabelecer não poderíamos nem mesmo sonhar
em estabelecer essa fórmula x, Se nós
tentamos ~~formas fixadas~~, para fixar as ideias,
~~de arriscar algumas xxxse de~~
esboçar em grandes traços o que nós
nos representamos sob o nome de uma
semiologia, isto é um sistema
de signos totalmente independentes disso que
o preparou ^{e tal como existe no espírito dos sujeitos falantes} é certo que nós
estamos ainda obrigados, apesar de nós,
~~de apontar a~~ de opor sem cessar
esta semiologia à sempiterna
etimologia, que esta distinção quando se
chega ao detalhe, é tão delicado
que absorve só para si a ^{uma} atenção,
mesmo muito persistente ^e que ela ~~chega~~ será provavelmente
considerada ~~xxxx~~ uma distinção sutil em
mil casos, previstos ou imprevistos; que
por consequência o momento não é
ainda ~~chegado~~, ^{próximo, onde se poderá} ~~suprimir radicalmente~~
~~a etimologia~~, e empreender uma
^{operar} ~~teoria~~ com toda tranquilidade fora de toda
etimologia, sobre

Nesse fragmento, encontramos Saussure em um ponto bastante avançado da sua aventura. Ele chega a falar de um sistema de signos que é, de fato, a definição de língua que encontramos no CLG. Propõe o afastamento da etimologia como condição para estudar esse mecanismo num momento dado e vislumbra, assim, a possibilidade de esboçar os traços de uma área que pode ser a semiologia. Nesse

conjunto de manuscritos, contido em um envelope com uma etiqueta na qual se lia “ciência da linguagem”, tanto a linguística quanto a semiologia podiam nomear essa ciência.

Saussure parece ter encontrado outro prazer além do histórico. Ele foi tomado pela ideia do estado de língua em si mesmo, mas não ousou nomeá-la. O nome “sincronia” está ausente desse manuscrito. Além disso, quanto mais a sua elaboração avançava na direção de compreender a existência do sistema cujos valores emanavam da relação entre os termos que o compunham, mais ele estava certo de que, para compreender essas relações, era necessário estudar a língua em um momento dado. Marques (2017) discute a indissociabilidade entre as elaborações:

Isso nos permite afirmar com precisão que, para além da teoria do valor – a qual sistematiza o funcionamento das relações no mecanismo linguístico – a noção de relação é imprescindível para a fundamental distinção estabelecida por Saussure entre sincronia e diacronia (MARQUES, 2017, p. 2043).

Como se pode imaginar, a reflexão de Saussure nesse manuscrito retornou para a concepção de forma, já que a correlação entre os elementos solicitava recuperar essa concepção para, inclusive, aperfeiçoá-la. É nesse sentido que o movimento da escrita do genebrino no EDL nos parece espiralado: ele pode até parecer circular, mas não é. Ele retorna aos conceitos, mas, depois do surgimento de algo novo, que o leva a uma elaboração de questões nas quais já tinha avançado, mas não o suficiente, ele não volta ao mesmo lugar. O movimento em espiral dá voltas em torno de um ponto, mas, em cada uma dessas voltas, ele se afasta progressivamente do ponto de partida.

Assim, mesmo sem a terminologia específica do CLG, as noções

de sincronia e diacronia tiveram um espaço seminal nesse manuscrito e engendraram outra rota na aventura saussuriana.

No CLG, Saussure foi muito mais longe, embora não tenha se afastado da reflexão constante no EDL. Nas aulas que deram origem ao livro, ele retomou, aprofundou e esclareceu muito do que se lê no manuscrito escrito quase duas décadas antes.

A discussão sobre o funcionamento da língua entre a sincronia e a diacronia é tratada com extrema maturidade no CLG, como denuncia o capítulo “Mutabilidade e imutabilidade da língua”. De Mauro faz uma excelente observação sobre esse capítulo, tanto no que se refere à sua recepção quanto à profundidade teórica e, principalmente, em relação ao lugar que a história ocupa para Saussure:

Ce chapitre se trouve dans une des zones les moins lues du C. L. G., coïncé comme il est entre les pages sur l'arbitraire et celles sur la distinction entre synchronie et diachronie qui ont polarisé l'attention des spécialistes, en les hypnotisant. Le sens non conventionnaliste de l'arbitraire saussurien, la profonde conscience de la nécessité historique du signe, la conscience en somme de la radicale historicité des systèmes linguistiques, trouvent dans ces pages peu lues leur manifestation la plus rigoureuse. En lisant ces pages, on a peine à croire que Saussure ait été loué ou plus souvent blâmé comme le créateur d'une linguistique anti-historique et virginale, d'une vision de la langue comme système statique, hors de la vie sociale et de la durée historique. C'est pourtant ce fantôme qu'on a trop souvent combattu au lieu de Saussure (DE MAURO, 1986b [1967], p. 448).

De Mauro é crítico em relação àqueles que ficam hipnotizados com a distinção entre sincronia e diacronia e especialmente com os que elogiam ou acusam Saussure de ter criado uma ciência anti-histórica, considerando a língua como um sistema estático, fora da vida social e da duração histórica. É contra esse fantasma que devemos lutar, ele nos diz. Além disso, ele chama a atenção para o

fato de o termo “história” ser ressignificado por Saussure:

Dans le C. L. G., *histoire* semble souvent s’opposer à *description* et équivaloir donc à *diachronie*. Certaines réserves apparaissent dans C. L. G. 116 sur la possibilité d’utiliser le terme *histoire*, considéré avec raison comme pouvant faire référence aussi bien à une évolution qu’à un état. En effet, Saussure lui-même avait adopté dans la leçon inaugurale de Genève, *histoire* en un sens bien différent (DE MAURO, 1986b [1967], p. 416, grifos do autor).

Como tínhamos visto no EDL, apesar de Saussure avançar na sua elaboração a respeito de um mecanismo linguístico cujo funcionamento sua geração não esclareceu – sendo, portanto, enfático em assinalar que isso se distingue dos pontos de vista a partir dos quais o século XIX erigia os estudos da linguagem –, ainda assim ele não chegou à formulação da linguística sincrônica e diacrônica. Talvez isso tenha ocorrido porque havia muitos outros pontos a serem elaborados sobre outros aspectos relacionados com o objeto de estudos da linguagem. O lugar da história na língua é, certamente, um deles, embora não seja o único, como mostra o capítulo a seguir. Vejamos o que se lê em seu outro manuscrito, da mesma época: *Première conférence à l’Université (cours d’ouverture, nov. 1891)*³⁸

Plus on étudie la langue, plus on arrive à se pénétrer de ce fait que *tout* dans la langue est *histoire*, c’est-à-dire qu’elle est un objet d’analyse historique et non d’analyse abstraite, qu’elle se compose de *faits* et non de *lois*, que tout ce qui semble *organique* dans le langage est en réalité *contingent* et complètement accidentel (ENGLER, 1966, p. 36 *apud* DE MAURO, 1986b [1967], p. 416, grifos do autor).

38 Cf. Silveira (2002).

De Mauro recupera essa passagem do manuscrito de Saussure referindo-se à célebre publicação de Engler³⁹ a partir da qual se vê que a posição do genebrino é bastante diferente do EDL, quando ele postulou a possibilidade de um ponto de vista estático, que supostamente foi escrito no mesmo ano da *Première conférence*. Se, nessa primeira conferência, “tudo na língua é história”, no EDL nem tudo na língua é história porque os “pontos de vista” levaram Saussure a ver além da história e também a diferenciar a história da etimologia e da diacronia.

Contudo, para que Saussure pudesse avançar ainda mais e estabelecer a linguística sincrônica e a linguística diacrônica, ele precisou de mais algumas elaborações. De Mauro interpreta essas duas linguísticas de Saussure como bastante interligadas e afirma que as características formais da sincronia são resultados dos acidentes de diferentes ordens que se produzem no curso do tempo. Assim, a língua como forma é também radicalmente histórica. Ele conclui:

En d'autres termes, si toute cette interprétation est exacte, le C. L. G. aurait dû s'ouvrir par les pages sur l'identité diachronique et synchronique, puis se poursuivre par la reconnaissance du caractère arbitraire du signe et donc du caractère formel de la langue, et enfin se conclure, pour sa première partie, par la distinction méthodologique entre la considération d'un phénomène linguistique en tant qu'il représente une certaine valeur (*langue*) ou en tant que manifestation phonico-acoustique ou psychologique (*parole*) (DE MAURO, 1986b [1967], p. 421, grifos do autor).

Trouxemos essa perspectiva de De Mauro sobre o CLG não somente porque ela subverte a leitura bastante difundida de que

³⁹ É interessante notar que De Mauro assinala a data de 1966 como sendo a da publicação, enquanto Otto Harrassowitz, que publicou a edição crítica do CLG feita por Engler, bem como a transcrição de vários manuscritos de Saussure, indica 1968 como sendo a data da publicação, o que confirma o rumor que De Mauro teve acesso aos manuscritos de Engler antes da sua publicação.

Saussure teria excluído a história da língua ao dar privilégio à linguística sincrônica, mas, sobretudo, porque com De Mauro se percebe o entrelaçamento das elaborações teóricas de Saussure no CLG, que constituem o eixo da sua escrita no EDL. Observe-se que o caráter arbitrário do signo e a distinção entre fala e língua, considerando esta aliada à noção de valor, constituem a possibilidade de estabelecer a identidade sincrônica e a identidade diacrônica no objeto dos estudos da linguagem. O entrelaçamento entre vários conceitos que formam um cabedal teórico capaz de dar sustentação epistemológica aos estudos da linguagem é um traço da elaboração de Saussure que se mantém do manuscrito às aulas que deram origem ao CLG. As suas elaborações sobre sincronia e diacronia mostram que, ao serem tratadas isoladas dos outros conceitos, elas se prestam a toda sorte de equívocos na recepção do CLG.

De fato, o entrelaçamento dos conceitos é perceptível tanto nos manuscritos quanto no CLG, bem como o entrelaçamento de Ananche e Eros nas elaborações de Saussure sobre sincronia e diacronia. Nem sempre é fácil saber quando o prazer histórico cede lugar às necessidades de reformulações da terminologia ou mesmo surpreender o momento em que o que era necessidade passa a ser vivido como prazer. Agamben também nos diz que “a arte de viver consiste também em curvar-se, na justa medida, àquilo que não se pode, em nenhum caso, escapar” (AGAMBEN, 2018, p. 12). Mas, nesse caso, talvez ainda seja um pouco diferente, porque, se Saussure entrou nessa aventura por uma necessidade da área, que ele entendia como incumbida a ele, também é certo que a aventura está relacionada com o desconhecido ou com Tyche, “que deriva do termo tychiano, acontecer” (AGAMBEN, 2018, p. 51). Ela é o acaso ou o destino. É nesse ponto que Ananche e Tyche se encontram de uma maneira muito particular, porque, se a necessidade é representada

por Ananche, é preciso considerar que ela é também a deusa da inevitabilidade, justamente o que coordena o destino, ou Tyche. Assim, como dissemos anteriormente, Ananche é necessidade, mas também destino, ou seja, o inverso de Tyche, que é destino, mas também necessidade. Se, em Tyche, o destino enquanto acaso é incontornável, em Ananche (a necessidade), o que está em jogo é a incontornabilidade do acaso.

Assim, reformular a terminologia era necessidade, mas também uma aventura, ou destino, que rendeu a Saussure, no acaso das suas formulações, a direção, incontornável, para a linguística sincrônica. Houve, então, um deslocamento de Eros, e a linguística histórica deixou de ser prioridade.

CAPÍTULO 5 - LÍNGUA, LINGUAGEM E FALA

Qual é o objeto, ao mesmo tempo integral e concreto da Linguística? A questão é particularmente difícil: veremos mais tarde por quê. (Saussure)

No manuscrito conhecido, em português, como “Essência dupla da linguagem” ou “Ciência da linguagem”, os próprios títulos deixam entrever que não se está diante de uma elaboração saussuriana tal qual se lê no CLG. Na publicação póstuma, há uma clara distinção entre língua, linguagem e fala, colocando a primeira como objeto teórico da linguística. Nesse ponto do nosso trabalho, procuraremos responder qual é a instância desses conceitos no EDL. Embora os títulos denunciem um estado de formulação que não se equipara ao do CLG, talvez as ocasiões de elaboração dos conceitos que apresentamos até agora não fossem indiferentes, para Saussure, a essa distinção entre língua, fala e linguagem, tão complexa e cara à

definição do objeto da linguística⁴⁰.

Retomando a carta de Saussure à Meillet, é literal a sua questão com a terminologia quando ele diz da necessidade de reformulá-la, mas há também um problema maior que ele emenda nessa mesma locução: a necessidade de mostrar qual espécie de objeto é a língua em geral. Essa carta, com data de 1894 grafada pelo próprio Saussure (ao contrário do EDL, no qual a data presumida é 1891), seria, portanto, anterior à elaboração teórica presente nesse manuscrito ou mesmo concomitante a ele, já que o certo é que o manuscrito é posterior a 1891, visto que muito do que está escrito no EDL consta no verso de um convite de casamento datado deste ano.

Contudo, se a relação cronológica entre eles é claudicante, a relação lógica é mais evidente, como temos mostrado ao longo deste trabalho. De fato, no EDL, a questão sobre o objeto da linguística é expressa literalmente, em caixa alta e em posição de título, ao alto da folha e centralizada:

Figura 41 - Reprodução da folha 13 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372

NATURE DE L'OBJET
EN LINGUISTIQUE

Fonte: Saussure (1891a, p. 13)

Sendo assim, o que está em questão, nesse manuscrito, é:

40 Sobre essa complexidade, conferir o trabalho de Coelho (219).

Figura 42 - Reprodução da folha 153 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372

la valeur entière de notre connaissance)
on s'occupe vraiment d'un objet

Fonte: Saussure (1891a, p. 153)

todo o valor de nosso conhecimento
é se ocupar verdadeiramente de um objeto

Além disso, o próprio CLG, no capítulo “Objeto da Linguística” expressa a íntima relação entre alguns pontos da sua elaboração: “Bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto” (SAUSSURE, 1973 [1916], p. 15). Assim, a reflexão de Saussure sobre os pontos de vista nos estudos da linguagem o permitiram discernir entre a linguística sincrônica e a diacrônica teve efeitos sobre a sua elaboração sobre o próprio objeto da linguística.

Na verdade, essa preocupação com o objeto dos estudos da linguagem já havia aparecido em outro manuscrito de 1891:

Figura 43 - Reprodução da folha 3 do manuscrito *Première conférence à l'Université de Genève* (novembre de 1891), sob a inscrição Ms.Fr. 3951-1

~~Le langage? Mais la parole? c'est
une chose que nous oublions également
parce que le langage ou la langue -
ceci est la même chose, ceci n'est rien
d'autre que la généralisation de cela -~~

Fonte: Saussure (1891b, p. 3)

Nesse manuscrito, Saussure se questiona sobre uma ciência dos estudos da linguagem que tivesse um objeto próprio, o qual não se confundisse com o que, embora lhe fosse próximo, não lhe pertencesse. Sob a barra de rasuras na horizontal e na transversal, ele se pergunta: “A linguagem, mas e a fala?”. Um pouco adiante, afirma que linguagem e língua não são senão uma a generalização da outra. Mas as rasuras apontam para a insatisfação do genebrino com as suas colocações nesse momento.

Assim, nos parece pertinente examinar o EDL com o objetivo de saber se esses três termos se encontram no horizonte de elaboração de Saussure e, em caso afirmativo, se há uma hierarquia de interesse ou de nível de elaboração entre eles. Mais ainda, interessa-nos questionar se, no referido manuscrito, os termos granjeiam uma diferenciação entre si e, por fim, se alcançam a categoria de conceito. Tal exame pode nos permitir chegar à gênese de algum desses conceitos na elaboração de Saussure, ou, pelo menos, destacar momentos diferentes da elaboração de Saussure em relação a ele. Por um lado, esse conhecimento pode corroborar o processo epistemológico de construção de um conceito linguístico e, por outro lado, contribui para a historiografia da linguística.

Entretanto, trata-se aqui de acompanhar Saussure nesse seu percurso pelo EDL, no qual, segundo a nossa perspectiva, a desconhecida aventura se faz na sua própria narrativa e por um sujeito totalmente implicado nessa experiência. Vale lembrar que, na perspectiva de Agamben sobre a aventura, “todo homem se encontra preso à aventura, todo homem tem, por isso, a ver com Daimon, Eros, Ananche, Elpis. Esses são os rostos – ou as máscaras – que a aventura – a Tyche – a cada vez lhe apresenta” (AGAMBEN, 2018, p. 61). Nesse sentido, passamos a perscrutar qual é a potência que preside a experiência de Saussure nesse manuscrito quando se

trata do próprio objeto da linguística.

Todavia, é importante saber que, no EDL, o tríptico conceitual língua, linguagem e fala não existe, como dito em capítulo anterior. De certa forma, não encontrar esses conceitos elaborados nesse manuscrito e elencá-los como uma busca mostra a anterioridade do CLG imposta às pesquisas saussurianas. Essa imposição se dá, em primeiro lugar, pela impossibilidade de “desler” um texto. É da ordem do impossível, para um estudante de Letras e mais ainda de linguística (mas não só), resistir a conhecer Saussure. Se ele não chega a ele diretamente pelo CLG, chega pelos seus comentadores ou críticos. Assim, o conhecimento desse tríptico conceitual é ainda maior que o das chamadas “dicotomias” saussurianas. Em segundo lugar, essa distinção é fundante da linguística enquanto ciência, já que é nesse discernimento que se delimita o objeto dessa ciência. Talvez por isso seja impossível passar incólume ao CLG em todas as áreas que se ocupam da língua, da fala ou da linguagem, que, depois dele, não se confundem mais.

Se assim é, se o anacronismo já vem cunhado na questão que se põe ao manuscrito e é assumida enquanto tal, a discussão sobre essa problemática deve passar mais por conhecer os bastidores da cena em que esses conceitos foram enunciados do que em uma busca pelos próprios conceitos. Será esse o nosso caminho, que outros já visitaram em função de outros documentos saussurianos. Por isso, vamos nos deter nesse material, a princípio, para então prosseguir nosso estudo pelo EDL.

Partiremos do princípio enunciado por Milner (2021 [1989], p. 33) de que de maneira geral, uma proposição sempre permite a construção de outras”, ou seja, algumas das elaborações de Saussure nesse manuscrito dão espaço a outras. O postulado enunciado por Milner é ainda mais verdadeiro nesse manuscrito, no qual o elo entre

os conceitos em elaboração está em relação direta com a própria delimitação do objeto da linguística.

Essa perspectiva não é nova, bem sabemos, especialmente em relação a esses três conceitos, língua, linguagem e fala. Em um trabalho com foco em apenas um desses conceitos, a fala, Silveira (2013, p. 55-56) já havia atentado ao fato que “o conceito de fala está no centro de suas [Saussure] preocupações, justamente com o conceito de língua, e, além disso, o conceito de fala está determinantemente ligado aos outros conceitos”.

À vista disso, julgamos pertinente examinar o manuscrito com o objetivo de saber se esses três termos se encontram no horizonte de elaboração de Saussure e questionar se há uma hierarquia de interesse ou de nível de elaboração entre eles, além de analisarmos se, no referido manuscrito, os termos granjeiam uma diferenciação entre si e, por fim, se alcançam à categoria de conceito. Tal exame pode nos permitir chegar à gênese de algum desses conceitos ou, pelo, menos indicar momentos diferentes da elaboração de Saussure em relação a ele. Por um lado, esse conhecimento pode nos informar sobre o processo epistemológico de construção de um conceito linguístico e, por outro lado, contribui para a historiografia da linguística.

O seguinte fragmento ilustra a forma com que Saussure coloca claramente a questão do objeto e a linguagem, que oferece problemas para sua abordagem:

Figura 44 - Reprodução da folha 22 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372

Celui qui se place devant l'objet complexe
 qu'est le langage pour en faire l'objet
~~de~~ son étude, abordera nécessairement
 cet objet par tel ou tel côté, plus ou
~~moins bien choisi~~, qui ne sera jamais
 tout le langage à ~~le sup~~ en le suppo-
~~sant~~ très bien choisi, et qui peut ~~n'être~~
~~rien de tout pour le au fond pour le~~
~~langage si~~ s'il l'est ~~moins~~ bien choisi
 n'être plus même de l'ordre linguistique
 ou représenter une confusion de points
 de vue inadmissible par la suite.

Fonte: Saussure (1891a, p. 22)

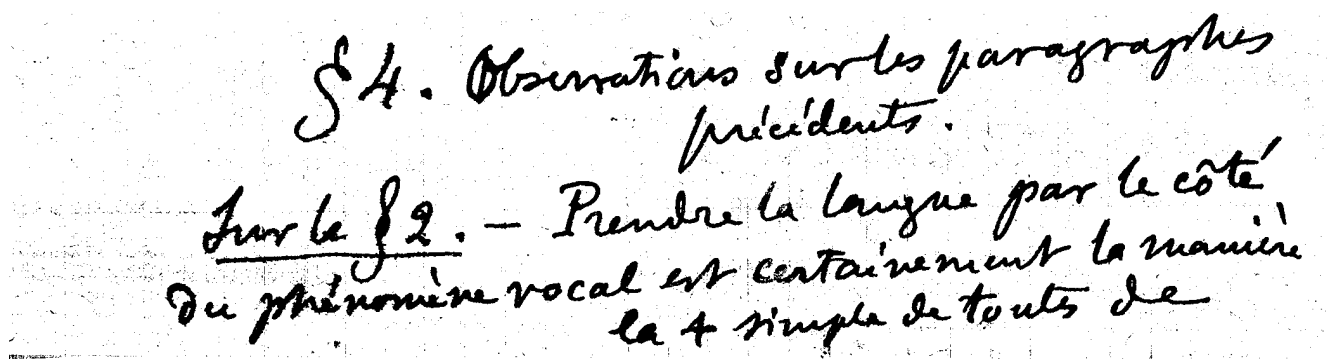
Aquele que se coloca diante do objeto complexo que é a linguagem para nele fazer o objeto de seu estudo, abordará necessariamente esse objeto por tal ou tal lado, ~~mais ou~~ menos bem escolhido, que não será jamais toda a linguagem a ~~le xxx~~ se supondo muito bem escolhido, e que pode ~~não~~ ser nada fundamentalmente para a ~~linguagem~~ se se ela não é muito bem escolhida não ser mais mesmo da ordem linguística ou representar uma confusão de pontos de vista inadmissíveis em seguida.

Sabemos que o CLG traz uma passagem semelhante a essa, na qual o genebrino aponta mais de um lado para abordar o

objeto da linguística, no capítulo justamente com esse nome. No entanto, na edição, ele formula uma questão ainda mais complexa, problematizando o objeto da linguística. Porém a resposta que vem a seguir é precisamente uma boa delimitação da língua, da linguagem e da fala, o que não se encontra no EDL. A pergunta, no CLG, que é uma retomada das suas aulas a partir dos cadernos dos alunos, parece puramente pedagógica, enquanto no EDL ela sugere estar de fato a serviço das suas questões.

Em seguida, ele faz algumas considerações a respeito da identidade na morfologia e na ordem vocal, se demorando um pouco mais nesta última. Ele conclui:

Figura 45 - Reprodução da folha 46 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372



Fonte: Saussure (1891a, p. 46)

§ 4. Observações sobre os parágrafos
 precedentes

Sobre o § 2. Tomar a língua pelo lado
 do fenômeno vocal é certamente a maneira
 + simples de todas de

Saussure, nesse fragmento do manuscrito, indica que a língua tem uma relação com o que ele chama de “fenômeno vocal”, mas também parece sugerir que tomar um pelo outro não é a melhor solução. Há uma profusão de termos, no EDL, que estão em correlação

[Acrescente-se aqui]
o fato de que se lê uma escrita cor-
rentemente sem se duvidar da forma
dos signos: assim, a ~~grande parte~~^{maioria} das ~~peessoas~~^{peessoas}
~~jogam~~^{interrogadas} ~~seriam~~^{se encontram muito embaraçadas} para ~~reescrever~~
~~traçar~~^{reproduzir exatamente a forma de} um ~~g~~^(minúsculo redondo) impresso, que ~~eles lêem~~^{cada um lê} todos
os dias ~~algumas centenas de vezes~~^{cinquenta vezes} ou ~~se não~~^{se não} mil. O fenômeno parece ser
muito exatamente o mesmo que aquele da inconsciência
do som das palavras em si mesmo, e De uma
maneira + geral ~~me parece~~^{me parece} ~~é muito provável~~
que ~~não somente~~^{seja} no campo do efeito
individual (= semiológico), ~~mas também~~
~~seja~~^{seja} na ~~série de frases históricas~~
perspectiva histórica, os fatos relativos
à escrita ~~à escrita~~^{à escrita} apresentam a ~~homologia uma~~
~~face~~^{face} ~~caso homólogo~~ talvez a respeito de todos os fatos
exceção que existem na linguagem uma
mina de observações intxxxxx, e de fatos
completamente homólogos não somente análogos,
mas completamente homólogos ~~de um extremo ao outro~~^{de um extremo ao outro} aos que se
pode discernir na linguagem falada.
Para a escrita ~~o som torna-se sentido,~~
e o sentido é representado pelo som
enquanto que o som; é representado pelos
traços gráficos; mas a relação entre o
traço gráfico e o som falado é a mesma que entre

o som falado e a ideia.

Destacamos essa folha toda do manuscrito para que o leitor perceba que a elaboração pode ser muito lenta. Entretanto, é possível recolher aí um elemento que nos auxilie na compreensão dessa aventura conceitual empreendida por Saussure. Nessa folha, o genebrino indica que tanto a escrita (ou os traços gráficos) quanto o som (ou o “fenômeno vocal”) compartilham uma característica de funcionamento que é uma inconsciência na apreensão da sua forma.

Essa observação é rasurada e retomada muitas vezes. Nos surpreende o fato de que, na sua reescrita, Saussure não a modifica muito: há certa repetição entre o que está rasurado e o que vem no inciso ou na sequência. Parece-nos que o importante para a elaboração que estamos acompanhando é uma locução empregada por ele nesse fragmento do manuscrito, que se refere à “linguagem falada”. Por último, temos uma variação dessa primeira locução, que trata do “som falado”.

Uma observação dos empregos dos termos língua, linguagem e fala nesses dois fragmentos nos faz perceber que Saussure não toma um pelo outro. Observe-se que não é indicado tomar a “língua” pelo “fenômeno vocal”, no primeiro fragmento, enquanto no segundo ele se refere à “linguagem falada” e ao “som falado”. Não parece um simples deslizamento da nomenclatura, mas uma procura pela elaboração conceitual mesmo, o que demandaria um nome específico. Vale também considerar que, embora a elaboração teórica que ele vinha apresentando nesse manuscrito caminhe na direção de distinguir “som” de “figura vocal”, nem sempre ele é conseqüente com essa formulação. Às vezes, “som” e “linguagem falada” podem coincidir. Mas, nesse, segundo fragmento, já há uma colocação sobre o caráter individual (e também histórico) do que acontece na “linguagem falada”. Seria uma tentativa de pensar o funcionamento da fala?

A diferenciação entre língua e fala, no CLG, é conhecida pela oposição entre o individual e o social no que diz respeito à execução de um idioma e também entre o geral e o particular, no que se refere à abordagem do objeto. É possível encontrar marcas dessa elaboração em alguns pontos do manuscrito, como segue:

Figura 47 - Reprodução da folha 47 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372

47. 5 de 3. L'aborder, ~~abordé~~ en réalité.
 comme il résulte du § 3 ce n'est pas
 même une manière d'aborder
 or, en admettant ~~impossible~~
 même ~~impossible~~, il est extrême-
 ment frappant que d'en faire
 il devient ~~impossible~~ de re-
 tourner sur des INDIVIDUS donnés
 pour généraliser ensuite; pu l'on
 contraire il faut commencer par
généraliser ~~en~~ ^{en} ~~la~~ ^{la} ~~on~~ ^{on} ~~peut~~ ^{peut} obtenir
 quelque chose qui forme lieu de
~~l'individu~~ de ce point ailleurs
 l'individu.

Fonte: Saussure (1891a, p. 47)

abordá-la, a tal ponto que na realidade
 como resultado § 3 o que
 nem é uma maneira de abordá-la
 ora, admitindo esse procedimento
 mesmo esse procedimento, é extrema-
 mente evidente que
 ele é impossível de re-
 fletir sobre os INDIVÍDUOS dados,
 para generalizar em seguida; que ao
 contrário é necessário começar pela
generalização, se se quer obter
 qualquer coisa que faça a vez do
 indivíduo disso que é alhures

o indivíduo.

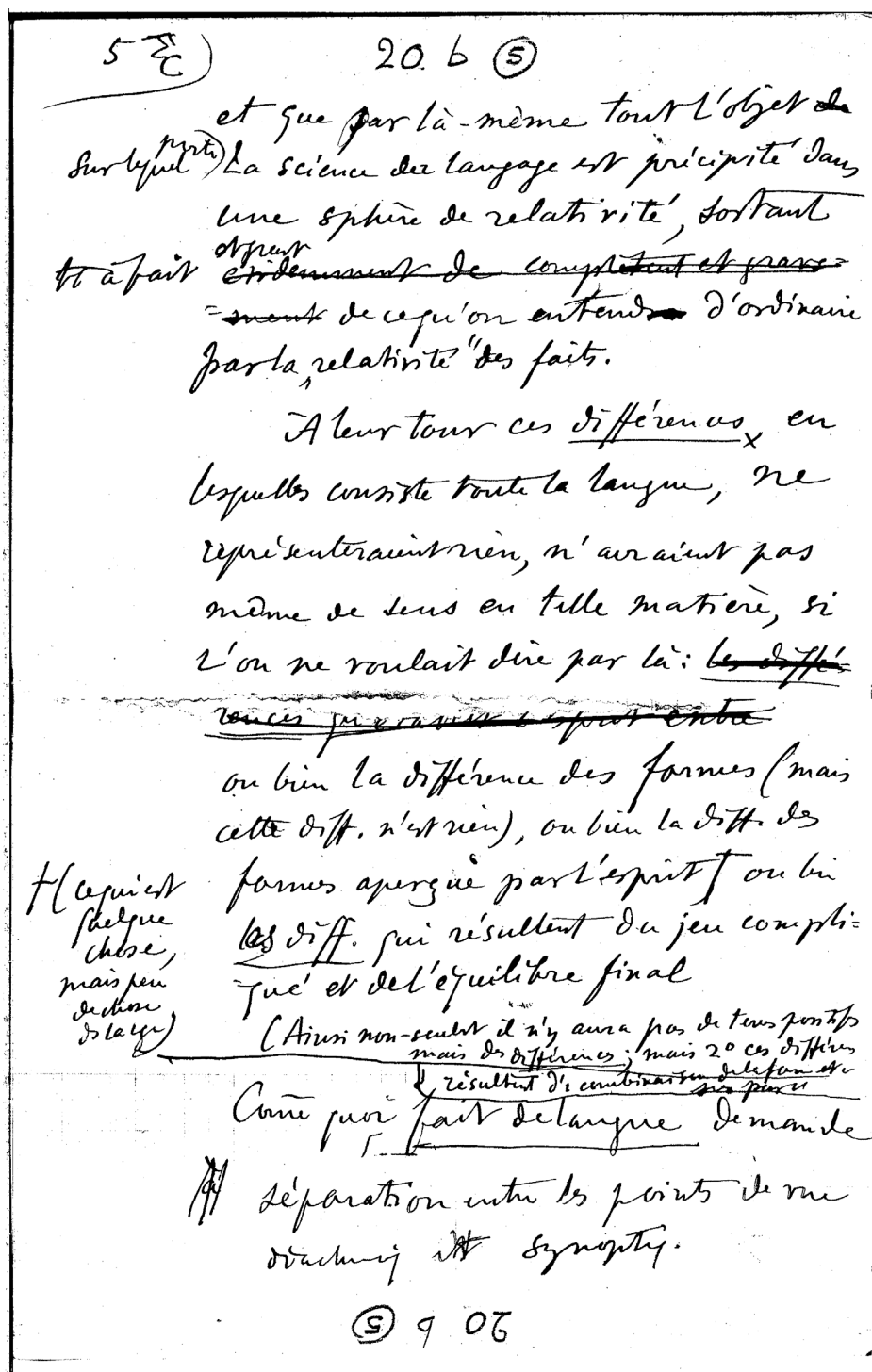
Nesse manuscrito, Saussure utiliza o termo “fala” pouquíssimas vezes. Assim, é digno de destaque o momento em que ele divide a fala em duas categorias: a efetiva (fala real) e a potencial (paralelismo). Essa elaboração, bastante inicial, parece-se muito com o que se recolhe no CLG sobre relações sintagmáticas e associativas. Seria isso um indício da elaboração de um conceito de fala para além do que a recepção de Saussure tem distinguido na maioria das suas interpretações?

No entanto, se, sobre a fala, temos muitos indícios e encaminhamentos menos conclusivos, o mesmo não acontece em relação à língua, que já tem todos os elementos do sistema que fornece o aparato do seu funcionamento, embora nem a terminologia nem a sua fundamentação conceitual esteja fixada como no CLG. A linguagem, por sua vez, não aparenta proximidade com a clássica definição que a toma como heteróclita e multiforme na edição. Porém, à medida que língua e fala começam a ser especificadas, é possível compreender porque o conceito de linguagem representa a amplitude do objeto e não as suas especificações. Saussure começou pelo termo linguagem, mas foi descobrindo um funcionamento que o levava a tal conceituação, que chamou de língua, que, evidentemente, difere de um idioma. Esse conceito, por sua vez, se diferenciava de fala, evidentemente diferente dos sons. Porém, ele enxergava os dois, inicialmente, como sendo da ordem da linguagem.

Se, ao estabelecermos essas diferenças, precisamos ir aos detalhes – entre língua e idioma, entre fala e som – é porque os estudos da linguagem do século XIX demandavam essa diferenciação, que, na linguística pós-saussuriana, parece desnecessária, embora o senso comum não reconheça essas distinções.

Em um ponto já adiantado do manuscrito, Saussure tece uma reflexão na qual é possível surpreender uma asserção bastante explícita sobre a língua, sem nenhum ponto de indiscernimento com a linguagem ou com a fala. Vejamos:

Figura 48 - Reprodução da folha 154 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372



Fonte: Saussure (1891a, p. 154)

e que por isso mesmo todo objeto
sobre o qual incide a ciência da linguagem é precipitado em
uma esfera de relatividade, , saindo
absolutamente e gravemente ~~evidentemente de completa~~
~~mente~~ disso que se entende de ordinário
pela “relatividade” dos fatos.
Por sua vez essas diferenças -, as
quais consiste toda a língua, não
representariam nada, não teriam nem
mesmo o sentido em tal questão, se
não quisesse dizer por isso: ~~as dife~~
~~renças que x saber xx espírito entre~~
ou bem a diferença das formas (mas
esta diferença não é nada), ou bem diferença das
formas percebidas pelo espírito (o que é alguma coisa, mas pouca coisa na língua) ou bem
as diferenças que resultam do jogo compli-
cado e do equilíbrio final
(Assim não somente não haverá termos positivos
mas diferenças; mas 2º. essas diferenças

resultam de uma combinação da forma e do sentido percebido

Como o que um fato de língua exige
* separação entre os pontos de vista
diacrônico e sinóptico.

Aqui, parece se tratar mesmo do objeto teórico específico da linguística. Porém, no mesmo fragmento, ele fala da ciência da linguagem, o que, para nós, é no mínimo paradoxal: tomar a língua como objeto da ciência da linguagem.

Também são dignas de destaque as últimas linhas dessa folha, quando Saussure afirma que, de fato, a língua exige uma separação entre os pontos de vista diacrônico e o sinóptico. Notemos que, se o termo “sincrônico” ainda não era usado por Saussure, ele estava em busca de uma terminologia para o que ele chamava até aqui de

“estado de língua”. Além disso, as elaborações se cruzam. À medida que a sua elaboração se aproxima desse “objeto sobre o qual incide a ciência da linguagem”, também é preciso trazer para a cena a elaboração anterior que remete à sincronia e à diacronia. Certamente, ainda, ao falar da “relatividade” e da “diferença”, ele chama para o objeto as elaborações sobre o signo linguístico e uma teoria do valor embrionária.

Sobretudo, não são poucos os lugares de sua aventura para definir o objeto da linguística que o colocam em situações de muito desamparo entre os termos “língua”, “linguagem” e “fala”. Acompanhem alguns desses excertos do manuscrito:

Figura 49 - Reprodução da folha 183 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372

De l'essence 27 ①

(avant-propos), considéré en tant que "en tant que"... Mais à force de voir que chaque élément du langage et de la parole est autre chose selon les points de vue où on se place, il arrive ~~un moment où il est absolument nécessaire de se placer~~ ^{innombrables et variables} les points de vue presque ^{infinis} ou on peut se placer ^{pour} ~~se placer pour~~ l'examiner, il arrive un moment où il ~~faudrait~~ et où il faut passer à la discussion de ces points de vue eux-mêmes, à la clarification raisonnée qui fixera la valeur respective de chacun.

Fonte: Saussure (1891a, p. 183)

Da essência
 (preâmbulo) considerada enquanto que “... en-
 quanto que”... Mas à força de ver que cada
 elemento da linguagem e da fala é outra
 coisa segundo o^{xxx} ponto de vista onde o lugar,
 chega que um momento onde ele é absolutamente
 necessário deva se colocar
 os pontos de vista, quase infinitos inumeráveis e igualmente legítimos, em que se pode
 se colocar para se colocar para considerá-la, chega um momento
 onde ele xxx
 e onde é necessário passar à discussão desses
 pontos de vista, à classificação
 racional que fixará o valor respectivo de
 cada um.

Ao retornar explicitamente à questão da essência, ele volta ao termo “linguagem”, mas também menciona a fala e confessa a dificuldade em classificar um ou outro. Saussure só vê como saída a retomada da questão do ponto de vista.

Mais adiante, a questão se localiza entre língua e linguagem:

Figura 50 - Reprodução da folha 213 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372

— Nulle part, dans l'état actuel, on
 ne ^{peut} prononcer le mot de langue, ou
 de langage, sans qu'il y ait équivoque
 entre d'abord à constater l'équivoque
 possible entre langue et transmission
de la langue

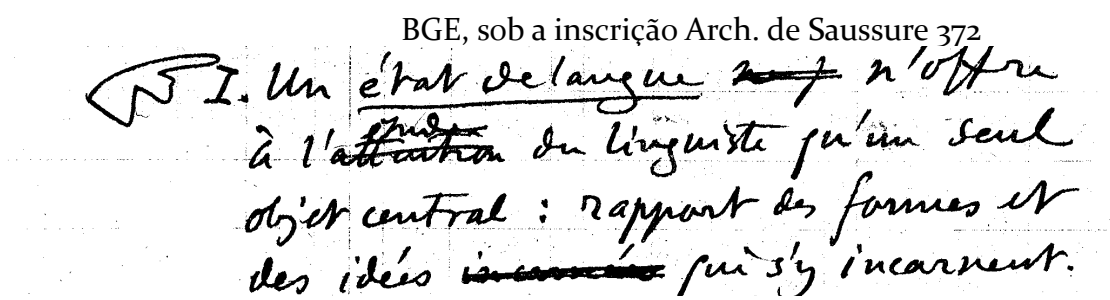
Fonte: Saussure (1891a, p. 213)

- Em nenhuma parte, no estado atual, se pode pronunciar a palavra língua, ou ^a linguagem, sem que se tenha equívoco entre antes constatar o equívoco possível entre língua e transmissão da língua

Observemos que ele traz um tema caro a esse manuscrito, que é a transmissão. Estaria ele falando do fato social da língua, ou da fala, enquanto aquela que permite a transmissão da língua? Esse é um tema que merece tratamento adequado nesse manuscrito, especialmente em relação com outros manuscritos seus que favorecem muito essa discussão.⁴¹

É certo que, nesse manuscrito, ele chega a um ponto de elaboração sobre o “estado de língua” e se aproxima bastante da resposta sobre a “natureza do objeto” que vimos anteriormente, como segue:

Figura 51 - Reprodução da folha 212 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na



Fonte: Saussure (1891a, p. 212)

I. Um estado de língua ~~xxxx~~ oferece à atenção ^{estudo} do linguista um único objeto central: relação das formas e

41 Para um aprofundamento do tema, ver a tese *Os manuscritos de Ferdinand de Saussure sobre as lendas germânicas: uma relação entre a fala e a história*, de Henriques (2019).

das ideias ~~xxxxx~~ que nele se encarnam.

A relação no interior desse estado de língua também parece ser um ponto pacífico para Saussure. Os elementos internos, agora chamados de forma e ideia, por fim, “encarnam” o estado de língua que oferece ao linguista o objeto central: as relações. O CLG é lido de diversas maneiras; essa também é uma forma de lê-lo: colocando a teoria do valor no centro das elaborações de Saussure.

Na esteira do manuscrito de Saussure, notamos que ele não conta a sua aventura, a experiência na própria escrita. Como já dissemos, ele não poderia saber o seu final – que a distinção conceitual entre língua, linguagem e fala e o arcabouço teórico que a sustenta renderia à linguística o distintivo de ciência moderna a partir de seu livro póstumo. Na verdade, ele sequer poderia saber, no EDL, que a distinção entre língua, linguagem e fala seria, de fato, realizada. Mas, como vimos no capítulo anterior, em um determinado momento da sua elaboração foi necessário reconhecer o papel da relação entre os elementos desse objeto, a negatividade de cada elemento e a sua natureza diferencial.

Considerando esse reconhecimento de Saussure, podemos supor, anteriormente, que houve o deslocamento de Eros da linguística histórica para a linguística estática (ou sinóptica), como ele nomeia no EDL. Esse deslocamento teve como consequências um ir além, que associamos com Elpis, a esperança, naquilo que ela, no contato com Ananche, implica o desafio ou “uma peripécia cujo êxito é inseparável da possibilidade do engano e da ilusão” (AGAMBEN, 2018, p. 23). Lembremos que Elpis, enquanto esperança, não é boa ou má; longe dessa perspectiva maniqueísta, a ela é um lançar-se ao desconhecido com Eros, ou seja, com amor.

O CLG testemunha os efeitos dessa potência sobre a elaboração

de Saussure. De Mauro (1986b [1967]) oferece-nos uma informação preciosa sobre a apresentação desses conceitos nas aulas de Saussure no início do século XX e a posterior publicação dos mesmos no CLG:

Durante o terceiro curso (S.M. 82, n. 114), na aula de 2 de maio, Saussure aborda o capítulo dois da parte “A língua”: depois de ter tratado o capítulo “A língua separada da linguagem” (SM. 81, n. III), usado pelos editores como base para a introdução do CLG (p. 27 e ss.) (DE MAURO, 1986b [1967], p. 438).

Os exegetas de Saussure costumam dizer que a distinção entre língua, linguagem e fala é tardia na sua produção. No entanto, os que se detém em muitos dos materiais produzidos pelo linguista sabem que uma preocupação com essas instâncias é característica da obra do genebrino. É famosa, por exemplo, a informação de que Saussure teria anunciado a discussão da linguística da fala para os últimos dos seus cursos em Genebra e que não logrou fazê-lo em função dos problemas de saúde que o levaram à morte. Todavia, os seus manuscritos sobre os anagramas ou as lendas germânicas – que não são considerados do âmbito da linguística geral – trazem informações e elementos importantes da elaboração de Saussure a partir da fala, como é o caso das suas pesquisas sobre o lituano.

Sem dúvida, a questão da distinção entre esses termos que especifica conceitos linguísticos independentes (apesar de relacionados) é bastante complexa, inclusive no campo da recepção da produção saussuriana, ou, mais especificamente, do CLG. Algumas consequências se recolhem no campo da linguística, entre elas a distribuição desses termos e os respectivos conceitos na variedade das línguas. Nem todas têm os três termos distintos em posição de acolher as três conceituações. Às vezes, elas têm muito mais do que três. Porém a distinção entre eles não favorece o rigor conceitual,

como é o caso da língua inglesa, por exemplo⁴².

Finalizaremos este, que é o nosso último capítulo, com a imagem e a transcrição de uma página desse manuscrito, que apresenta, justamente, a complexidade das elaborações de Saussure nessa aventura que passa pelo tríptico conceitual língua, linguagem e fala. Nessa folha do seu manuscrito depreendemos, principalmente, os seus momentos de incertezas, que abrem, frequentemente, a possibilidade de questões produtivas. Além de tudo, a folha acaba, mas a escrita de Saussure não- ela se interrompe no meio da frase, indicando que há mais a se dizer, que nada está terminado. Fiquemos com ela:

Figura 52 - Reprodução da folha 215 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372

Faut-il dire notre pensée *langues*
^{infin} ~~proche~~? Il est à craindre qu'~~elle~~,
~~car nous ne voulions pas absolument~~
~~selon nos Hoffmann~~, que la rue exacte de ce
 qu'est la langue ne conduise à ~~débâcle~~
 douter de l'avenir, ~~de la~~
 linguistique ~~est~~ de la mission
 féconde de la linguistique. Il y a
 disproportion entre ~~les~~ la complication
~~des~~ ~~comme~~ science. Il y a dispropor-
 tion, pour cette science, entre la somme
 d'opérations nécessaires pour saisir
^{la vérité} ~~scientifiquement~~ l'objet, et l'importance
 de l'objet: de même qu'il y aurait
 disproportion à ~~toute~~ ~~une~~ théorie
~~scientifique~~ ~~qui~~ ~~ne~~ ~~fait~~ ~~le~~ ~~deux~~
~~rien~~ ~~de~~ ~~l'histoire~~ ~~des~~ ~~actes~~ ~~d'une~~ ~~fait~~
~~l'on~~ ~~formule~~ ~~rationnelle~~ ~~à~~ ~~la~~ ~~science~~
 entre ~~la~~ ~~science~~ la recherche de
 ce qui se passe pendant une partie
 de jeu et l'.

Fonte: Saussure (1891a, p. 215)

42 Ver a tese *Saussure: A escrita e a tradução dos conceitos de linguagem, língua e fala*, de Lima (2014).

E preciso revelar nosso pensamento o ~~mais~~
~~sincero~~^{íntimo}? É de se acatar ~~que nós~~;
~~embora nós não queiramos~~^{certamente} ~~absolutamente~~
~~xxx~~ afirmar, que a visão exata do
que é a língua não leva a ~~xxxx~~
duvidar do futuro, ~~como da~~
~~linguística xxxxx~~ e da missão
fecunda da linguística, Há
desproporção entre ~~xxx~~ a complicação
~~de la como ciência~~. Há despropor-
ção, para esta ciência, entre a soma
de operações necessárias para delimitar
~~racionalmente~~ cientificamente o objeto, e a importância
do objeto: assim como haveria
desproporção a toda uma teoria
racional ~~querer fazer a história da descri-~~
~~ção e a história das árvores de uma floresta~~
~~querer formular racionalmente aa xxxxx~~
entre ~~xxxxx~~ a pesquisa ^{científica} do
que se passa durante uma partida
de jogo e o

Considerações finais

A linguística vale mais pela aventura do linguista do que pelo avanço da própria disciplina. (Milner)

Nas páginas anteriores, abordamos o manuscrito EDL com o propósito de examinar as possibilidades de tomá-lo como a aventura saussuriana. Neste sentido, acompanhamos Saussure na construção de alguns conceitos que foram considerados parte do cabedal teórico responsável pela fundação da linguística moderna. Embora nosso objetivo tenha sido trazer momentos nos quais esses conceitos comparecem no referido manuscrito, impulsionados pelo viés do conceito de aventura de Agamben, fizemos o trabalho conscientes da impossibilidade de nos retirarmos do nosso tempo e, portanto, da condição de leitores do CLG.

Seguimos as veredas do manuscrito de Saussure também sabedores de que ele era de um homem do século XIX, de um vasto horizonte de conhecimento e uma preocupação ímpar com a verticalização da compreensão sobre o objeto dos estudos da linguagem, características que nos deixam muito aquém da apreensão por inteiro de sua elaboração. Além disso, a extensão do manuscrito e o longo período de recepção desses conceitos são suficientes para desencorajar uma abordagem que se queira integral. Ainda assim, juntar-se ao movimento do linguista e trilhar a sua escrita nesse manuscrito nos possibilitou uma razoável aproximação do seu tortuoso percurso de elaboração teórica, que não se faz sem os impasses que a sua escrita denuncia. Assim, colocamos como

um compromisso ético apontar também esses momentos de deriva, repetição, retornos e vazios, que são constitutivos do seu processo de elaboração.

Acreditamos que tal experiência de seguir a escrita desses conceitos em estado de construção e, portanto, em constante movimento, fornece, aos que a acompanham, elementos para entendê-los melhor, inclusive no seu contexto histórico-teórico. Em trabalho anterior, o nosso foco na rasura pode apontá-la como constitutiva do movimento de Saussure na fundação da linguística moderna.¹ Neste trabalho, a noção de movimento permanece operatória em nossas análises, porém esperamos que, ao apresentar, através do EDL, os conceitos de (i) signo linguístico, (ii) forma e substância, (iii) sincronia e diacronia e (iv) língua, linguagem e fala, eles tenham podido se resignificar e quiçá serem entendidos como constitutivos e como efeitos da aventura teórica que o linguista percorre no seu manuscrito.

A nossa observação e análises do manuscrito indicam que os conceitos tratados no EDL são muito semelhantes a alguns presentes no CLG, mas certamente não estão no mesmo estágio de elaboração. Um exemplo é o conceito de forma, que aparece num estágio bastante próximo do que encontramos no CLG, apesar de, neste último, se configurar mais sintético e pouco hipotético, feição sob a qual ele mais frequentemente se apresenta no manuscrito. Entretanto, nem sempre o mesmo acontece com outros conceitos sobre os quais nos detivemos.

No caso dos conceitos de sincronia e diacronia, por exemplo, é patente que há, por parte de Saussure, uma aproximação da necessidade de duas vias distintas de pensar a linguagem. No EDL,

¹ Ainda assim, é preciso notar que o CLG conhece pelo menos dois usos distintos do termo “signo”, embora o mais corrente seja aquele que é formado pelo significante e significado. O outro uso é parecido com um dos usos do EDL.

ele chega a alinhar uma perspectiva a estado e a outra à história, mas, ali, o termo “sincronia” ainda não aparece. Ademais, ele elenca bem mais de duas vias para abordar o que no CLG nós lemos como linguística sincrônica e linguística diacrônica. Já o conceito de signo é mais complexo, porque se, por um lado, todos os elementos do signo, bem como a teoria do valor – que determina o funcionamento do sistema no qual os signos subsistem –, estão formulados de maneira aproximativa com o encontrado no CLG, por outro lado, a terminologia e, conseqüentemente, a conceituação dos elementos que compõem o signo linguístico está muito distante do que se encontra no CLG.

Em relação à hipótese corrente de esse manuscrito ser o projeto de um livro, talvez algo parecido com o CLG, é possível fazermos uma observação depois do nosso trabalho de análise e reflexão. Apesar dos indícios, em cartas e em outros manuscritos, não serem desprezíveis e de o próprio manuscrito trazer sinais de que poderia se tratar da escrita de um livro, o que nos levaria a acolher essa hipótese, a nossa abordagem pela via da reflexão do filósofo italiano Agamben nos deu elementos para compreender que a ideia de escrever um livro, no qual se apresenta um conhecimento estabelecido, dobrou-se à aventura de sustentar o encontro com o desconhecido da língua.

A cada movimento de escrita, Saussure deparava-se com o que ainda estava para ser dito sobre a língua, com o que ninguém ainda suspeitava sobre ela e seu funcionamento, nem mesmo o próprio Saussure. Era preciso que ele continuasse a escrever, movido pelas potências que regem a vida humana e são constitutivas da aventura. Nesse percurso de escrita, ele escrevia o que ele e ninguém mais ainda não sabia. Tal experiência não é, tradicionalmente, alinhada com a escrita de um livro. Um livro, em geral, é escrito a partir do que se sabe para comunicar aos que não sabem. Saussure, então, se dedicou

à aventura de não se furtar ao insabido da língua, de sustentar esse trajeto de escrita no qual se chegava a respostas sobre a língua, ao mesmo tempo em que brotavam mais questões. Nesse movimento em espiral, próprio aos furacões, Saussure não escreveu um livro, mas formulou os pilares teóricos que autorizaram cernir um novo objeto da ciência: a língua.

De toda forma, esperamos que o nosso trabalho tenha conseguido mostrar que a aventura em Saussure não se manteve a mesma, desde *Les Aventures de Polytychus*, passando por *Souvenirs* e chegando ao EDL. De fato, o termo aventura é polissêmico, como já nos adverte Agamben (2018), o que pode ser comprovado em algumas das experiências de Saussure. Para o linguista, a aventura aos 17 anos tem um significado bastante próximo de peripécias; no *Souvenirs*, a aventura era pautada nas recordações que poderiam dar sentido a uma cicatriz – nesse caso, a hipótese de que algumas das suas ideias no *Mémoire* eram plagiadas. No EDL, por sua vez, contemplamos a própria aventura de Saussure em curso pelas pegadas que ele registra no seu manuscrito: trata-se da própria experiência da aventura, sem, no entanto, mencioná-la. No manuscrito, vemos que a aventura é um risco singular com o qual se traça uma escrita não linear, errática, talvez, e ainda assim compartilhável.

É digna de lembrança a perspectiva de Milner (2002) no livro *Le périple structurel*, no qual, ao apresentar o seu panorama do chamado “estruturalismo”, ele retoma o substantivo do título, que, no grego antigo, significava circum-navegação e, nas viagens dos gregos, romanos e fenícios, designava o manuscrito que registrava locais por onde os navios passavam, permitindo que o capitão de uma embarcação pudesse refazer a viagem. O termo incorporou-se ao português com o sentido de travessia. O autor apresenta o périplo, essa espécie de mapa manuscrito de uma travessia – interpretação

que os diversos significados do termo permitem –, a partir de capítulos que levam os nomes dos pensadores mais representativos do movimento na sua passagem pela Europa. O ponto inicial é Saussure, claro, já que foi o genebrino quem deu a partida definitiva a isso que Milner chama de périplo estrutural. A ideia, portanto, de aventura na produção intelectual de Saussure não parece tão nova. Buscamos, neste trabalho, contribuir com a pertinência dessa perspectiva um pouco além de resumi-la a uma metáfora do trabalho do genebrino.

Talvez uma consequência lateral deste trabalho esteja relacionada com a afirmação de Agamben (2018, p. 61) que “todo homem se encontra preso à aventura, todo homem tem, por isso, a ver com Daimon, Eros, Ananche, Elpis. Esses são os rostos – ou as máscaras – que a aventura – a Tyche – a cada vez lhe apresenta”. Talvez o leitor deste trabalho possa, por um lado, deslocar as atribuições grandiosas comumente associadas a Saussure, que o classificam de mito ou genial, e acolher o seu trabalho em outra dimensão, e, por outro lado, renovar a apreensão da sua própria formação e atuação como linguista.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **A aventura**. Tradução e notas de Cláudio Oliveira. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2018. Original publicado em 2015.

AMACKER, R. Avant propos. *In* : SAUSSURE, F. **Science du langage**: de la essence double du langage. Éditions des Écrits de Linguistique Générale établie par René Amacker. Genève: Librairie Droz, 2011. p. 9-15.

ARISTÓTELES. **Física I e II**. Prefácio, tradução, introdução e comentário: de Lucas Angioni. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

AUROUX, S. **A filosofia da linguagem**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

BADIR, S. Les Aventures de Polytychus. *In*: BOUQUET, S. (Org.). **Cahier Saussure**. Paris: Éditions de L'Herne, 2003. p. 473-500.

BARTHES, R. **A câmara clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral I**. 3. ed. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Campinas: Pontes Editores, 1991.

BENVENISTE, E. Lettres de Ferdinand de Saussure à Antoine Meillet. **Cahiers Ferdinand de Saussure**: Revue suisse de linguistique générale, Genève, v. 21, n. 1, p. 91-125, 1964.

BOUQUET, S. **Introdução à leitura de Saussure**. São Paulo: Cultrix, 2000.

BOUQUET, S.; ENGLER, R. Prefácio dos editores. *In*: SAUSSURE, F. **Escritos de linguística geral**. Texto organizado e editado por Simon Bouquet e Rudolf Engler. Tradução de Carlos Augusto L. Salum e Ana Lucia Franco. São Paulo: Cultrix, 2004. Original publicado em 2002. p. 11-17.

CHIDICHIMO, A. **Il manoscritto saussuriano L'essence double du langage**. 2012. Tese de doutorado inédita. Calábria, 2012.

CHIDICHIMO, A. GAMBARARA, D. Trois chapitres de 'L'essence double du langage'. **Cahiers Ferdinand de Saussure**: Revue suisse de linguistique générale, Genève, n. 61, p. 113-129, 2008.

COELHO, M. P. **Ferdinand de Saussure: entre a língua e as línguas**. 2019. 141 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/28940>. Acesso em: 15 jan. 2021.

COSERIU, E. **Lições de linguística geral**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.

COURSIL, J. **Valeurs pures: le paradigme sémiotique de Ferdinand de Saussure**. Limoges: Lambert Lucas, 2015.

DE LEMOS, C. T. G. Prefácio. *In*: SILVEIRA, E. **As marcas do movimento de Saussure na fundação da linguística**. Campinas: Mercado de Letras/FAPESP, 2007. p. 11-13.

DE MAURO, T. Notes biographiques et critiques sur F. De Saussure. *In* : SAUSSURE, F. **Cours de linguistique générale: édition critique**. Paris: Payot, 1986a. Original

publicado em 1967. p. 319-389.

DE MAURO, T. Notes. In : SAUSSURE, F. **Cours de linguistique générale**: édition critique. Paris: Payot, 1986b. Original publicado em 1967. p. 405-477.

FEHR J. Saussure: cours, publications, manuscrits, lettres et documents. Les contours de l'œuvre posthume et ses rapports avec l'œuvre publiée. **Histoire Épistémologie Langage**, Paris, tome 18, fascicule 2, p. 179-199, 1996. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/hel_0750-8069_1996_num_18_2_2469. Acesso em: 20 jun. 2021.

FREI, H. Saussure contre Saussure. **Cahiers Ferdinand de Saussure**: Revue suisse de linguistique générale, Genève, n. 9, p. 7-28, 1950.

FREUD, S. **Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância**. Rio de Janeiro: Imago, 1994. Original publicado em 1910.

GIEMBINSKY, M. S. L. **A diacronia e a sincronia no(s) curso(s) de Linguística Geral**: dos cursos à edição. 2019. 91 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu/di.2019.2358>. Acesso em: 20 jul. 2021.

GODEL, R. **Les Sources manuscrites du cours de linguistique générale de Ferdinand de Saussure**. Genève: Droz, 1969. Original publicado em 1957.

HENRIQUES, S. M. **Os manuscritos de Ferdinand de Saussure sobre as lendas germânicas**: uma relação entre a fala e a história. 2019. 151 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2019. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1636707>. Acesso em: 15 jan. 2021.

JAKOBSON, R. **Seis lições sobre o som e o sentido**. Lisboa: Moraes Editores, 1977.

JOSEPH, J. **Saussure**. Oxford: Oxford University Press, 2012.

KLIPPI, C. **La vie du langage** : la linguistique dynamique en France de 1864 à 1916. Lyon: ENS Éditions, 2010.

LACAN, J. **O seminário** - livro 23. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

LIMA, T. R. S. e. **Saussure**: a escrita e a tradução dos conceitos de linguagem, língua e fala. 2014.

102 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Letras e Artes) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/15460>. Acesso em: 15 jan. 2021.

LISPECTOR, C. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

LITTRE, É. **Dictionnaire de la langue française**. Paris: Jean-Jacques Pauvert, 1956-1957.

MALLARMÉ, S. **Um lance de dados**. Tradução de Álvaro Faleiros. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014.

MARCHESE, M. P. Une source retrouvée. **Cahiers Ferdinand de Saussure: Revue suisse de linguistique générale**, Genève, n. 56, p. 333-339, 2003.

MARQUES, A. C. M. A fecundidade teórica da noção de relação na delimitação entre sincronia e diacronia: uma análise de manuscritos saussurianos. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 14, n. 2, p. 2027-2043, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1984-8412.2017v14n2p2027>. Acesso em: 20 fev. 2021.

MARQUES, A. C. M. **O enigma saussuriano do ponto de vista-objeto**. 2021. 196 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Uberlândia, 2021. Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.te.2021.22>. Acesso em: 15 jan. 2021.

MENEZES, L.C. A ciência já está crescida para ver como o acaso é fundamental. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 9 de julho de 1995. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/7/09/mais!/32.html>. Acesso em: 10 jul. 2019.

MILNER, J. C. **Introdução a uma ciência da linguagem**. Vários tradutores. Petrópolis: Editora Vozes, 2021. Original publicado em 1989.

MILNER, J. C. **Le périple structural** : figures et paradigme. Paris: Seuil/Verdier, 2002.

MILNER, J. C. **O amor da língua**. Tradução Paulo Sérgio de Souza Junior. Campinas: Editora da UNICAMP, 2012. Original publicado em 1987.

MORA, J. F. **Dicionário de filosofia**. Cuarta Edición. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1958.

NORMAND, C. **Convite à linguística**. Organização de Valdir do Nascimento Flores e Leci Borges Barbisan. Tradução de Cristina de Campos Velho Bircket. São Paulo:

Contexto, 2009.

O'MALLEY, C. D.; SAUNDERS, J. B. de C. M. (Eds.). **Leonardo on the Human Body: The Anatomical, Physiological and Embryological Drawings of Leonardo da Vinci**. New York: Henry Schuman, 1952.

PUECH, C. Saussure : réception et héritage. **Modèles Linguistiques**, Gurs, v. 41, 2000. Disponível em: <https://journals.openedition.org/ml/1446?lang=en>. Acesso em: 15 jul. 2021.

ROUSSEAU, J. J. **Ensaio sobre a origem das línguas**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008.

SAUSSURE, F. **Récit Autobiographique de sa jeunesse et de ses études**. Manuscrito arquivado na Bibliothèque de Genève, nos Archives de Ferdinand de Saussure, 3957-1. 1903.

SAUSSURE, F. **Cours de linguistique générale** : édition critique par Rudolf Engler. Tomo 1. Wiesbaden : Otto Harrassowitz, 1989a. Original publicado em 1968.

SAUSSURE, F. **Cours de linguistique générale** : édition critique par Rudolf Engler. Tomo 2: appendice – Notes de F. de Saussure sur la linguistique générale. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1989b. Original publicado em 1968.

SAUSSURE, F. **Cours de linguistique générale** : édition critique préparée par Tullio de Mauro. Paris: Payot, 1986. Original publicado em 1967.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. Editado por Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Tradução A. Chelini, J. P. Paes e I. Blikstein. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 1973. Original publicado em 1916

SAUSSURE, F. **De l'essence double du langage**. Manuscrito arquivado na Bibliothèque de Genève, nos Archives de Ferdinand de Saussure, 372: Les Manuscrits. [1891a?].

SAUSSURE, F. De l'essence double du langage. Transcription diplomatique établie par Rudolf Engler d'après le manuscrit déposé à la Bibliothèque de Genève (1996). **Texto!**, [s. l.], 2004-2005. Disponível em : http://www.revue-texto.net/1996-2007/Saussure/De_Saussure/Essence/Engler.html. Acesso em: 21 abr. 2021.

SAUSSURE, F. De l'essence double du langage. Transcription diplomatique établie

par Rudolf Engler. **Cahiers Ferdinand de Saussure**: Revue suisse de linguistique générale, Genève, n. 50, 1997.

SAUSSURE, F. **Écrits de linguistique générale**. Texte établi et édité par Simon Bouquet et Rudolf Engler. Paris: Editions Gallimard, 2000.

SAUSSURE, F. **Escritos de linguística geral**. Texto organizado e editado por Simon Bouquet e Rudolf Engler, com a colaboração de Antoinette Weil. Tradução de Carlos Augusto L. Salum e Ana Lucia Franco. São Paulo: Cultrix, 2004. Original publicado em 2002.

SAUSSURE, F. **Notes «Item» Sôme et sème**. Manuscrito arquivado na Bibliothèque de Genève, nos Archives de Ferdinand de Saussure, Fr. 3951-15. [1897?].

SAUSSURE, F. **Notes écrites en vue d'un article sur W.D. Whitney**. Manuscrito arquivado na Bibliothèque de Genève, nos Archives de Ferdinand de Saussure, 3951-10. Bibliothèque de Genève. [1894?].

SAUSSURE, F. **Première conférence à l'Université de Genève (novembre de 1891)**. Manuscrito arquivado na Bibliothèque de Genève, nos Archives de Ferdinand de Saussure, 3951-1. 1891b.

SAUSSURE, F. **Science du langage** : de la essence double du langage. Édition des Écrits de Linguistique Générale établie par René Amacker. Genève: Librairie Droz, 2011.

SAUSSURE, F. Souvenirs de F. de Saussure concernant sa jeunesse et ses études. **Cahiers Ferdinand de Saussure**: Revue suisse de linguistique générale, Genève, v. 17, p. 12-25, 1960.

SILVEIRA, E. O lugar do conceito de fala na produção de Saussure. In: FIORIN, J. L.; FLORES, V. do N.; BARBISAN, L. B. (Orgs). **Saussure**: a invenção da Linguística. São Paulo: Contexto. 2013. p. 45-57.

SILVEIRA, E. Leitura de um manuscrito de Ferdinand de Saussure: recolocando a discussão sobre a história na linguística. **Revista de Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 31, 2002. Disponível em: <http://www.gel.hospedagemdesites.ws/estudoslinguisticos/volumes/31/htm/comunica/Cil23d.htm>. Acesso em: 20 jul. 2021.

SILVEIRA, E. O intervalo teórico de Saussure em fins do século XIX. **Matraga - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**, [s. l.], v. 21, n. 34, jun. 2014. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/view/17504>. Acesso em: 21 jul. 2021.

SOFIA, E. Quelques problèmes philologiques posés par l'oeuvre de Saussure.

Langages, Paris, n. 185, p. 35-50, 2012.

WILLEMART, P. **Bastidores da criação literária**. São Paulo: Iluminuras. 1999.

ZWEIG, S. **O mundo insone**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

ZWEIG, S. **24 horas na vida de uma mulher**. São Paulo: Editora LP&M, 2007.

SOBRE OS AUTORES

ELIANE SILVEIRA

Doutora em linguística pela Universidade Estadual de Campinas. Realizou pós-doutoramento na Université Sorbonne Nouvelle. Professora titular de linguística na graduação e na pós-graduação do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia. Fundadora do Grupo de Pesquisa Ferdinand de Saussure – CNPq e do grupo de trabalho Estudos Saussurianos – ANPOLL.

EDITORES

Gabriel de Ávila Othero (UFRGS)
Valdir do Nascimento Flores (UFRGS)

CONSELHO EDITORIAL

Adeilson P. Sedrins (UFRPE/UAG)
Adelia Maria Evangelista Azevedo (UEMS)
Ana Paula Scher (USP)
Aniela Improta França (UFRJ)
Atilio Butturri Junior (UFSC)
Carlos Alberto Faraco (UFPR)
Carlos Piovezani (UFSCar)
Carmem Luci Costa e Silva (UFRGS)
Cassiano R. Haag (MPSC)
Cátia de Azevedo Fronza (Unisinos)
Cláudia Regina Brescancini (PUCRS)
Claudia Toldo Oudeste (UPF)
Dermeval da Hora (UFPB)
Eduardo Kenedy (UFF)
Edwiges Maria Morato (Unicamp)
Eliane Silveira (UFU)
Elisa Battisti (UFRGS)
Esmeralda Negrão (USP)
Heloisa Monteiro Rosário (UFRGS)
Heronides Moura (UFSC)
Ingrid Finger (UFRGS)
Jairo Nunes (USP)
Janaína Weissheimer (UFRN)
João Paulo Cyrino (UFBA)
Juciane Cavalheiro (UEA)
Leonel Figueiredo de Alencar (UFC)
Luiz Francisco Dias (UFMG)
Mailce Mota (UFSC)
Marcelo Ferreira (USP)
Marcos Lopes (USP)
Marcus Lunguinho (UnB)
Maria Eugenia Duarte (UFRJ)
Mariangela Rios de Oliveira (UFF)
Pablo Ribeiro (UFSM)
Plínio Barbosa (Unicamp)

Rafael Minussi (Unifesp)
Renato Basso (UFSCAR)
Ronice Muller de Quadros (UFSC)
Ruth Lopes (Unicamp)
Simone Guessier (UFRR)
Simone Sarmento (UFRGS)
Sirio Possenti (Unicamp)
Sonia Cyrino (Unicamp)
Tânia Maris de Azevedo (UCS)
Ubiratã K. Alves (UFRGS)
Vitor Nóbrega (UFSC)
Viviane de Melo Resende (UnB)

OBRAS JÁ PUBLICADAS

COLEÇÃO ALTOS ESTUDOS EM LINGUÍSTICA

A aventura de Saussure

Eliane Silveira

“Ai, se seu te pego...”: aspectos prosódicos de estruturas desgarradas em língua portuguesa

Aline Ponciano dos Santos Silvestre

Aquisição atípica da linguagem: modelos linguísticos e prática clínica

Cristiane Lazzarotto-Volcão, Marian Oliveira e Maria João Freitas

Educação intercultural, letramentos de resistência e formação docente

Rodriana Dias Coelho Costa, Kléber Aparecido da Silva e Edinei Carvalho dos Santos

Formas de tratamento e “cordialidade”: mudança linguística e conceptualizações culturais

Geisa Mara Batista

Gramaticalização e gramática gerativa

Lorenzo Teixeira Vitral

Linguagem, cognição e ensino: reflexão sobre a linguagem em crianças com e sem diagnósticos

Thalita Cristina Souza Cruz e Fernanda Moraes D'Oliveira

Manual de Prosódia Experimental

Plínio A. Barbosa

Monotongação de ditongos orais no português brasileiro: uma revisão sistemática da literatura

Nancy Mendes Torres Vieira

O caso mais grosseiro da semiologia: o que Saussure pode nos dizer sobre os nomes próprios?

Stefania Montes Henriques

Uma abordagem da cena genérica como embreante paratópico: em pauta as cartas privadas de Mário, Drummond, Freud, Sêneca e John Wesley

Manuel Veronez

COLEÇÃO LINGUÍSTICA EM AÇÃO

Introdução à estatística para linguistas

Livia Oushiro

Investigando os sons de línguas não nativas: uma introdução

Felipe Flores Kupske, Ubiratã Kickhöfel Alves e Ronaldo Mangueira Lima Jr.

Linguística no feminino. Vozes femininas que fizeram a linguística no Brasil

Danniel Carvalho e Raquel Freitag

Manual de Morfologia Distribuída

Ana Paula Scher, Indaiá de Santana Bassani e Paula Roberta Gabbai Armelin

REVISÃO

Sara Luiza Hoff

CAPA E PROJETO GRÁFICO

Ad&a Studio

FICHA CATALOGRÁFICA

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Silveira, Eliane

A aventura de Saussure [livro eletrônico] / Eliane Silveira. -- 1. ed. --
Campinas, SP : Editora da Abralín, 2022. -- (Altos Estudos em Linguística)
PDF

Bibliografia.

ISBN 978-85-68990-28-5

1. Análise Linguística 2. Agamben, Giorgio - Crítica e interpretação 3.
Língua e linguagem - Estudo e ensino. 4. Linguística 5. Saussure, Ferdinand de,
1857-1913 - Crítica e interpretação I. Título. II. Série.

23-144523

CDD-410

Índices para catálogo sistemático:

1. Linguística 410

Henrique Ribeiro Soares - Bibliotecário - CRB-8/9314

DOI 10.25189/9788568990285

EDITORA DA **ABRALIN**

editora.abralin.org